

Semana

REVISTA DA

№ 5 — 1 Fev. 58 — Cr\$ 10,00



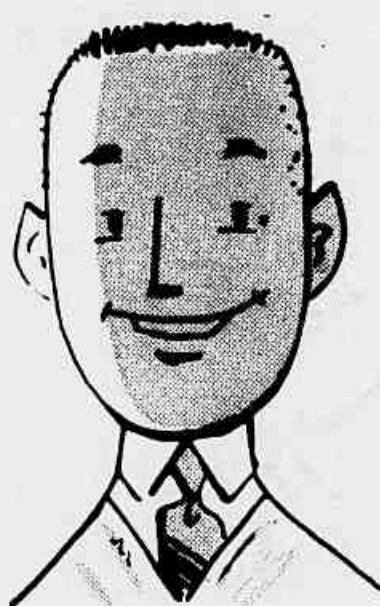
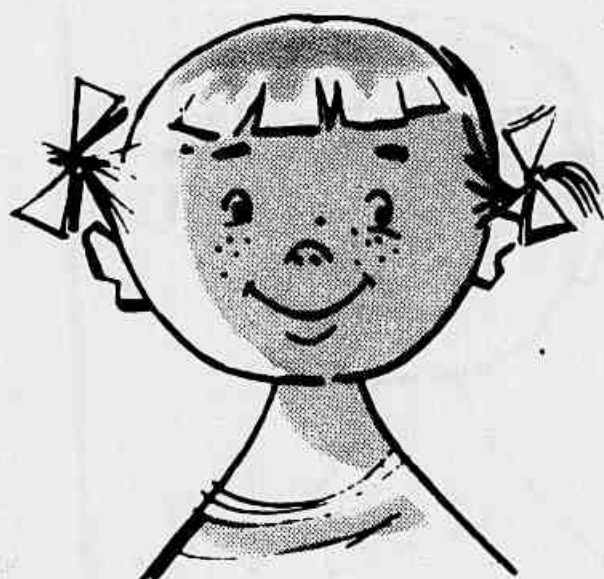
Bruxa p. 19

BRIGITE BARDOT

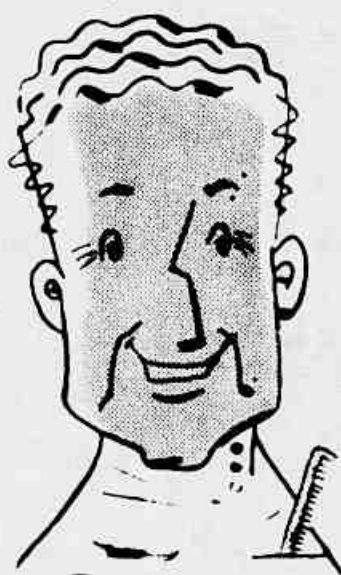
Deus criou
a mulher
e a censura
cortou

ROTEIRO
DOS ÚLTIMOS
DIAS
DE JIMENEZ

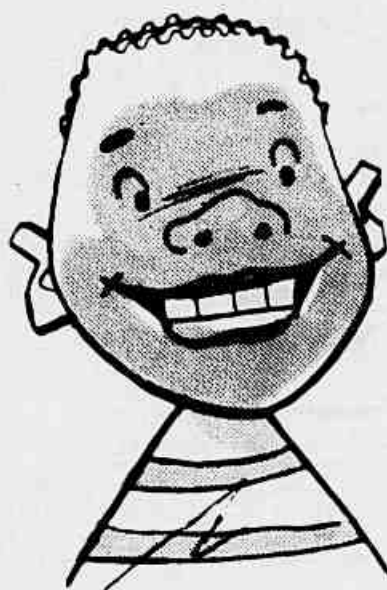




O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA 5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH 7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRH 9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

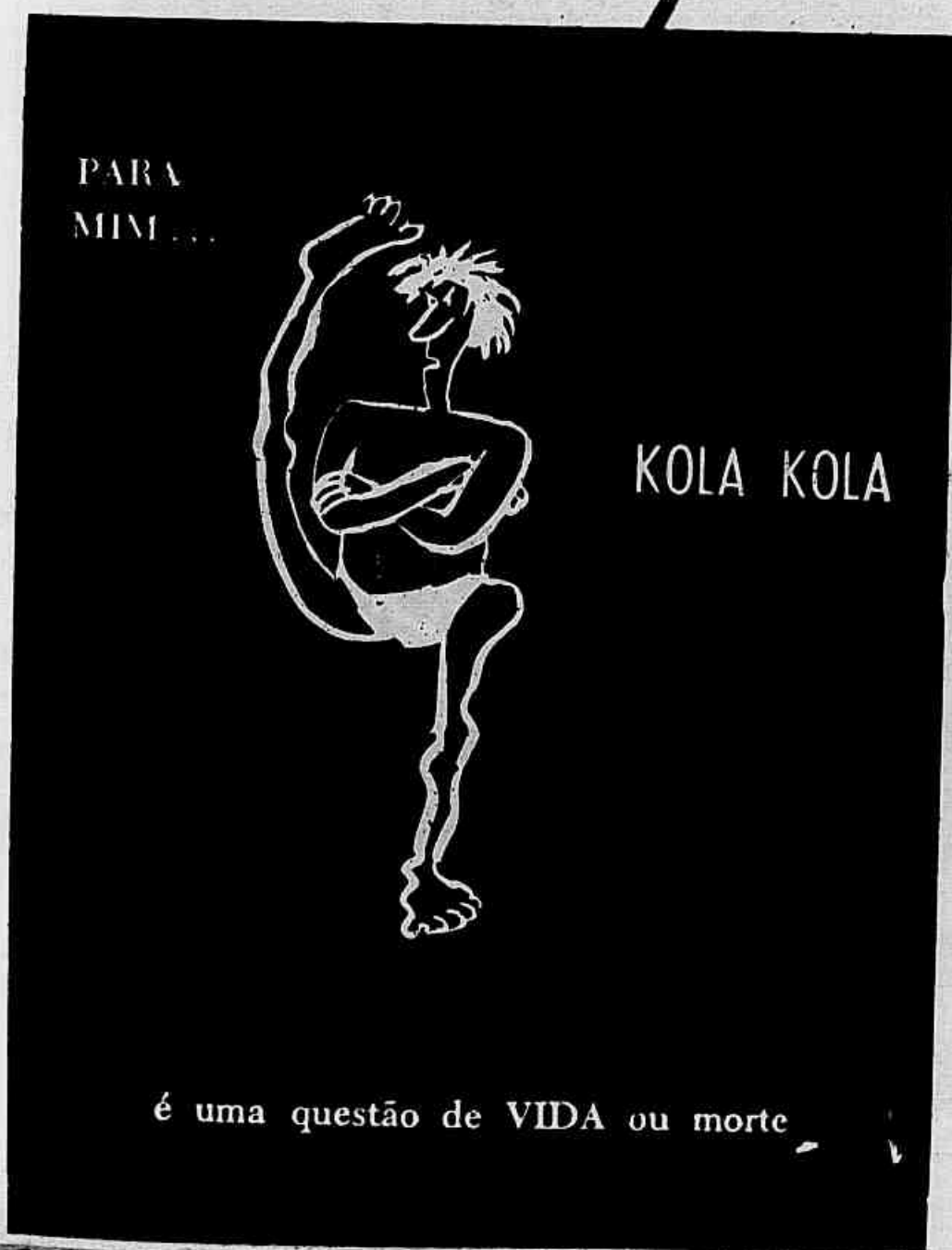
UM ANÚNCIO COM LEGENDAS EM PORTUGUÊS

POUR MOI...

anúncios que não existem - I



c'est une question de vie ou mort



ESTE ANÚNCIO CONTINUA NA PÁGINA 6

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 5, Rio 1-2-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÚ**
QUINTINO CARVALHO

Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrósio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Eli Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manuel Alves Mesquita. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

- | | |
|----------------------|---|
| ANÚNCIO | 3 — Kola Kola |
| CARTAS | 6 — Cartas a Vikki Dougan |
| POLÍTICA | 7 — Juscelino espera a vez para reatar com a Rússia |
| LADY MAXWELL | 10 — As últimas de São Paulo |
| CINEMA | 11 — O Homem de Mil Faces |
| GENTE | 14 — O escândalo do retrato da princesa |
| LIVROS | 16 — Octávio de Faria e o Diabo |
| ESPIONAGEM | 17 — Minha mulher me obrigou a ser espião |
| HUMOR | 19 — Bruxas — Ambrósio
43 — Mr. Abernathy
46 — A sra. Frola e o sr. Ponza, seu genro — Luigi Pirandello |
| TEATRO | 20 — Betti e as cabras |
| NOVELA | 22 — O Vagabundo e o Menino — Léo Victor |
| TESTES | 26 — Palavras Cruzadas |
| ESPECIAL | 44 — Um brotinho vai ser Rainha do Iraque
54 — Alagoas não tem só bang-bang
62 — Deus criou a mulher e a censura cortou Brigitte Bardot |
| PSICOLOGIA | 50 — O que querem os adolescentes? |
| NACIONAIS | 51 — Alagoas: Bom mesmo é revólver |
| ESPORTE | 58 — Receita para ser campeão do mundo |
| INTERNACIONAL | 60 — Perón procura asilo |
| OPINIÃO | 66 — Aluizio Alves |
| EXTRA | — Roteiro dos últimos dias de Marcos Perez Jimenez
— Linda Christian não vai casar com Baby Pynatari |





CONTATO

B. B., BRIGITTE BARDOT, que os franceses chamam da "Deusa do Amor" — um dos últimos quadros de Pablo Picasso. O quadro mostra uma mulher, nua, deitada, de costas, na mesma posição da cena de abertura do filme "E Deus Criou a Mulher".

Com *Et Dieu Crea La Femme*, Brigitte conquistou o direito de dizer que "é a mulher mais cortada pela Censura de todas as partes do mundo". E o direito de se dizer "a artista mais bem paga na História do cinema". (Ela está recebendo mais de dez milhões de cruzeiros por filme).

Segundo alguns críticos (sempre exigentes), o filme é mal escrito e mal dirigido pelo ex-marido de B.B. — Roger Vadim, e mal interpretado por Brigitte.

Mas assim que as luzes do cinema se apagam e que aparece Brigitte completamente nua ocupando toda a tela CinemaScope, a qualidade artística do filme e a interpretação da estrêla vão para segundo plano.

Temos, no entanto, o desprazer de informar que esta cena inicial não tem escapado às tesouras pudicas das Censuras.

E o prazer de informar que — muito possivelmente — só na REVISTA DA SEMANA poderão ter uma idéia de como começava o filme.

Atenção senhores passageiros. Atenção senhores passageiros para Brigitte Bardot! Queiram colocar os cintos de segurança. E boa viagem.

CARTAS (Para Vikki Dougan)

Roberto Barreto, SP

Enio Gomes Jardim, DF
§ Vikki.

Editor

**Ely Ramos & José Cardoso
Sobrinho, DF**

**"Magníficas as espáduas de
La Dougan".
Jayme Fadda, Santos, SP**

“Campo vasto, concordo, porém não inédito, como ela pode querer fazer crer. Mas isso, no fundo, não importa”.

Horácio B. Braga,
Jundiaí, SP

"Devo informar ao senhor redator que a concorrência é dura".

M.N.P., DF

**"Mais Vikki Dougan".
Roberto C. Castriotto,
Niterói, RJ**

**"Um hurra para Vikki".
Sílvia Donato Campello, DF**

"Será que esta moça não se envergonha? Eu, no lugar dos senhores, me envergonharia por ela e deixaria de publicar tamanha demonstração de falta de pudor".

**Maria Gracinda Pinto
Guedes, SP**

"Sei que isto faz vender revistas, mas caramba! deve haver limite para tudo"

Generoso Pinto Filho, DF

"Comprei a revista, li (e especialmente vi), mas não levei para casa. Agora, compro e deixo no escritório. Mas que venha mais Viki Dougan".

Alberto Lima,
Belo Horizonte, Minas

“A mulher da Terra que deveria ser apresentada aos marcianos am primeiro lugar faria com que êles invadissem isso aqui para não ir embora nunca mais. E não sei se isto seria bom”.

João S. Melo,
Campo Grande, MG

“O que é que acontece? Vejo as moças de revista e nunca fui capaz de me encontrar com uma delas. Isso não existe e só acredito vendo. Os senhores poderiam patrocinar...”

Pedro Paulo da Fonseca, SP
§ Não.

Editor

“Além de ser uma magri-
cela, não vi o que pudesse
desculpar o seu desejo de exi-
bicionismo”

Mar Ann Schmidt da Costa, SP

§ Veja de novo.

Editor

"Vikki Dougan é Lady Maxwell?"

**Adísio Ferreira, Maceió,
Alagoas**

§ Infelizmente não.

Editor

“Quando eu reclamei (R\$. dez. 14) que não havia fotografias, não estava também pedindo tanto. De qualquer forma, obrigado pela atenção e por Vikki”.

Sílvio Viana, DF

"Afiml, nem só de pão vive o homem".

Roberto Sampalo, DF

"Vocês viram o Vão Gogo? Até ele ficou impressionado com a Vikki".

Renato Pereira Gomes
Cardim, SP

**"Está no meu álbum".
Gessy Corêa, DF**

"Essa não. Tem pena, moço"

Saulo Corrêa, DF

"Minha tia, uma senhora
muito virtuosa, dizia:

— Vocês não podem imaginar o que há por esse mundo.

Ela tinha tôda razão".
Josmar Reis Neto, SP

**ESTE
É
MEU
PARCEIRO**

ESTE
SOU
EU

É ESTA É
KOLA KOLA

PARA REATAR COM A URSS JK SÓ ESPERA COBERTURA

NACIONAL

NÃO É VERDADE que o sr. Juscelino Kubitschek seja contra o reatamento de relações com a União Soviética. Ele é a favor. Só que ainda não se decidiu a tomar uma atitude clara, e vacila entre as duas principais correntes em que está dividido o governo. E aconteceu que, em determinado momento, a corrente contra estava, pelo menos aparentemente, muito mais forte, além de contar (principalmente por obra de dona Odete de Souza, do Departamento Político do Itamarati) com maior cobertura de imprensa. Mesmo assim, porém, ele não chegou a arriscar um pronunciamento claro — duas vezes oficialmente anunciado e duas vezes adiado — à espera de que um dos dois lados conquiste uma posição definitiva sobre o outro.

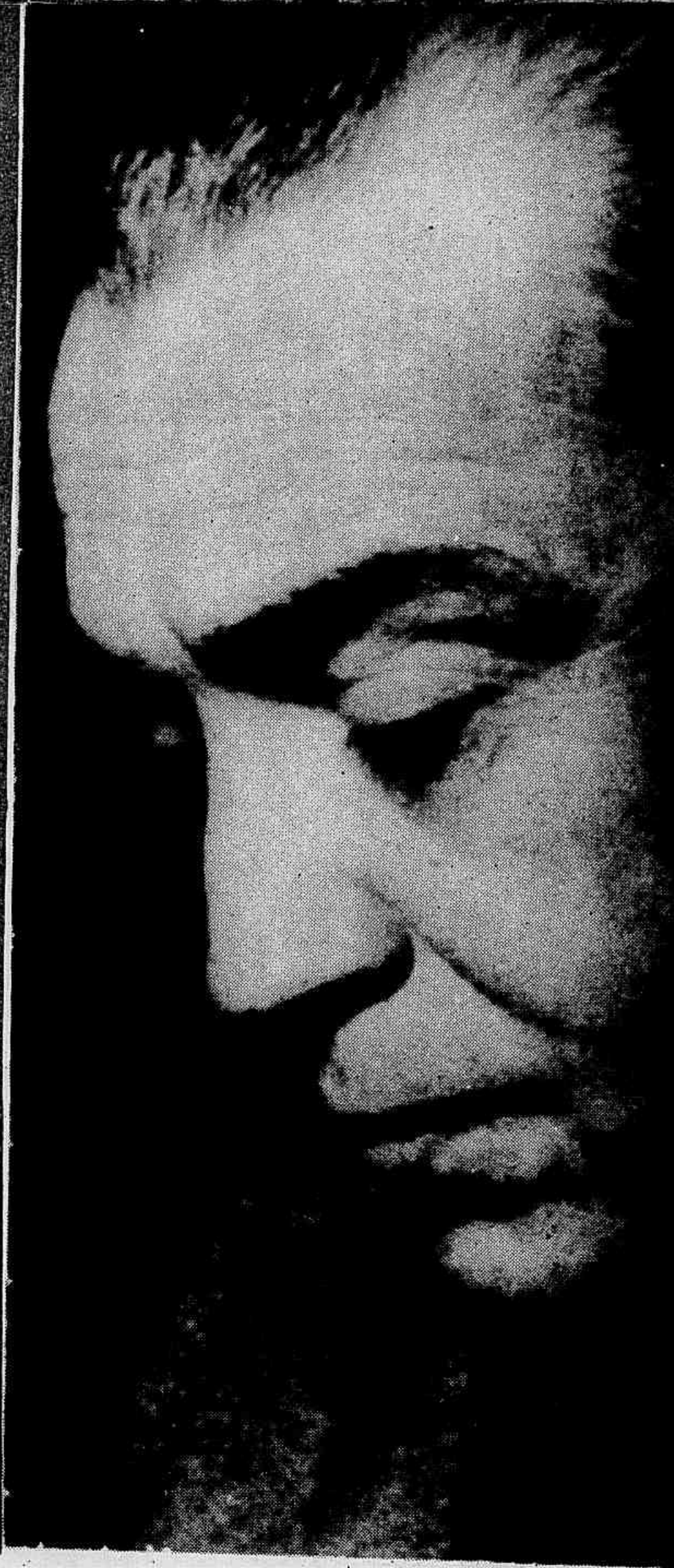
Agora, porém, está-se aproximando o momento de uma definição presidencial. E o quadro é o seguinte:

1 -- As classes conservadoras tomaram posição clara pelo reatamento.

2 -- O Departamento Político do Itamarati sofreu um desgaste considerável e muitos setores julgam superado o relatório de dona Odete. O governo já pediu estudos mais completos ao Conselho de Segurança Nacional. Os próprios inimigos do reatamento acham que dona Odete "precipitou-se" e deu armas ao adversário.

3 -- O Conselho de Segurança (cuja opinião, qualquer que seja, tem força para anular a opinião, também qualquer que seja, do Departamento Político do Itamarati) é a favor do reatamento e está procurando a fórmula para indicar ao governo.

4 -- A opinião dos ministros militares não é definitivamente contrária. O sr. Macedo Soares (não por acaso) desmentiu que eles tivessem dito qualquer coisa



na reunião havida no Itamarati, para ouvirem a leitura do relatório de dona Odete. Diz-se que o desmentido do sr. Macedo Soares veio a pedido do general Teixeira Lott. O ministro da Guerra não teria gostado das especulações de alguns jornais em torno de sua posição e chegou a aconselhar a repórteres que o procuraram para saber a verdade: "procurem o ministro do Exterior".

5 — No próprio Itamarati há divergências. O Departamento Econômico (ministro Barbosa da Silva) é a favor do reatamento e acha que dona Odete "está exorbitando".

6 — O reatamento conta com o apoio de grande parte do Congresso — provavelmente a maioria — e particularmente do setor mais combativo da Câmara e do Senado, inclusive a "frente nacionalista".

7 — A situação econômico-financeira do país exerce crescente pressão no sentido da procura de novos mercados.

8 — Contra (firmes) o reatamento estão o alto clero, alguns grupos que cercam o governo, alguns líderes militares e certos grupos ligados a interesses estrangeiros.

Diante desse quadro, JK está colocando sua decisão na dependência de mais ampla cobertura. Por isso ele pretende transferir o problema ao Congresso, onde está certo de encontrar a cobertura que deseja — para o reatamento.

SENADO: OS QUE SAEM E OS QUE NÃO VOLTAM

VINTE E UM dos atuais 63 senadores perderão, este ano, seus mandatos. Desses 21, poucos são aqueles que têm possibilidade de voltar ao Monroe. Muitos nem mesmo serão candidatos à reeleição. Outros deverão candidatar-se ao governo dos seus Estados, como é o caso, por exemplo, dos srs. Parsifal Barroso (Ceará), Apolônio Sales (Pernambuco), Carlos Lindenberg (Espírito Santo).

A cada nova eleição, a disputa em torno das senadurias se torna mais renhida. Dela vêm participando líderes políticos da maior expressão nos Estados: Benedito, Juracy, Ludovico, Filinto.

O PTB está disposto a assumir o controle do Senado, elegendo maioria maciça. Esse propósito contribuiu para aumentar ainda mais o interesse dos diversos partidos, sobretudo do PSD e da UDN, pelas cadeiras do Monroe. Até agora, o PSD possui a maior bancada, seguido pelo PTB em segundo e, em terceiro, pela UDN. Nas últimas eleições, porém, pesedistas e udenistas perderam várias cadeiras para o PTB, que pretende eleger, no pleito de outubro, pelo menos 17 novos senadores, a fim de assumir o controle do Senado.

São os seguintes os 21 senadores cujos mandatos (oito anos) terminam este ano: Vivaldo Lima (PTB do Amazonas); Prisco dos Santos (UDN do Pará); Ban-



Cinco das 21 possíveis vagas no senado: Arthur Bernardes Filho, Apolônio Sales,

deira de Melo (PSD do Maranhão, suplente do sr. Assis Chateaubriand); Arêa Leão (PTB do Piauí); Onofre Gomes (PSD do Ceará); Kerginaldo Cavalcanti (PSP do Rio Grande do Norte); Rui Carneiro (PSD da Paraíba); Apolônio Sales (PSD de Pernambuco); Ezequias da Rocha (PR de Alagoas); Júlio Leite (PR de Sergipe); Neves da Rocha (PTB da Bahia, suplente do sr. Landolfo Alves); Carlos Lindenberg (PSD do Espírito Santo); Alencastro Guimarães (PTB do Distrito Federal); Bernardes Filho (PR de Minas); Sá Tinoco (PSD do Estado do Rio); Lineu Prestes (PSP de São Paulo, suplente do sr. César Vergueiro); Domingos Velasco (PSB de Goiás); Othon Mader (UDN do Paraná); Gomes de Oliveira (PTB de Santa Catarina); Sílvio Curvo (UDN de Mato Grosso) e Alberto Pasqualini (PTB do Rio Grande do Sul).

Desses, vários dizem que não pretendem candidatar-se a coisa alguma: Bandeira de Melo, Onofre Gomes, Ezequias da Rocha, Neves da Rocha, Lineu Prestes, Sá Tinoco, Sílvio Curvo e Alberto Pasqualini.

Outros, porém, tentarão reeleger-se: Vivaldo Lima, Kerginaldo Cavalcanti (pelo Distrito), Rui Carneiro (que terá de enfrentar o sr. José Américo), Apolônio Sales (se não puder ser candidato a governador de Pernambuco), Bernardes Filho (cuja vitória é considerada certa), Gomes de Oliveira (que espera ser indicado pelo PTB de Santa Catarina).

Outros tentarão eleger-se deputados: Alencastro Guimarães, Domingos Velasco, Othon Mader.

O VERDADEIRO RESULTADO DE 5 DE JANEIRO

NÃO FORAM INTERPRETADOS corretamente pela maioria dos jornais cariocas os resultados das eleições municipais de 5 de janeiro no Rio Grande do Norte.

Porque:

1. não houve vitória do PSD;
2. não houve derrota da UDN;
3. não houve grande crescimento do PTB.

Exemplo: a UDN sempre foi numericamente a segunda força eleitoral do Estado. O PSD, desde 1945, apresentou superioridade eleitoral, contando inicialmente com o apoio de pequeno contingente do PTB, e, mais tarde, do PR, que se formou de uma cisão udenista. A partir de 1950, uma cisão do PSD criou o PDC, aliado à UDN. O PSP, partido do sr. Café Filho, ficou como fiel da balança. Aliado do PSD, em 1950, deu-lhe a vitória. Aliado em 1955 à UDN, tomou o governo estadual do PSD.

Eleito o sr. Dinarte Mariz governador do Estado (vitória da UDN, PDC, PSP) tivemos, dois anos depois, o primeiro pleito municipal, que apresentou, nos seus resultados, o seguinte quadro:

1. O PSD, que já contou com 34 prefeituras do interior, ficou reduzido a 18;
2. a UDN aumentou o número de prefeitos e, mesmo onde foi derrotada, criou forças eleitorais que anteriormente não existiam. Exemplos: — Baixa Verde, Açu, etc.

3. o PTB apresenta-se nominalmente com 3 prefeituras, mas, na realidade, apenas uma — a de Macau — exprime vitória sua. A de Mossoró foi vitória do PR, apoiando candidato que se abrigara na legenda do PTB, e a de Currais Novos foi vitória de uma cisão transitória da UDN e do PSD, pouco importando, no caso, o registro eleitoral da legenda.

No tocante às posições dos partidos, em face do governo, o resultado foi este:

- forças que apoiavam o governo, por ocasião do pleito, 24 prefeitos;
- forças opostas ao governo, 23 prefeitos.

Esse quadro mesmo começa a modificar-se e, ao que tudo indica, no sentido de aumentar a percentagem governamental.

Todo o equívoco do noticiário se baseia em cálculos (atribuídos ao governador Dinarte Mariz) que previam para as forças governamentais 70% das prefeituras, quando obteve 51%. Mas, se houve erro de



Domingos Velasco, Alencastro Guimarães e Rui Carneiro.

estimativa, isso não quer dizer que houve vitória da Oposição, pois esta continuou no declínio eleitoral iniciado já há alguns anos. E este último dado exprime bem a situação: os candidatos governamentais, eleitos ou derrotados, somaram cerca de 10 mil votos mais do que os da Oposição.

PTB NÃO QUER MAIS SER APÊNDICE DO PSD

A CHEFIA DO PTB programou para outubro a primeira fase do seu plano (em execução) destinado a levar o partido à conquista do Poder nas eleições de 1960.

As etapas do plano:

1. Fazer a segunda bancada na Câmara e no Senado, onde ficará em inferioridade numérica apenas em relação ao PSD.

2. Eleger os governadores do Rio Grande do Sul, do Estado do Rio, de São Paulo, do Ceará, do Amazonas, agora, e outros mais em 1960.

3. Ter candidato próprio à sucessão presidencial.

Os trabalhistas acham que o partido está em permanente ascensão. Sua bancada na Câmara passou de 15 deputados em 1946 para 36 em 1950 e para 61 em 1954, esperando-se que este ano atinja 90 representantes.

No Senado, atualmente, a bancada trabalhista já é a segunda, perdendo em número apenas para o PSD. Todas as composições atuais que o partido vem realizando nos Estados com vistas ao pleito de outubro têm por objetivo eleger o maior número de senadores, a fim de assumir o controle do Monroe.

Os táticos do partido argumentam que ele já domina atualmente um eleitorado superior ao da UDN. E explicam que embora tenham número menor de deputados em relação à bancada udenista, dispõem de mais legendas, segundo os dados agora publicados pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Enquanto se lançam à execução desse

plano eleitoral, os petebistas recebem adesões por eles consideradas de grande importância para o futuro do país. Antigos líderes conservadores e representantes da elite cultural do país estão ingressando no PTB, ou pelo menos passaram a ver com olhos muito simpáticos a legenda trabalhista. Tal é o caso, por exemplo, do sr. Renato Costa Lima, advogado de companhias estrangeiras e cujas aproximações com o populismo já o apontam inclusive como provável candidato do partido às eleições para governador de São Paulo.

Justamente nesse Estado, o PTB acredita que solucionou todos os seus problemas, com o ingresso do sr. Jânio Quadros em suas fileiras. Além de ganhar o governo de um grande Estado, sem ter feito nenhuma força para eleger o seu respectivo governador, o PTB obteve:

1. Uma grande cobertura moral.

2. Um elemento que pelo prestígio do seu cargo e do seu nome será capaz de pacificar o PTB paulista, sempre dividido e subdividido em numerosas alas.

3. Um denominador comum capaz de enfrentar o sr. Ademar de Barros, grande preocupação dos petebistas, que acham que o chefe do PSP, pelo seu estilo populista, é o único líder capaz de desviar uma parte do eleitorado de massa. Não o consideram, entretanto, como inimigo. Preferem mantê-lo na posição de aliado eventual. Esperam que sua derrota nas próximas eleições em São Paulo o liquidem irremediavelmente, tirando-o assim do caminho e fazendo voltar ao curral petebistas as reses que se desgarraram no rebanho do PSP.

Feito tudo isto os petebistas acham que o PSD correrá para eles, contente em ficar na posição de segundo partido — mas ainda no poder.

MEL, CACHAÇA, ÁGUA BENTA & RABO DE GATO

O SR. ADEMAR DE BARROS quer que o sr. Horácio Lafer seja candidato,

com ele, à vice-governança. Argumenta: Lafer pode gastar 200 milhões de cruzeiros com a campanha.

O PSD é contra. Argumenta: Lafer é pessedista e poderá trair Ademar, como Noveli e Lucas Garcez o traíram. Um pessepista (como o sr. Lino de Matos) nunca trairia o chefe.

Responde Ademar: um pessepista seria bom, seria de confiança, mas não tem dinheiro e o importante é dinheiro. Lafer tem 200 milhões e vale a pena arriscar.

Insiste o PSP: não devemos correr tamanho risco. Mais vale um magro no papo do que um gordo no rabo do gato.

OS CÍRCULOS POLÍTICOS cearenses estão confiantes em que o sr. Virgílio Távora (UDN) será eleito governador do Estado, com o apoio de petebistas e pessedistas, funcionando o acordo anteriormente feito em torno de seu nome e que o sr. Parsifal Barroso, com apoio do presidente da República, rompeu, visando a ser candidato. O ministro do Trabalho também diz que vencerá, confiado no apoio de JK e do clero, mas seus próprios amigos mais íntimos não acreditam e dizem que presunção e água benta cada qual toma na dose que quer.

O SR. ULISSES Guimarães está num beco sem saída. Não pode candidatar-se (novamente) à presidência da Câmara, porque deseja ser candidato a governador de São Paulo. Mas sua candidatura aos Campos Elíseos está num impasse que parece insolúvel. O PSD não tem expressão eleitoral no Estado. O sr. Ulisses Guimarães tinha esperanças em uma versão paulista da aliança que levou ao Catete o sr. Kubitschek. Isso, porém, está-se revelando completamente inviável. E agora — como não será presidente da Câmara e como o sr. Jânio Quadros e o próprio JK o abandonaram — ele seguramente não conseguirá mel nem cabaça.

SÃO ESSAS as últimas de São Paulo :

UM DOS DESQUITES mais litigiosos e que vem acontecendo há anos é o da sra. Mariazinha Monteiro. Ela exige metade da fortuna do marido e se ganhar a questão vai receber mais ou menos (talvez um pouco mais) duzentos milhões de cruzeiros...

O SR. E A SRA. Francisco Matarazzo Terceiro estão dando uma festa por semana na capital paulista. Chiquinho — como é tratado pelos íntimos — resolveu ultrapassar socialmente seu irmão Hermelino.

A RICA E ELEGANTE senhorita Carmen Alves Lima acabou convencida pelos amigos a fazer uma "tourné" pelos Estados Unidos com o seguinte objetivo: voltar casada de qualquer maneira. Ela foi convencida durante a festa em que comemorou 35 anos...

AO QUE TUDO INDICA, a senhora Luísa Assunção — herdeira da noderosa Orquima — se reconciliou com o marido.

DIMINUÍRAM consideravelmente os convites que o brigadeiro Neto dos Reis recebia do "society" paulista depois que foi aposentado da FAB. Além disso, seu nome quase não aparece mais nas colunas...

ATUALMENTE, onde se joga mais pif-paf é no Cassino de Guarujá. Todo fim-de-semana seus salões (bem grandinhos) ficam totalmente lotados, mais de quatrocentos casais jogando de sexta a segunda. Isto é o que se chama veranejar.

A PEREGRINAÇÃO do sr. Wilson Moreira da Costa no "society" paulista vai progredindo cada vez mais. Seu nome começa a aparecer com mais frequência nas colunas...

EM SÃO PAULO também existem vários times. No primeiro nós podemos apontar o grupo da sra. Fábila Prado. No segundo apontaremos o grupo da senhora Tânia Kovarick. Os Bomfiglioli são do terceiro time.

NO DESFILE das manequins francesas em Guarujá, quem mais reclamou contra a coleção de Jacques Heim foi a senhora Tijolo, né Cecília Lara...

DURANTE UM MÊS e meio o mais que simpático casal Sebastião de Almeida Ribeiro veraneou no Rio. Agora eles regressaram a São Paulo (onde residem) e continuam a acontecer com muito sucesso.

O SENHOR HENRIQUINHO Cunha Bueno continua solteiro. E ficará assim por muitos anos ainda. Seu amor ao dinheiro é muito mais forte que qualquer outro.

A BONITA Nelita Alves Lima confienciava outra noite em um grupo de amigas :

— O Baby (Pignatari, seu ex-marido, que anda pela Europa pagando as despesas de Linda Christian) vai me pagar. Vou me casar com um homem muito mais rico e muito mais bonito que ele.

Nelita esqueceu-se de que no grupo que ouviu essa confidência havia mais de uma mulher. E que segrêdo entre mulheres é muito difícil. Eu falo por mim mesma...



Devo informar aos meus leitores e aos que andam investigando a minha identidade, que não tenho nada a ver com a rua Maxwell como disseram e que não sou também agente de Elza Maxwell no Brasil como querem fazer crer.



OS DOIS FANTASMAS DA ÓPERA — A foto superior, Lon Chaney com Mary Philbin no filme de 1924. Em baixo, James Cagney e Nancy Kilgass como aparecem no filme biográfico da Universal.

O HOMEM DAS MIL CARAS

PARA COMEMORAR seu 50.º aniversário, a Universal escolheu um assunto tão bom quanto difícil: a vida de Lon Chaney. O "mystery man" da tela escondia com zelo sua vida particular — atitude que os produtores viam com bons olhos, pois favorecia sua legenda. O filme, segundo os conhecedores, segue a tradição do gênero em relação aos acontecimentos da vida de Chaney — muita ficção — mas é essencialmente fiel à sua personalidade. Lon Chaney nasceu em Colorado Springs, EE.UU., em 1883. Dos pais, surdo-mudos, recebeu preciosas lições de mímica e muito cedo quis ser

ator. Começou no "vaudeville" dançando, cantando, fazendo rir. Em 1912, ano em que Carlitos começava com Mack Sennett, Chaney estreou na Universal, onde, em quatro anos, às vezes também dirigindo, fez mais de 100 filmes curtos (dois rolos), por 50 dólares semanais. O cinema naquela época era o paraíso dos tipos: os gordos como Roscoe Arbuckle (Chico Bóia) ou Oliver Hardy, os magricelas como Ben Turpin, os "oficiais prussianos" como Stroheim tinham pelo menos as refeições garantidas. Chaney descobriu que podia "ser" todos os tipos dominando a técnica do "make-up". Seus primeiros salários alimentavam quase exclusivamente sua inseparável maleta, onde, com um estoque de tintas, perucas, cicatrizes e borracha moldável, satisfazia qualquer exigência dos organizadores de elencos.

A primeira grande oportunidade de Lon Chaney foi "O Milagre da Fé" (The Miracle Man), de 1919, no papel de um paraplético terrivelmente deformado que um milagre restituía à vida normal. Depois, graças a surpreendentes metamorfoses — ora monstruosas, ora baseadas na observação de tipos reais —, consolidou-

se como um dos grandes "cartazes" do silencioso. Morreu em 1930, de câncer na laringe, após completar a versão sonora de um de seus sucessos mudos, "A Trindade Maldita" ("The Unholy Three").

O filme reconstitui fragmentos da filmografia de Chaney (infelizmente muito breves e raros), mas, às vezes, limita-se a apresentar James Cagney com as trabalhosas caracterizações do "homem das mil faces". Vemos breves reconstituições de "O Milagre da Fé", "O Corcunda de Notre Dame" e "O Fantasma da Ópera". Cagney aparece com as caracterizações de "A Trindade Maldita" e "Ride, Palhaço" ("Laugh, Clown, Laugh"). Os outros, "No Oeste de Zanzibar", "Os Fuzileiros" ("Tell It To The Marines"), "Os Vampiros da Meia-Noite" ("London After Midnight"), "Ironia da Sorte" ("Bits of Life"), "Mister Wu", "O Trovão", "Burla Sangrenta" ("The Tower of Lies"), "O Castigo", "O Huno", "A Ilha do Tesouro", "Oliver Twist", "O Monstro", "O Caminho de Mandalay", "Enquanto a Cidade Dorme", "O Desconhecido" — são apenas citados.

"O Homem das Mil Caras" ("Man of

a Thousand Faces") gasta boa parte de suas duas horas de projeção em sentimentalismos de clichê. O "script" negligencia a pintura de ambientes e personagens de segundo plano, o que é lamentável quando sabemos que a carreira de Chaney se desenvolveu no período de consolidação do cinema silencioso como espetáculo de multidões e arte completa. O falecido Irving Thalberg (Robert J. Evans), que foi diretor de produção da Universal, depois vice-presidente e chefe de produção da Metro, é apresentado da maneira mais inexpressiva possível. Mas o elenco, de modo geral, funciona bem: Dorothy Malone como Cleve, a primeira mulher de Chaney; Jane Greer como a segunda, Hazel; Roger Smith no papel de Creighton quando adulto — o filho único, que adotou profissionalmente o nome do pai e, apesar de sua grande criação em "Carícia Fatal" ("Of Mice and Men"), foi condenado a uma carreira obscura.

O que seria do filme sem James Cagney? No papel-título ele é o corpo e a alma do filme. Seu Chaney é um homem autêntico, com virtudes e defeitos

A Avó O'Grady, personagem que Lon Chaney popularizou nas duas versões de "A Trindade Maldita", reaparece em uma caracterização de James Cagney em "O Homem das Mil Caras".



reconhecíveis, que impressiona às plateias porque sabe fertilizar com as experiências amargas de sua vida o lado humano dos quasímodos, dos bárbaros, dos assassinos. Cagney está como em seus melhores dias, contido ante as ciladas do sentimentalismo, sãbiamente melodramático nos "filmes-dentro-do-filme", perfeito comediante de "vaudeville". (Também iniciou sua carreira nesse ramo, como "song-and-dance-man"). Só cabe restrição quanto à idade: o biografado morreu com 47 anos; Cagney tem 53 e isto está muito visível desde o princípio do filme.

PRODUÇÃO de Robert Arthur (Universal-International). **Direção:** Joseph Pevney. **Argumento** de Ralph Wheelright, cenarizado por R. Wright Campbell, Ivan Goff e Ben Roberts. **Fotografia:** Russell Metty. **Música:** Frank Skinner. "Cinemascope" & Prêto-e-branco.

"AS TRÊS MÁSCARAS DE EVA"

AO DR. CORBETT THIGPEN, psiquiatra, o caso de Eve White não pareceu, a princípio, incomum: mulher de 25 anos, casada, conflito com o marido (de religião diversa) sobre a educação da filha única, fortes dores de cabeça, pequenos períodos de amnésia. Eve White, criatura recatada e mesmo sem atrativos, não podia explicar como, em situação que não lhe vem à memória, comprou vestidos provocantes e caríssimos, capazes de envidiar o marido por alguns anos. Súbito, a cliente assumiu atitude e expressão inteiramente diversas e disse em voz diferente: "Hi there, Doc!" (Alô, doutor!). Manifestava-se outra personalidade, início de um caso curiosíssimo que o dr. Thigpen e um colega, o dr. Hervey M. Cleckley, narram em seu livro "The



Bud Westmore e Jack Kevan, criadores do "maquillage" de "O Homem das Mil Caras", acompanham James Cagney ao pelourinho onde será flagelado "O Corcunda de Notre Dame". Só a aplicação desse "make-up" levou quatro horas.



Joanne Woodward dá um "show" de interpretação em "As Três Máscaras de Eva", seu primeiro filme nos estúdios da Fox, onde agora é estrela de primeira grandeza. Quando oferece presentes como este, a televisão deixa de ser a arqui-inimiga do cinema.

Three Faces of Eve" (McGraw-Hill). Os nomes citados, naturalmente, são artificiais. A personalidade n. 2 foi batizada de Eve Black.

Eve Black fazia tudo que a reprimida Eve White não saberia fazer: fumar, beber, peregrinar por "night-clubs" com desconhecidos e... zombar de Eve White, porque tinha perfeito conhecimento dos atos desta. Eve White nada sabia: não podia explicar a conta dos vestidos ou as freqüentes "ressacas". Transferida a um hospital para psicoterapia e estudo, a cliente teve seu estoque de personalidades minuciosamente analisadas. Até na caligrafia, nos maneirismos de linguagem e atitude, diferiam como pessoas estranhas.

Durante uma consulta, a cliente assumiu voz e atitude diferentes das de Eve Black & White e perguntou: "Quem é você?". Uma terceira personalidade, inteiramente diversa das outras, mas conhecendo-as intimamente, surgia ante os doutores. Era Jane, criatura bastante "senhora de si", aparentando inteligência superior à de suas "colegas".

Ralph White, o marido, abandonara Eve. Mas esta (Eve White) não conseguia ficar muito tempo em nenhum emprego, por causa das intromissões de Eve Black. Ralph tentou reconciliação, mas só Eve Black aceitou, após a recusa da "rival". Foram à Flórida por alguns dias com sabor inequívoco de adultério. Até que Eve White reapareceu, manifestou seu nójo pela situação e partiu.

Jane ia aumentando sua assiduidade: já conseguia ficar "à tona" o tempo suficiente para manter um namoro firme. Um dia, no consultório, dr. Thigpen manifestou a Jane sua intenção de falar com Eve White. Jane, tomada de súbito pavor, começou a falar com expressão transbordada: "Mãe! Não me obrigue! Não posso!". E terminou com terrível grito.

Os psiquiatras partiram daí para sua versão desse caso de múltipla personalidade: com cinco anos e um pavor irresistível da morte, a menina foi obrigada pela mãe a tocar pela última vez o rosto da avó, antes do entêrro. A personalidade Eve White foi uma fuga à realidade; Eve Black, uma válvula de escape para os desejos reprimidos da outra. Ambas concordaram em desaparecer e, reforçada e adaptada à realidade, a personalidade de Jane dominou. Jane (ou Evelyn White, como denominam os psiquiatras a personalidade definitiva) casou com o namorado e vive há três anos sem complicações psíquicas, com a filha de Eve White.

"As Três Máscaras de Eva" é o segundo filme inspirado no caso. O primeiro foi "Lizzie", da Metro, com Eleanor Parker, mas "produção B". O novo, muito mais ambicioso como produção (1 750 000 dólares) e realização (Nannally Johnson), obedece a todas as circunstâncias importantes da história real. A crítica americana o recebeu com interesse, principalmente pelo "show" de talento de Joanne Woodward, "fácilmente a mais cintilante estrela que Hollywood constelou este ano" ("Time") e "a melhor atriz de 1957", segundo o American Board of Review (associação que não inclui a crítica nova-iorquina, favorável a Deborah Kerr).

Produção, direção e "script": Nannally Johnson (Fox). **Fotografia:** Stanley Cortez. **Música:** Robert Emmett Dolan. **Elenco:** Joanne Woodward (Eve), David Wayne (o marido), Lee J. Cobb (Dr. Luther), Edwin Jerome (Dr. Day), Alena Murray (secretária), Nancy Kulp e Douglas Spencer (Mr. e Mrs. Black), Terry Ann Ross (Bonnie), Ken Scott (Earl), Mimi Gibson (Eve, aos 8 anos). "Cinemascope" & "DeLuxe Color".



TODOS OS JORNAIS de Londres e a grande maioria dos jornais ingleses publicaram na primeira página o último retrato da princesa Margaret Rose, feito pelo pintor italiano Pietro Annigoni.

O "Daily Express", de Londres, além de reproduzir o quadro em cinco colunas, reuniu as críticas ao retrato.

As principais:

1. Margaret está demasiadamente misteriosa, parecendo uma mulher fatal;
2. e parece que está com o rosto inchado;
3. está mais esbelta do que realmente é;
4. com um nariz grego que ela não tem;
5. mãos muito mais longas;
6. menos busto e
7. lábios sensuais demais.

Segundo revelou Annigoni, o retrato foi aprovado por Margaret. Diz o pintor que "teve muito prazer em executar essa obra, retratando uma das mulheres mais bonitas do mundo" e que as críticas não procedem.

Quanto ao mistério da personagem, disse: "Ela é um modelo muito difícil, mudando de expressão com uma facilidade

impressionante e aparentemente sem motivo imediato. Foi mesmo muito difícil pintá-la e tenho a certeza de que os que a conhecem bem consideram-na uma personalidade até certo ponto misteriosa".

Depois, soube-se que antes de aprovar o retrato, Margaret pedira para fazer algumas alterações (todas elas atendidas):

1. Suavizar um pouco as linhas do rosto, "para que não tivessem dela impressão de uma mulher voluntariosa";
2. tirar uma mecha de cabelo levantado que "quebrava um pouco a seriedade do retrato";
3. esconder um pouco a linha do busto.

O escândalo estourou (para alegria dos jornais franceses) quando Georgina Moore — famosa estrela de "strip-teaser" em Londres — revelou que ela é que havia posado para Annigoni fazer a parte do corpo no retrato de Margaret, uma vez que a princesa não tinha tempo suficiente para isto.

Margaret (sem se importar com a repercussão do fato) disse: "Eu sabia; e acho que é uma coisa normal. Não vejo nesta moça coisa alguma que a impedisse de tomar o meu lugar como modelo".

O quadro, que custou à rainha-mãe cerca de Cr\$ 10 mil, já está numa parede de London Town House.



O ESCÂNDALO DO RETRATO DA PRINCESA

DAILY EXPRESS

No. 17,018 TUESDAY JANUARY 11 1958 3 p.m. forecast: Cold; slight showers

A picture was released last night that will set Britain talking

THE ANNIGONI PRINCESS

Margaret wanted these changes

Express Staff Reporter
THIS is Princess Margaret as seen by Annigoni—as approved by Princess Margaret.

The Annigoni is the portrait of the woman the Prince wanted to paint—one of the most beautiful women in the world.

He painted the Princess as a woman of mystery, the girl who is a lady, a girl who is a lady, a girl who is a lady.

And the Princess, a girl who is a lady, a girl who is a lady, a girl who is a lady.

After a visit to Annigoni's London studio, she asked for changes.

Change No. 1

Change No. 2

Change No. 3

Sarah Churchill bailed on drink charge

Exports jump 5% in year

4.30 p.m. LATEST

ARMY CHILD FLOW HOME

POUR ESCAPE

Knock on door

FLEET

Shoes removed

It's love a BABY-C-AM

'No surrender' on food Haydock Park Mrs. FUCHS SAILS OFF TO GREET HUSBAND

Haydock Park bans TV after

Mrs. FUCHS SAILS OFF TO GREET HUSBAND

GENTE

O DIABO E OCTÁVIO DE FARIA

NÃO SERÃO MUITOS, entre nós, casos como o de Octávio de Faria, romancista que há mais de vinte anos concebeu escrever uma vasta obra, todo um ciclo de romances — a "Tragédia Burguesa" —, desde então a vem realizando calma, porém decididamente, sete volumes já estando publicados, e nada menos de dezessete por editar. Na casa dos cinquenta anos, longe da vida literária, alérgico mesmo a ela, Octávio de Faria é um dos autores difíceis da moderna ficção brasileira. Por isso não possui um público como o de José Lins do Rêgo, nem mesmo um público como o de Graciliano Ramos.

Pouco lhe há de importar, aliás, tal fato — pois para um pequeno número de leitores é que dirige sua mensagem. Se há ou não de concluir seu ambicioso plano, eis aí uma questão a que só o tempo poderá dar resposta: porque será indubitavelmente entre o escritor e o tempo que há de ser travada a luta da qual emergirá ou não inteira a "Tragédia Burguesa". É claro que, se repararmos no número dos volumes já publicados, cotejando-o em seguida com o dos por publicar, desanimaremos de a ver um dia terminada. Mas, quem nos garante que Octávio de Faria tenha já concluído, na gaveta, à espera de uma oportunidade, alguns tomos mais do ciclo?

Outro problema é saber se tem justificativa, em nossa época, o fato de um romancista arquitetar um conjunto de vinte e dois romances para atestar, através deles, a tragédia burguesa. Mas não é esse, certamente, o lugar para discuti-lo — nem nos sobra fôlego para tanto. O importante, no momento, é examinar, pôsto que de raspão, o sétimo tomo da longa série, esse "O Senhor do Mundo" que acaba de surgir, e que é a bimilésima edição de José Olympio (1).

O LIVRO — "O Senhor do Mundo" traz como epígrafe uma frase de Léon Bloy: "Il n'y a qu'une tristesse, c'est de n'être pas des saints"; divide-se em prólogo ("A Visita"), e duas partes (primeira: "A Porta Tremenda", subdividida em quatro capítulos, "O Encontro", "Alfredo", "Reny" e "Franco"; segunda: "A Fonte do Mal"). Das 518 páginas do romance, "A Visita" ocupa pouco mais de 50; "A Porta Tremenda", cerca de 100; "A Fonte do Mal" preenche as restantes. "A Visita" traz uma citação do Gênesis ("Falarei ao Senhor, embora eu seja pó e cinza" — XVII, 27), "A Porta Tremenda", um dos Provérbios ("O Senhor

dirige os passos do homem; mas qual é o homem que pode compreender o seu próprio caminho?"), ao passo que "A Fonte do Mal" leva por epígrafe uma frase de Paul Claudel ("Le mal est dans le monde comme un esclave qui fait monter l'eau; la justice maintient tout et la miséricorde recrée tout").

Parte de um todo embora, pode "O Senhor do Mundo" ser lido independentemente dos volumes que o precederam, a despeito de nêle haver alusões a fatos e personagens de livros anteriores ("O Anjo de Pedra", às páginas 27, 60, 83, 132 e 499) ou mesmo por sair ainda ("O Indigno", que será o décimo segundo tomo da "Tragédia Burguesa", é citado às páginas 372 e 517).



UM RESUMO — Difícil como possa ser um resumo de "O Senhor do Mundo" vamos tentar. Em "A Visita" vai narrada a paixão de Arnaldo, irmão do padre Luiz, por uma mulher casada — paixão que termina tão abruptamente como começou; em "A Porta Tremenda" está contado o drama de Alfredo, o qual, após esgotar todos os prazeres, resolve suicidar-se para fugir ao tédio. Pela "porta tremenda" (que é a do suicídio) não penetra afinal na Eternidade, porque morre num desastre automobilístico, quando, já de novo entregue ao vício, só desejaria viver mais; "A Fonte do Mal", parte mais dramática do romance, é a narrativa da doença de Reny, que acusa padre Luiz de ser pai do filho que Alfredo lhe gerou.

A CAPA — A capa de "O Senhor do Mundo" é de autoria do artista Poty Lazaroto. É um bonito trabalho de arte visual. Simplesmente, foge ao espírito do

romance, não sendo, portanto, uma ilustração no exato sentido do vocábulo. De resto, Poty de capa para capa varia seu estilo, expediente que não aprovamos. Esse artista, de traço rápido e bonito, não é ainda senhor de um estilo característico, inconfundível. E, para ilustrar livro tão sutil como "O Senhor do Mundo", é necessária certa cultura literária — que não sabemos se Poty possui.

UM REPARO — Foi um de nossos melhores críticos, Olívio Montenegro, quem falou, a respeito de Octávio de Faria: "É um pecado, e não venial, contra as sagradas leis da arte o romancista explicar diretamente o seu romance, agrupar-se aos personagens para falar êle também ao leitor, definir o sentido do seu romance, e muitas vezes elevando a voz ou exagerando o gesto, como se o romance fôsse por ventura uma tribuna ou fôsse um panfleto" (2). Pois, em "O Senhor do Mundo", Octávio de Faria uma vez mais cai nesse artifício, tornando-se freqüentemente esparramado, falso. Eis aqui alguns exemplos da intromissão do romancista: "Fôrças humanas? Fôrças divinas? Fôrças demoníacas? Não quero, não sei dizer. O que sei dizer, etc." (página 128); "Minha pobre e pequenina Reny, meu ser de maldição e pecado, quem te criou para tão grande infelicidade?" (página 157); etc. Depois, O. de F. muitas vezes confunde o romance com o púlpito, e se transforma de artista em moralista, de romancista em pregador. Quer-nos parecer que esse recurso não é dos mais dignos de aplauso.

DO ESTILO — Em "O Senhor do Mundo" sucedem-se aos diálogos, em geral convincentes, longos parágrafos compactos, destinados a simbolizar o pensamento de padre Luiz e dos demais personagens. Há por vezes palavras em demasia, numa época (já o atestou René Huyghe) (3) em que a palavra escrita cede lugar gradativamente à imagem, e em que ler um livro de 518 páginas é quase que um ato de heroísmo. O vocabulário de Octávio de Faria é pobre. Notamos relativamente poucos lugares-comuns (o episódio inicial do romance — padre Luiz, no trem, rememorando fatos passados — não deixa de ser um lugar-comum, mas extraído da linguagem cinematográfica), e praticamente nenhuma incorreção gramatical — o que significa que Octávio de Faria é um escritor que conhece seu métier.

(Continua na pág. 61)



EU FUI ESPIÃO PARA O KREMLIN (VIII)

A MULHER OBRIGOU-O A SER ESPIÃO

Jack Soble

NOVA IORQUE, JANEIRO — Ao abrir a porta, uma bela desconhecida lançou seus braços em volta do meu corpo, abraçou-me e me deu um longo e apaixonado beijo.

Foi assim que conheci Martha Dodd Stern, filha do finado embaixador dos Estados Unidos na Alemanha, William E. Dodd.

Disse-lhe: "Eu sou Sam".

Este era o nome chave que o meu superior na polícia secreta soviética me dera para pôr-me em contato com o marido de Martha, Alfred K. Stern.

Os Stern, com os quais tive uma amizade íntima depois de nossa primeira reunião em seu luxuoso apartamento em Nova Iorque, no inverno de 1944, tinham personalidades diferentes. Apesar disso atuavam como se fôsse uma só pessoa, já que eram fervorosos comunistas.

O magro e bem parecido Stern andava sempre atrás dos russos, pedindo-lhes que lhe permitisse trabalhar para eles. Talvez sua ansiedade em trabalhar para os soviéticos fôsse porque estava completamente dominado pela mulher.

Tudo o que este tranqüilo, culto e educado homem de negócios podia oferecer era o seu dinheiro, que podia utilizar nas atividades de espionagem aprovadas pelos soviéticos.

Foi ele quem financiou a companhia musical de Boris Morros, que não era companhia musical, mas uma organi-

zação da espionagem soviética. Assim mesmo seu dinheiro ajudou a criar várias organizações, como o Instituto de Relações Pacíficas, dedicadas à propaganda comunista.

A alegre e muito viva Martha, onze anos mais jovem que o seu marido, buscava constantemente novas aventuras amorosas e gostava muito de falar delas quando tinha vários martinis sobre a mesa.

Foi precisamente com uns tragos na sua cabecinha que a bela Martha me contou a estranha história de sua lealdade à União Soviética.

Aparentemente com o fim de impressionar-me, se gabou de ter espionado as atividades de seu próprio pai para os soviéticos. Disse-me que durante o tempo em que seu pai serviu como embaixador norte-americano em Berlim, pouco depois de 1930, ela tivera um romance com um funcionário da embaixada soviética, que na realidade era agente da NKVD.

A pedido desse funcionário, ela roubou informações dos arquivos secretos da embaixada americana — aos quais tinha fácil acesso — e entregou tudo ao agente da NKVD.

Esta excitante mulher, que raramente era vista sem um copo na mão, tivera, até, um encontro com Hitler e depois descreveu o Fuhrer como um "célebre frio".

Foi Martha, com sua intuição feminina, quem primeiro suspeitou que Boris Morros era um contra-espião que o FBI

"Mil" lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES

ESTOJOS SOCKETES
CATRACAS ESTRIAS



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



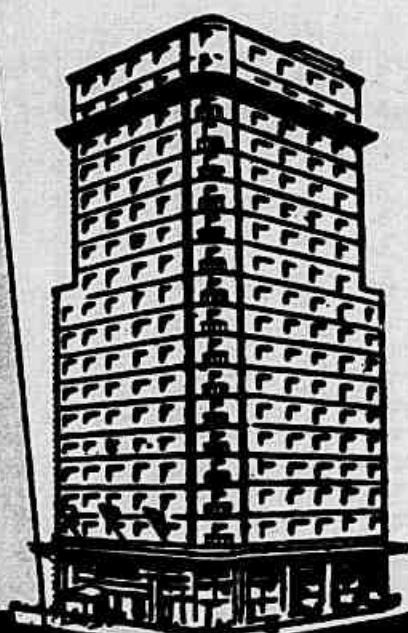
— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



*Enderêço permanen-
te dos mais ilustres
visitantes*

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações tôdas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO

plantara em nosso meio. Morros deu sorte, porque a embaixada soviética em Washington não tomou nenhuma represália quando Martha comunicou suas suspeitas em 1945.

Martha me dava as informações úteis à União Soviética e também recrutou uma das melhores agentes de nossa rede de espionagem: Jane Foster Zlatovski.

Em uma das minhas visitas ao luxuoso apartamento que os Stern tinham no Parque Central de Nova Iorque, Alfred se queixou de que não estava fazendo o suficiente para a União Soviética, e me pediu que lhe arranjasse um encontro com meu contato.

Conforme o seu pedido, levei-o ao "Professor", (Stefan M. Choundenko), na outra casa que Stern tinha em Lewisboro, Connecticut. Stern disse ao Professor que se sentia "esquecido" e pediu que encontrasse alguma empresa comercial que servisse como biombo da espionagem soviética.

Quando deixamos a casa dos Stern, o "Professor" deu-me instruções para que eu fôsse imediatamente à rua 72, Riverside Drive. Disse-me que devia levar na mão um exemplar do "Saturday Evening Post" e procuraria um homem que levava na mão o "New York Times", que me perguntaria como era possível chegar à ponte de George Washington, situada a 8 quilômetros de distância. No local do encontro vi Anatole Gromov, que então trabalhava como primeiro secretário da Embaixada Soviética em Washington. Ele estava com o "N. Y. Times" na mão.

Gromov foi o agente russo conhecido pelo nome de "Al", a quem Elisabeth Bentley entregou os segredos governamentais furtados pelos membros das importantes equipes de espões na capital norte-americana.

Este russo, que mais tarde chegou a chefe do Departamento Norte-Americano do Serviço de Inteligência Soviético, me ordenou o seguinte: eu devia encontrá-lo em Washington no domingo próximo.

De acordo com suas instruções, encontramos-nos perto do Monumento a Washington, e logo fomos a um hotequim.

Gromov disse que tinha uma "missão muito importante" para mim.

Ainda que esse projeto específico tivesse fracassado, serve para dar uma idéia do grande alcance que tinham as operações de espionagem soviética.

Gromov me disse o seguinte: Temos um grupo de jovens que trabalham em diferentes agências do governo e será necessário que você venha viver em Washington para compilar seus informes.

O diplomata me informou que o setor comercial de Washington tinha uma bonita loja de artigos masculinos e femininos, que vendiam por 300 mil dólares, e me disse que esse seria o centro de operações ideal para a espionagem na capital norte-americana.

Eu disse a Gromov que não estava em condições de obter tanto dinheiro, porém ele citou o nome de Stern como possível testa-de-ferro para a operação.

A empresa era muito grande e eu fiquei muito espantado. Acreditei que poderia evitar uma decisão se não cumprisse o segundo encontro com Gromov. Em consequência, no domingo seguinte não fui a Washington, como planejava.

Nas primeiras horas da manhã, o "Professor" me chamou para dizer que devia encontrar-me com ele imediatamente. Ao ver-me, quis saber primeiramente porque razão não fôra a Washington. Eu inventei uma desculpa dizendo-lhe que quando me dirigia à estação ferroviária percebi que estava sendo seguido, e decidira abandonar a viagem como medida de precaução.

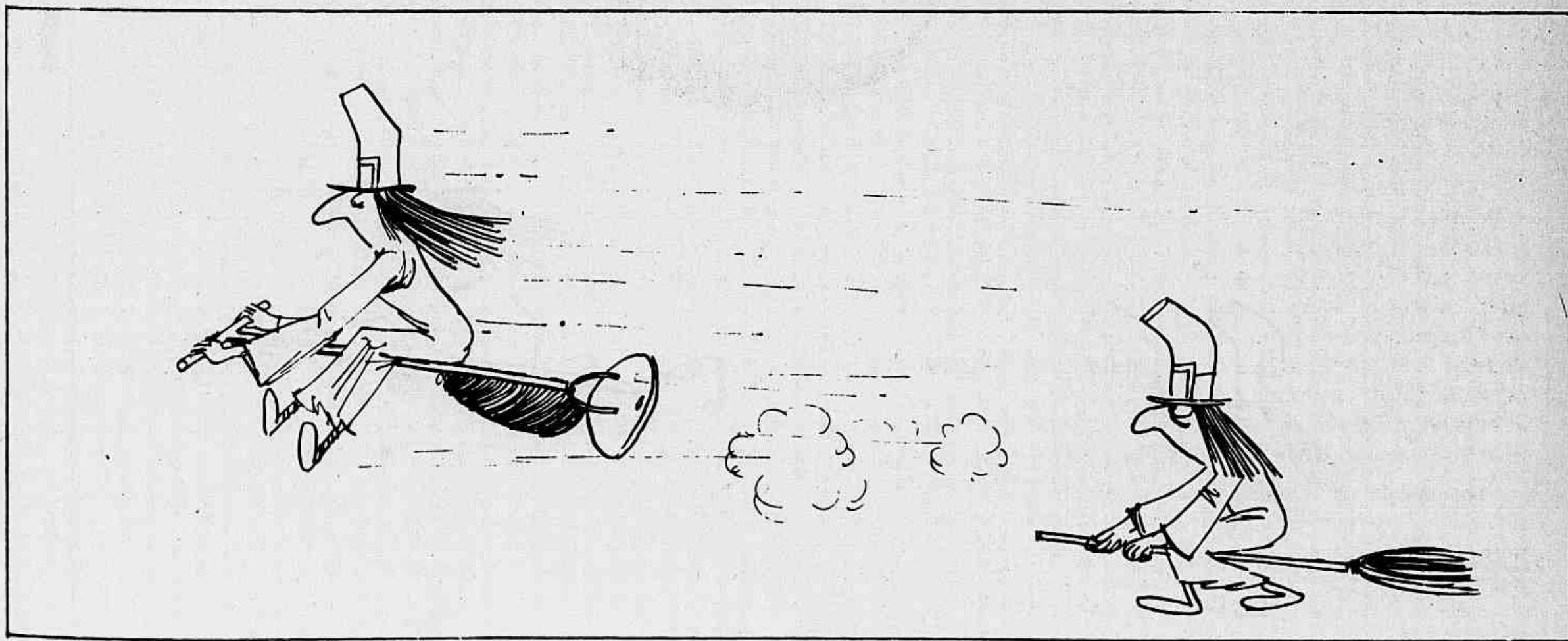
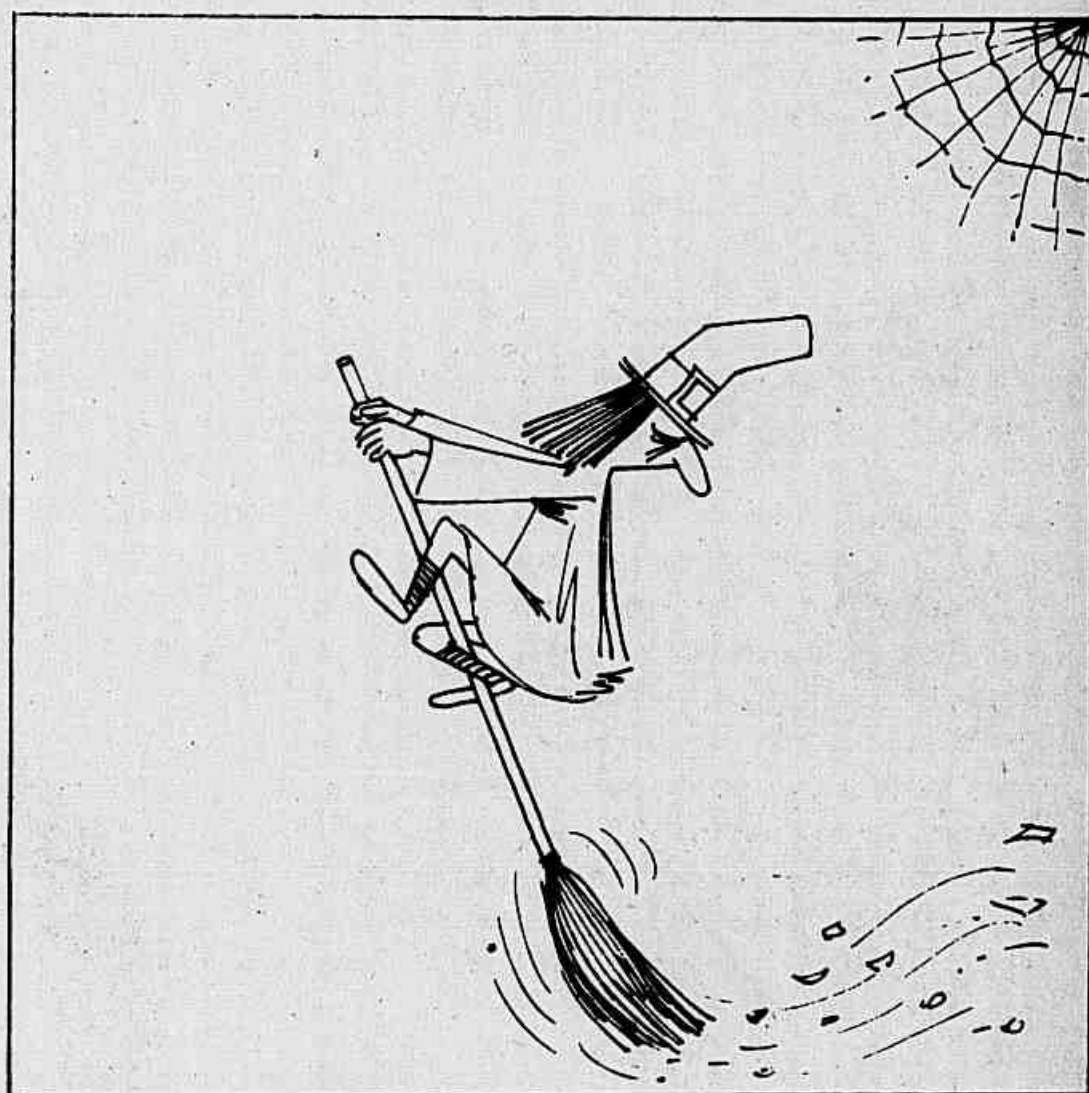
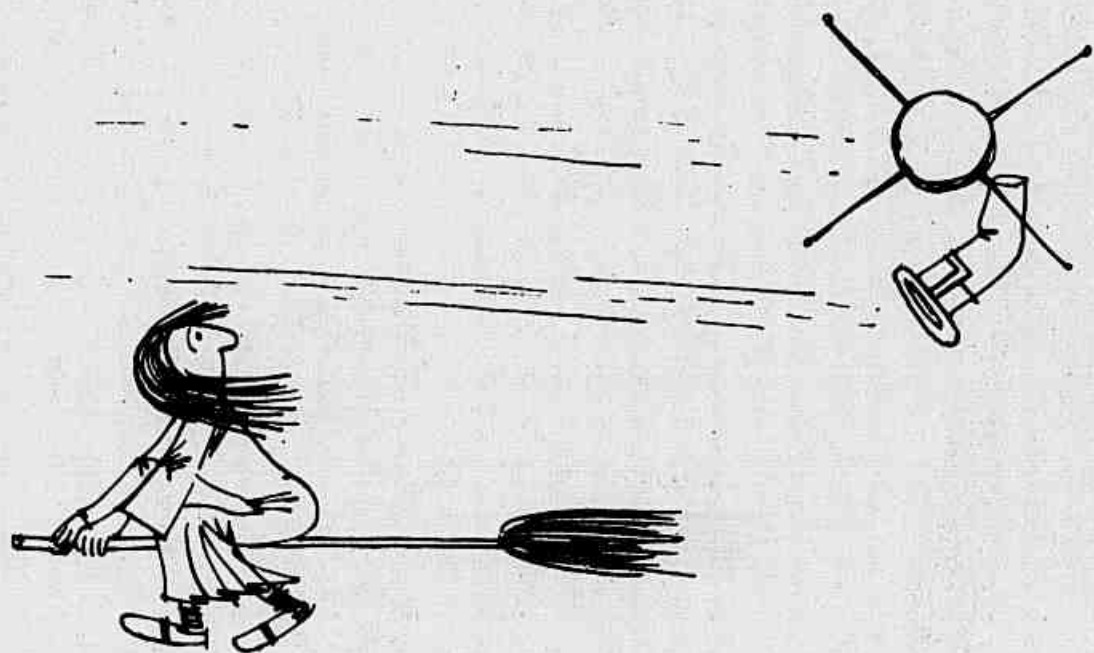
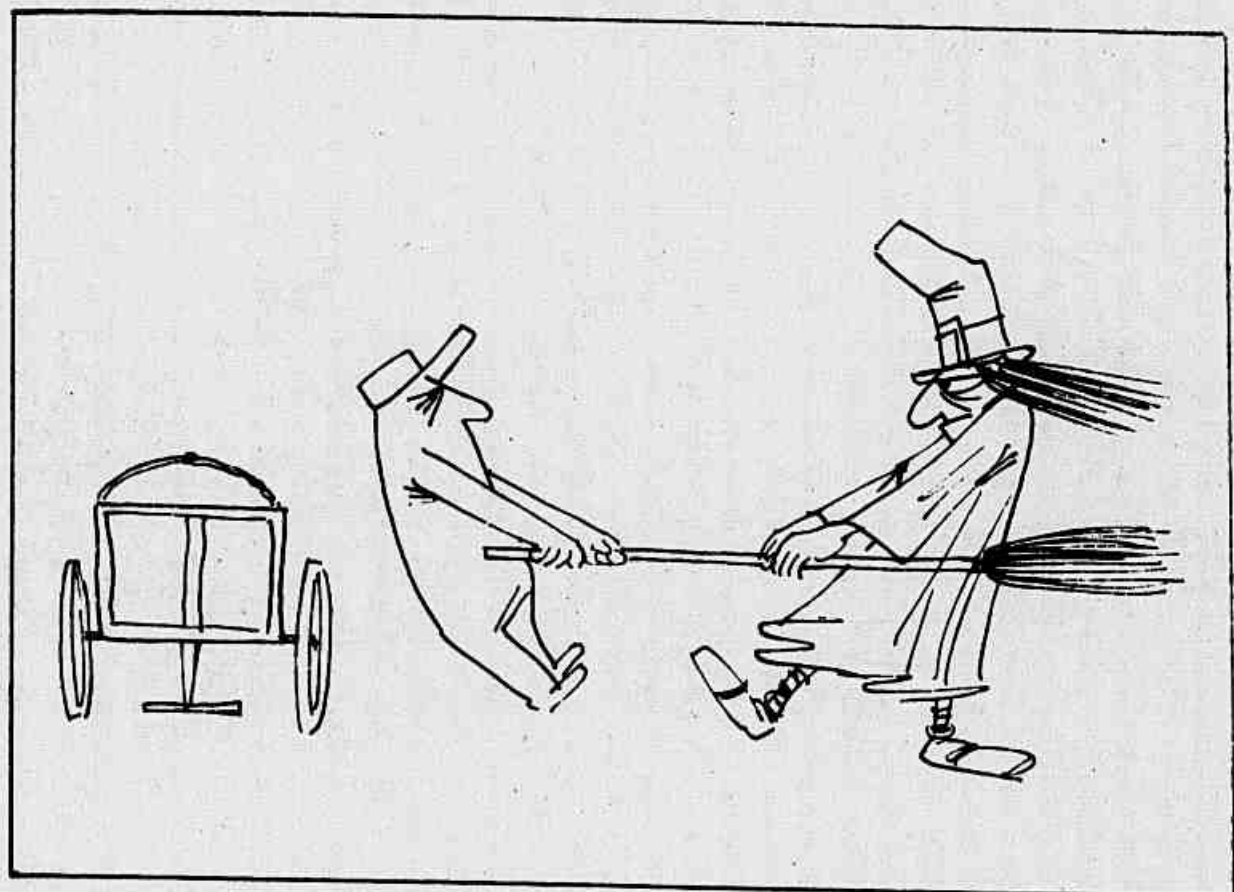
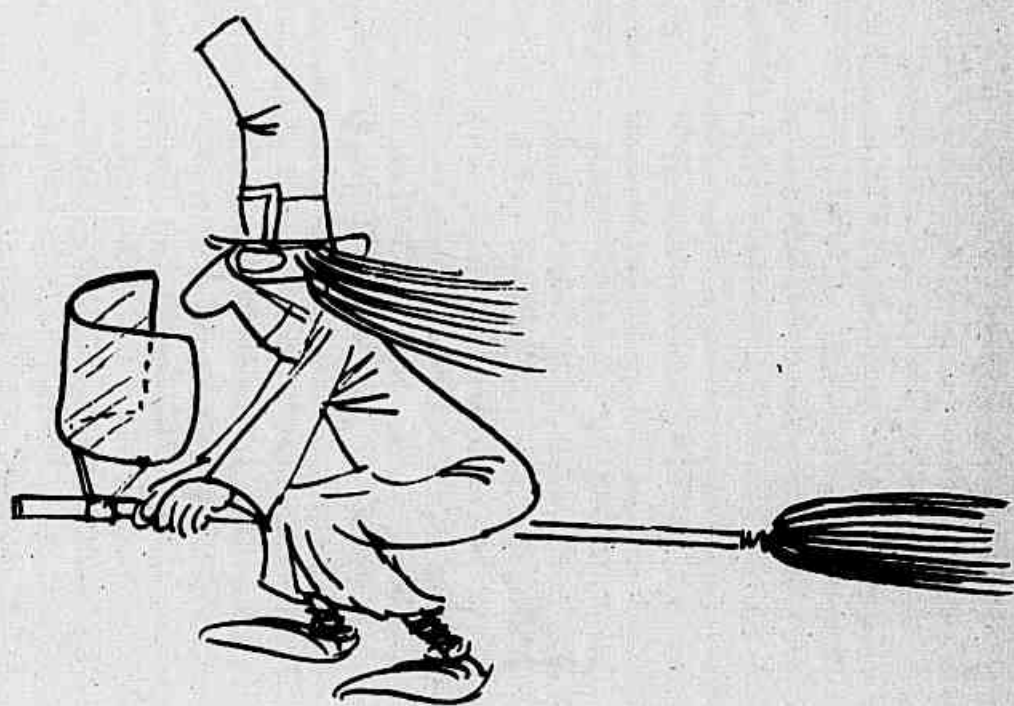
O "Professor" me felicitou pela cautela, porém ordenou-me que fôsse a Washington no domingo seguinte.

Quando, finalmente, me encontrei de novo com Gromov, informei-lhe que me encontrara com Stern, e que este me dissera que não podia financiar a empresa.

Isto foi tudo o que soube do "Projeto Washington".

BRUXAS

AMBROSIO



BETTI E AS CABRAS

UGO BETTI é um autor italiano da atualidade, que produziu uma obra bastante expressiva, com um teatro dos mais sérios e construídos com vigor de verdadeiro dramaturgo. Autor de muitas peças, só conheceu a fama quase à hora da morte, ocorrida em junho de 1953, quando seu nome tornava-se conhecido em Paris, abrindo as portas para o teatro mundial.

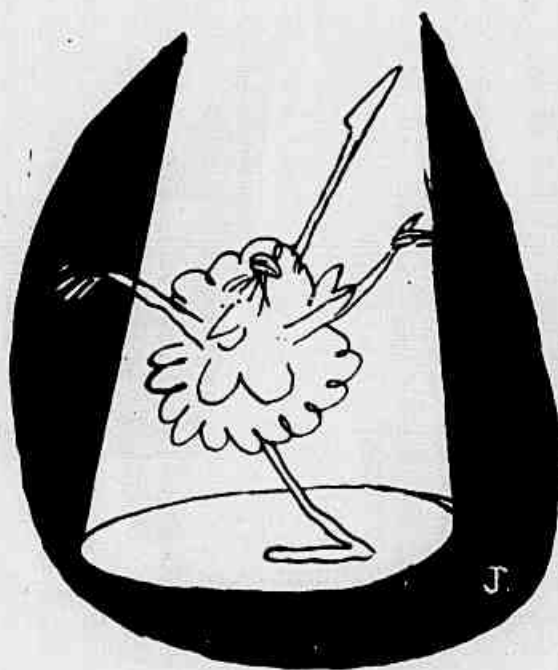
No Brasil apenas três de suas peças foram encenadas: "Corrupção no Palácio de Justiça", "A Rainha e os Rebeldes" e "A Ilha das Cabras".

Betti tratou de inúmeros temas: livre arbítrio, liberdade, personalidade, paz, justiça, morte, poder, etc. Em "A Ilha das Cabras" aborda o problema do sexo, apresentando-o de forma amarga, cruel, indistigável. Três mulheres vivem em paz numa ilha isolada. Há a mulher, a filha e a cunhada. O chefe da família havia há muito tempo partido sem dar mais notícias. Um dia, um homem surge dizendo tê-lo conhecido e assistido os seus últimos momentos de vida. É um impostor, acabam logo reconhecendo, mas as três mulheres esperam dele outra coisa que simplesmente notícias do desaparecido. Todas elas lhe cedem aos apetites sensuais e o local se transforma num turbilhão de sensualidade, de temores e ciúmes. É o inferno. Então, num momento em que o impostor entra no poço e a escada se desprende, as mulheres decidem deixá-lo preso. A filha e a cunhada, horrorizadas, resolvem abandonar a ilha; a mulher, então, sozinha, quer conservá-lo vivo, mas já era tarde.

Dentro dessa história há diálogos fortes e chocantes, principalmente na discussão entre mãe e filha, quando a primeira quer evitar abordar o assunto do efeito que a presença do estranho causou. O diálogo vai num crescendo, provocado pela filha, até reduzir à expressão mais ínfima o amor maternal. O sexo havia vencido todos e quaisquer sentimentos.

Preocupado em demasia com o "clima" da peça, pareceu-nos que Adolfo Celi descurou dos intérpretes e do ritmo. Depositou grande confiança nos seus atores e essa confiança justificou-se apenas quanto à Margarida Rey (que criou essa

peça há alguns anos em São Paulo) e a Paulo Autran, respectivamente a mulher, "Agata" e o intruso, "Ângelo". Ambos atuaram com excelência, compondo perfeitamente os tipos imaginados. Já Teresa Raquel, que vimos pela primeira vez, possui boa desenvoltura, mas imprimiu uma linha exagerada ao papel. Pia ansiava por um homem, é verdade, mas não teria aquele estranho comportamento. Glória Cometh como "Sílvia", a filha, foi a parte mais condenável na interpretação. Nas cenas dramáticas usou e abusou de uma inadmissível tremulação dos lábios que não compreendemos como passou despercebida ao diretor. Tarciso Zannotta atuou sem restrições nas suas rápidas cenas.



Bons os cenários e figurinos de Túlio Costa, bem como a tradução de Ricardo Werneck de Aguiar.

SURPRESA NA "ENTREGA"

Na semana passada houve a cerimônia da entrega das medalhas de ouro aos premiados em 1957, na votação que anualmente a ABCT faz realizar. O orador da ocasião, convidado pela atual diretoria dessa entidade, foi Henrique Oscar, (Diário de Notícias), pertencente a ala renovadora e independente da crítica tea-

tral. Seu discurso causou séria apreensão à ala velha, pois fez questão de frizar que apenas aceitara a honra em virtude de os premiados serem exatamente os quais havia votado. Entre os laureados estava Carlos Brant, pelos seus 10 anos à frente do grupo "Os Artistas Unidos", e Henrique Oscar, justificando a luta do empresário, salientou que nesta década de trabalho, os únicos amparos oficiais haviam sido as parcas subvenções. Acontece que o convidado de honra da cerimônia era o ministro da Educação, Clóvis Salgado, que após o discurso de Henrique Oscar, não fez outra coisa senão expor os benefícios que o governo JK proporcionou ao teatro nacional... Depois desse episódio, não cremos que os críticos da ala velha (maioria) permaneçam com o propósito de lançar a candidatura Henrique Oscar à presidência da ABCT. Ele seria, pela sua independência, uma eterna preocupação aos velhos componentes daquela Associação.

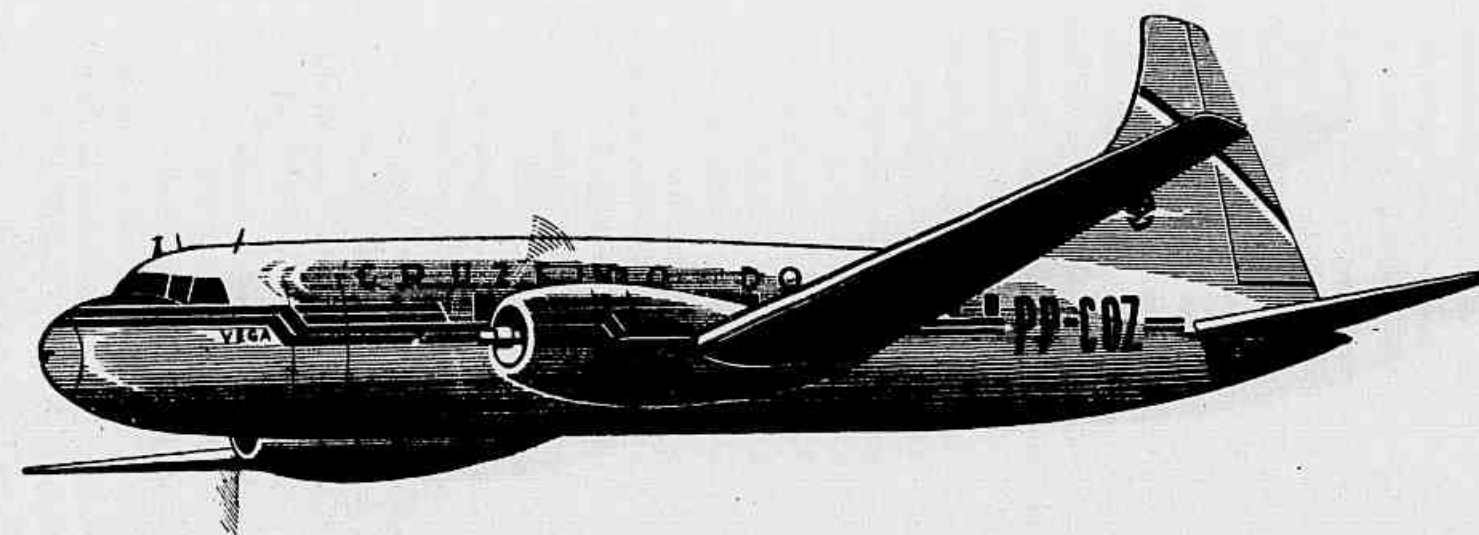
FRANÇA X BÉLGICA

Oscar Lejeune, diretor do Théâtre Royal du Parc, de Bruxelas, foi a Paris para conferenciar com a Sociedade dos Autores Teatrais sobre um conflito franco-belga que estava atravessando a fase mais crítica.

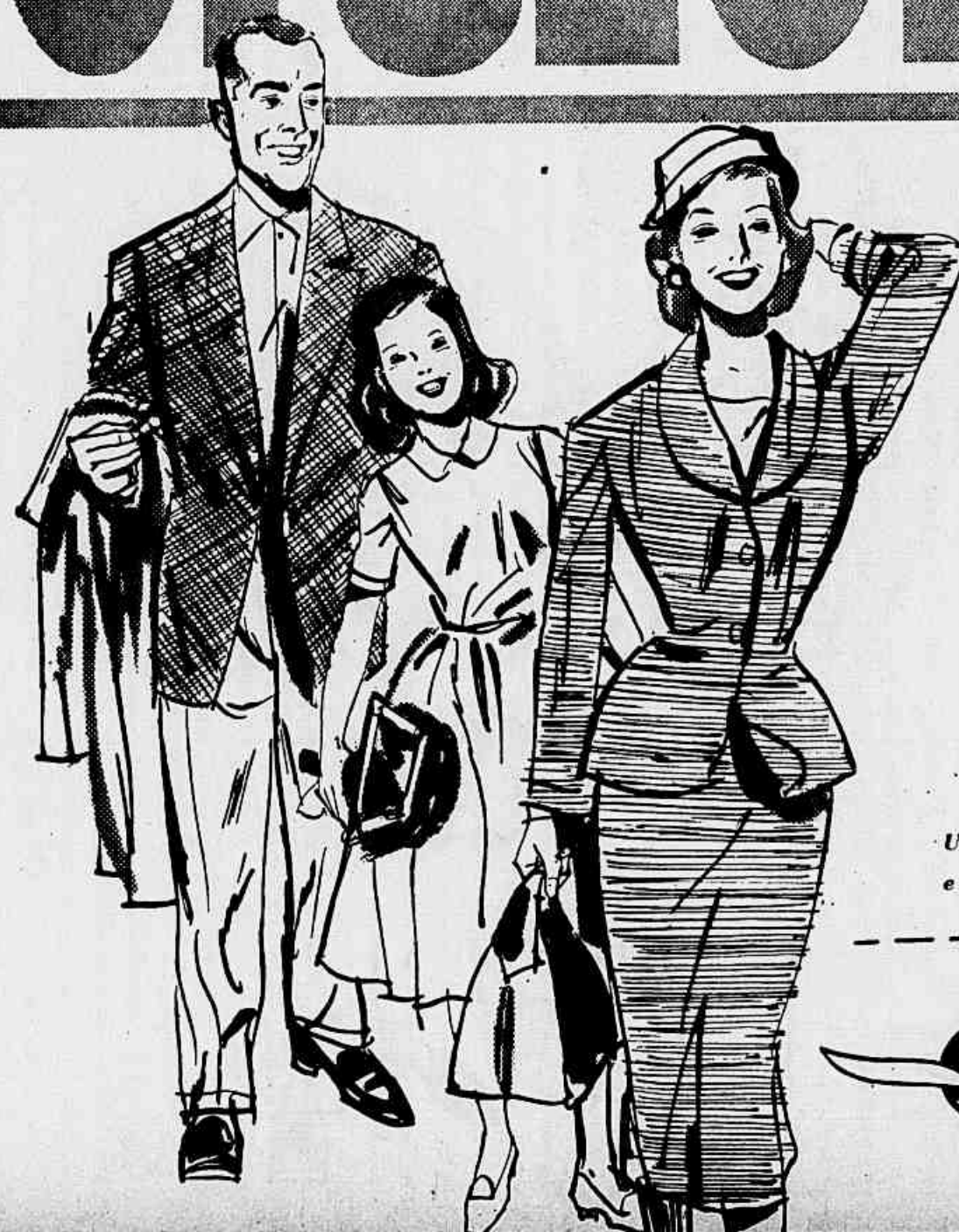
Eis os fatos: O Conselho Nacional de Arte Dramática da Bélgica pronunciou-se contra a admissão no repertório do Théâtre du Parc, de quatro peças francesas: "Le Mal d'Amour" de Marcel Achard, "L'Homme de Joie" de Paul Géraudy, "Les Fantaisies Lumineuses" de Louis Verneuil e "Baby Hamilton" de Marianne André. Como esse Conselho tem enorme influência junto à Comissão encarregada de distribuir as subvenções do governo às companhias belgas, Oscar Lejeune prevê que vai perder a importância de um milhão de francos belgas, pois não quer renunciar às peças francesas, desagradando o Conselho e conseqüentemente a Comissão. Em Paris, Lejeune afirmou que o teatro francês contemporâneo tem enorme público na Bélgica e que conta com a Sociedade dos Autores de França para apoiá-lo.

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'CRUZEIRO A PRAZO'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

cidades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a correzia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicrones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

NOVELA

Léo Victor

BABINSKI



O vagabundo e o menino

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

AUGUSTO ANDAVA PINTANDO, bem distante do bar, uma ponte de madeira podre e abandonada num local deserto, sobre uma curva do rio. O pintor vinha conseguindo transpor para a tela todo aquele silêncio e aquela solidão e sempre que isso acontecia mostrava-se bem humorado. No sábado, o menino estivera vendo Augusto pintar até que o outro fôra forçado a interromper o trabalho, queixando-se da luz e prometendo voltar no dia seguinte.

Por isso, no domingo, quando Ivan dentro do barracão viu Abel de cócoras soluçar, foi tomado pelo terror, lembrou-se de Augusto como uma salvação e, rodando sobre os calcanhares, saiu correndo.

Era um dia cheio de sol. Havia por toda parte uma grande paz. As folhas das árvores estavam mais verdes, o dia mais claro, o céu mais azul. As pessoas mostravam-se amáveis umas com as outras. Gente passeava de charrete e de automóvel. Um velho, de cabeleira branca de maestro, montado num belo cavalo de sangue inglês, quase atropelou Ivan, que na carreira passou na frente do animal, assustando-o. O velho, mal se mantendo sobre a montaria que corcoveava, gritou indignado. Mas o menino não ouviu. Nem ouviu o riso das crianças ao atravessar o "play-ground", nem percebeu como, depois de chegar à cidade, elas haviam perdido a palidez, adquirindo cores saudáveis e alegria nos olhos.

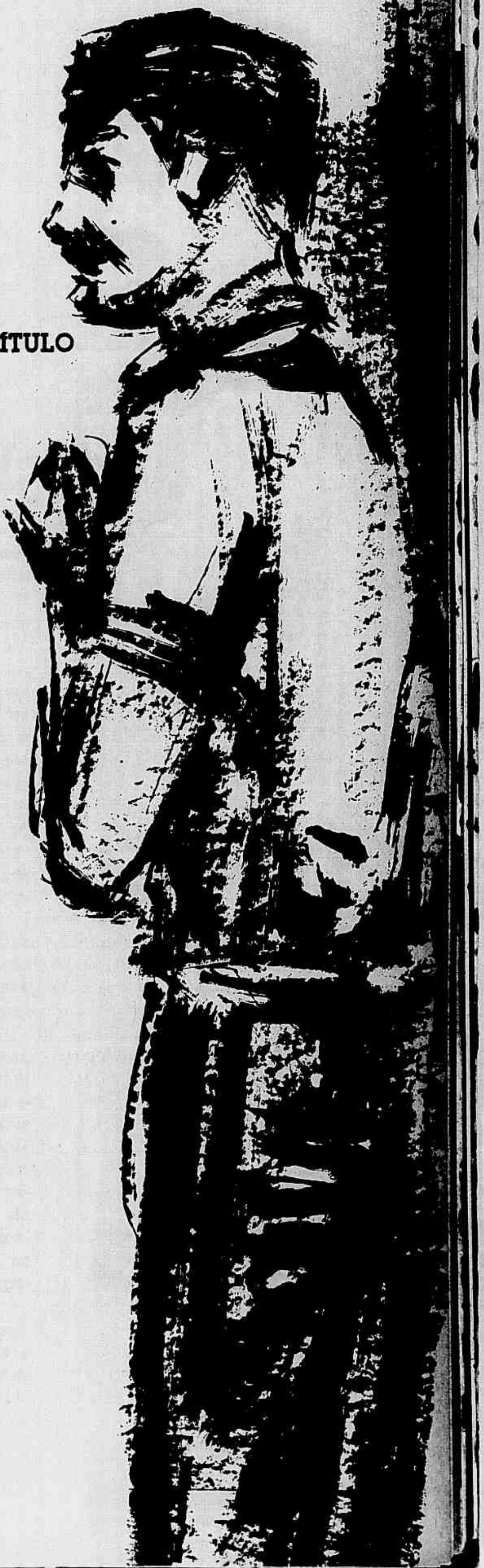
Na verdade Ivan não via, nem ouvia nada. Nem podia partilhar da paz da cidade, porque o que ele sentia, muito agudamente, era uma angústia, uma opressão no peito, que descarregava naquela vertiginosa carreira, como se fugisse da própria morte.

Já muito cansado, percorreu a longa avenida, dobrou à direita, iniciando a subida da montanha até a piscina pública. Lá também havia uma atmosfera de festa envolvendo tudo. Carros conversíveis lu-

xuosos enfileirados. Gente ouvindo música em rádios de pilhas, papéis de sanduíches pelo chão. Vendedores de balões coloridos, de sorvetes, de balas e de pipocas oferecendo as mercadorias. Rapazes saltavam no trampolim, tentando superar-se uns aos outros a fim de chamar a atenção das mulheres lindíssimas, de olhos escuros com o corpo lambuzado de óleo e deitadas na grama, ausentes, imóveis, como se dormissem. "Babás", com as saias um pouco suspensas, seguravam crianças que chapinhavam na água, na parte rasa da piscina, esforçando-se por esconder uma nesga de perna, num pudor absurdo, naquele lugar de coxas nuas. Uma menina loura, cavalgando um imenso pato amarelo de borracha ria sem propósito nenhum, de puro contentamento. Alguns velhos tristes, talvez por serem velhos num lugar assim, liam jornais taciturnamente.

Ivan atravessou tudo aquilo, sem olhar nada, continuando a subir a montanha até chegar, ofegante, lá em cima, à curva do rio. Olhou em volta, agoniado sem entender a razão por que Augusto não estava ali. Examinou detidamente o local, e a sombra, o silêncio e a solidão fizeram renascer-lhe o terror. Sentiu-se sem nenhum apoio, só e perdido. "Ele tem que estar em casa", pensou; "ele tem que estar em casa". E imediatamente, correndo, tornou a passar pela piscina e virando à esquerda, subiu a encosta da outra montanha onde morava o pintor. Ao ver a pequena cabana de tronco no cocoruto do morro, sentiu suas esperanças renascerem.

Augusto nunca fechava a porta, porque a fechadura quebrara-se há anos e não via nenhum motivo para mandar consertá-la. Últimamente o vento de tanto bater à porta, acabara de quebrar o trinco, de forma que agora se chovia muito ou ventava, Augusto encostava por dentro uma cadeira e resolvia o problema. Na-



quele domingo de sol, a porta estava aberta e Ivan entrou correndo, somente parando ao lado do divã, onde o pintor rressonava, de bôca aberta, os olhos empapuçados e a fronte suada. Parecia que Augusto resolvera eliminar todo o super-ôlho para não se aborrecer, pois não usava travesseiro nem lençóis. Dormia vestido, limitando-se a tirar as botas e afrouxar o nó do seu inseparável lenço de pescoço. Cobria-se com uma manta de lã suja de tinta e parecia doente. Ivan, a princípio, chamou-o baixo, depois de muito insistir acabou gritando e sacudindo-o violentamente:

— Augusto! Oh Augusto!

O pintor enfim se moveu murmurando qualquer coisa ininteligível, mas não despertou. Ivan, agora com mais sepeança, sacudiu-o com toda sua força:

— Augusto! Augusto! Acorda, Augusto!

O homem olhou-o aparvalhado, sem entender nada.

— Augusto, acorda!

— Que horas são? — disse finalmente.

— Tomei um porre desgraçado ontem.

— Já passa do meio-dia, anda, levanta!

— O que é que tu queres?

— Levanta, Augusto, depressa!

— Para quê? Que foi que houve?

— Expulsaram Abel, Augusto; expulsaram o Abel.

— Eu sei.

— Da igreja, Augusto. Expulsaram da igreja. Você entende?

— Hein?

— Da igreja, Augusto. Expulsaram êle ainda há pouco da igreja. Faz alguma coisa pelo amor de Deus.

— Espera — disse o pintor, atordoado — espera, tenha calma. Apanhe ali minha bota. Isso. Tenha calma! Deixe eu pensar.

Calçou as botas e levantou-se. Abriu a torneira, e começou a lavar-se. De repente, contraiu-se, curvou-se todo e vomitou ruidosamente uma gosma esverdeada. Em seguida, lavou o rosto, a cabeça, o pescoço e, depois, colando a bôca à torneira, bebeu grande quantidade de água. Quando acabou, parecia melhor. Enxugou-se numa toalha encardida friccionando a cabeça e o rosto, com vigor, como se quisesse despertar bem, pois julgou não ter entendido direito o que o menino lhe dissera por estar embruteado pelo sono. Ainda esfregando a cabeça, voltou a sentar-se no divã. Olhou o garôto que de pé, à sua frente, esperava agoniado. E como se não houvesse nenhuma interrupção na conversa, disse vagamente:

— Da igreja também? Não é possível...

— Juro, Augusto! — gritou, aflito, Ivan. — Você precisa fazer alguma coisa.

— O quê?

— Não sei. Eu vim aqui para você fazer alguma coisa.

— Expulsaram?

— Expulsaram sim, Augusto.

— Quem expulsou?

— O Roberto.

— Quem é êsse cara?

— É o presidente da Congregação Mariana.

— Mas por quê?

— Levou Abel lá em casa. Disse que êle cantava alto, se ajoelhando e levantando. Disse que a missa estava muito cheia e o pessoal ria dêle, porque se desequilibrava, quando ajoelhava, e cantava desafinado.

— Mas o que é que tem isso? Êle não faz mal a ninguém.

— Pois é. E disse mais ainda. Falou que êle estava perturbando a missa e, por isso, enquanto durasse o verão, não podia ir mais lá, porque se uns achavam graça, outros tinham medo.

— E êle?

— Está no barracão.

— Você foi lá?

— Fui.

— Falou com êle?

— Eu quis mas não pude.

— Por quê?

— Não sei, fiquei nervoso. Êle está acororado, soluçando. Quer chorar, mas não sabe.

— Bobagem.

— Não. Êle quer, mas não pode. Êle quer, mas não pode, Augusto.

— Calma, Ivan, calma!

— E agora, Augusto?

— Dá-se um jeito, vou pensar.

— Vamos lá, fala com êle.

— Eu.

— Sim, Augusto, vamos lá.

— Não posso.

— Por quê?

— Tenho que acabar aquêle quadro.

— Êle precisa chorar. Vai lá. Diz alguma coisa. Me ajuda.

— Não posso.

— E agora?

— Sei lá — gritou Augusto levantando-se — e para com êsse negócio de "e agora? e agora?" Não posso fazer nada.

— Não tem ninguém que possa fazer alguma coisa?

— Ninguém.

— Tu não quer ir mesmo lá?

— Não.

— Vai! Não custa nada. Não precisa entrar. Da porta mesmo, tu diz "fala amigo Abel, velho de guerra" vai ver como êle melhora logo. Vamos, Augusto.

— Não! — gritou o pintor. — Não! Já te disse que não! Vai embora de uma vez! Eu não posso fazer nada.

Ivan olhou-o perplexo. Se Augusto se negava! Se até êle não entendia! Quem então, Deus do céu? Quem?

Augusto encarou Ivan. Viu que todo um mundo estava ruindo dentro do menino. Sabia que Ivan viera até ali, com a certeza dêle ter dentro do bolso da calça um remédio para a incompreensão humana. Que fazer? Mais cedo ou mais tarde, Ivan teria que aprender que também estava só. Que todos estão sós neste mundo louco. Contudo Augusto reconheceu que fôra brutal em demasia. Aproximou-se de Ivan para dizer-lhe algumas palavras. É certo que seriam mentiras, porém que importância teria isso agora?

— Não há de ser nada, Ivan. Isso passa.

Abel se acostuma — e sem saber mais o que falar afagou a cabeça do menino. Ivan, num salto, afastou-se daquela mão, olhando o outro bem no fundo dos olhos. E foi então que Augusto viu que o menino perdera a sua infância. Era um olhar de amargura, de desprezo e de ódio. Sobre tudo ódio. Depois, o garôto voltou-se e saiu correndo.

Augusto veio até à porta, e ficou a olhar o menino descendo o declive do morro. Viu, quando lá embaixo se afastava pela longa avenida, sempre correndo, cada vez ficando menor até parecer um minúsculo bonequinho de brinquedo, que, finalmente, alcançando a curva da avenida desapareceu.

Augusto continuou ali parado, com ar absorto, perdido em seu pensamento, e adquirindo aos poucos a certeza de sua completa impotência diante de tudo aquilo. Então, irritado, empurrou com violência a grossa porta de troncos, que bateu com estrondo.

Voltou-se e, sentindo-se muito deprimido, deitou-se no divã. Pouco depois, como se houvesse alguém perto falou cansado:

— Ao menos se êle pudesse chorar...

* * *

A NOITE O bar formigava de gente. "Seu" Ferreira arranjara umas cadeiras por empréstimo que juntara às mesas, mas nem assim conseguira acomodar a todos. Na calçada e no interior do bar, tudo estava lotado ao ponto de ao vagar uma das mesas haver uma verdadeira corrida.

Na parte reservada ao restaurante, moças e rapazes dançavam. Outros, encostados ao balcão, conversavam em pequenos grupos. Os garçons cruzavam, servindo a freguesia, dona Maria, na caixa, ajudava e "seu" Ferreira, muito feliz, cuidava que ninguém ficasse sem receber o que encomendara, sobretudo se eram pedidos de bebidas caras.

Fazia um calor opressivo. O céu se carregara de nuvens negras e, na certa, cairia uma daquelas formidáveis enxurradas. Já se haviam acostumado com as chuvas dali. Era sempre a mesma coisa. Três ou quatro trovões e a luz apagava um instante. Depois vinha uma chuva forte de vinte minutos, meia hora ou um pouco mais. Em seguida, a chuva cessava, o céu ficava limpo e as estrêlas brilhavam de tal maneira que mesmo pessoas muito viajadas eram unânimes em afirmar que jamais haviam visto um céu tão belo quanto o da cidadezinha, depois de um daqueles rápidos temporais.

Ivan, a um canto, olhava irritado o movimento da freguesia com desejo de enxotar toda aquela gente que, ao seu ver, fôra responsável pela expulsão de Abel, tanto do bar quanto da igreja.

Súbito, o menino levantou-se e, olhando a porta, sorriu. Augusto acabara de entrar, inteiramente embriagado. Entretanto, ao contrário do que sempre acontecia quando estava bêbedo, não vinha bem-humorado. Agora, seu rosto estava

rígido e pálido. Pedia licença, caminhando entre as mesas e mal respondia a quem o cumprimentava. Em determinado lugar, esbarrou numa moça e um rapaz imenso, com as mangas da camisa muito arregaçadas trocou com ele algumas palavras ásperas. Augusto empurrou-o com tal violência, que o outro caiu, criando-se um pequeno tumulto. O pintor continuou o seu caminho, sem dar a menor atenção ao incidente e os amigos do rapaz o acalmaram, para que pudesse ao menos salvar sua dignidade exterior.

Augusto atravessou o pátio e no barracão, acendeu o isqueiro, procurando Abel por todos os cantos. Chegando perto da porta, deparou com Ivan em silêncio a observá-lo. Apagou o isqueiro pois sentiu uma súbita vergonha de Ivan e, ao mesmo tempo, temeu ver nos olhos do menino, o mesmo olhar de ódio e desprezo que vira de manhã. Tive vontade de sair, sem dizer nada. Entretanto, necessitava falar com o garoto. Ficaram um na frente do outro, calados, imóveis. Aos poucos, a completa escuridão encorajou o pintor a perguntar o que tanto desejava saber:

— E ele?
— Saiu.
— Para onde?
— Não sei, já procurei tudo.
— Chorou?
— Não.
— Saiu quando?
— Fiquei aqui a tarde inteira até que me chamaram para jantar.
— E então?
— Jantei e quando trouxe a comida para ele, não estava mais.
— Não chorou?
— Até a hora do jantar não chorou. Só soluçava e tremia, mas chorar, não chorou.

Augusto respirou fundo e saiu. Entrou no bar e dirigindo-se à saleta onde jogavam, sentou-se pesadamente sobre um caixote. Zé Passarinho recebeu-o cordialmente:

— Tem lugar para você, Augusto.
— Eu não quero jogar — e depois como se falasse para si mesmo, concluiu: — Nunca mais.
— Sabe que expulsaram Abel da igreja? — perguntou o velho Chico.
— Sei.
— Também o que é que o boboca ia fazer lá? — estranhou Bom Cabelo.
— O mesmo que faz aqui. Gosta de estar junto das pessoas, para não se sentir só.
— Não foi isso que o padre disse.
— O padre é burro.
— Essa mania de ir à igreja é besteira. Deus é o veneno que as classes dirigentes usam para escravizar a massa e manter o povo na ignorância — falou o Zé Nanico com ênfase.
— Ignorante é você.
— Muito bem, Augusto! — apoiou o Zé Passarinho. — Eu não sou católico, mas também não sou ateu e sei que Abel vai à igreja, porque tem fé.
— Você não sabe nada, Zé Passarinho.

Nenhum de vocês enxerga um palmo diante do nariz — e, para espanto de todos, Augusto vibrou um sôco na mesa e levantou a voz — ninguém aqui sabe. São todos uns cretinos.

“Seu” Ferreira veio correndo. Dona Maria também chegou, sobressaltada. Outras pessoas aproximaram-se surpresas por ver Augusto naquele estado, ele que se mostrara sempre um homem tão cordial. Só Ivan, conhecendo os motivos, de dentes cerrados, olhava o amigo, orgulhoso e com o desejo louco de que o outro se pusesse a quebrar tudo aquilo.

— Por que é, então, Augusto, que ele vai na igreja? — perguntou “seu” Chico, inquieto.

— Chico! — gritou Augusto. — Tu sabes, negro. Tu és muito velho para não saber. Tudo quanto é padre, tudo quanto é miserável de pregador batista, protestante, espírita, o diabo — todos eles apresentam sempre Deus como Pai. O grande Pai. Forte, Eterno e Justo. O Ser Supremo que condena e absolve, castiga e premia.

— “Seu” Augusto, por favor! — pediu dona Maria. — Fale baixo.

— Por isso — continuou Augusto, sem ouvi-la — não há velho, não há doente, não há solitário que não creia em Deus. Sem Deus, eles se sentem sós e perdidos

e entram em angústia. Deus é a necessidade de proteção que existe em cada homem, sobretudo quando se sentem fracos e velhos, quando a vida se torna mais dura, quando correm um perigo. É por isso que Abel ia à igreja, Chico. Ele não entende o mundo, sente medo. Lá pensava estar protegido. E nós tiramos dele até isso. Primeiro, expulsamos Abel daqui, depois da igreja. Não seria melhor agora tocar fogo nêle, para o desgraçado não assustar os fiéis com seus cânticos desentoados ou constranger com sua lealdade a seleta freguesia dêste nobre bar?

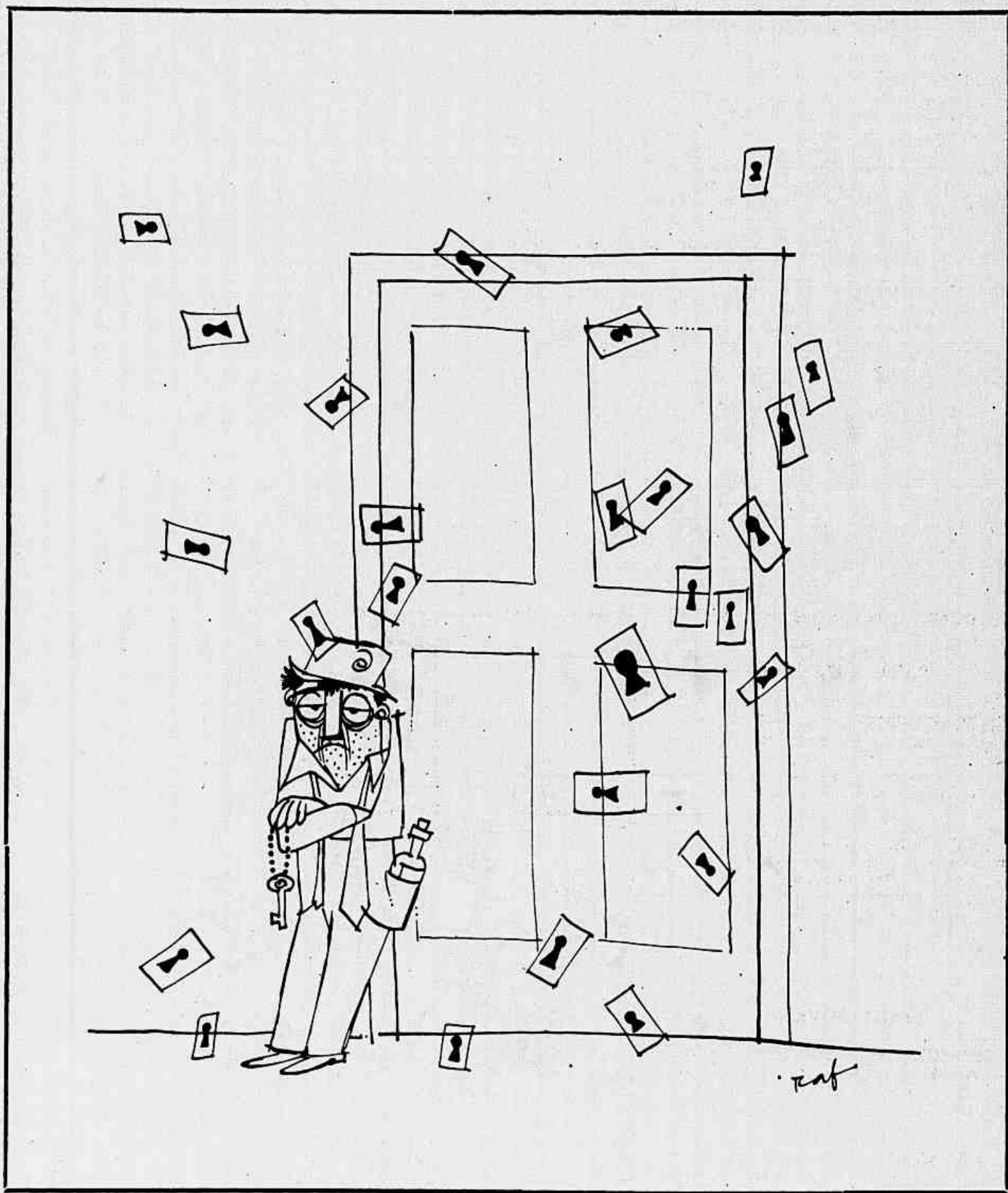
— Na minha casa mando eu! — gritou, irritado, “seu” Ferreira.

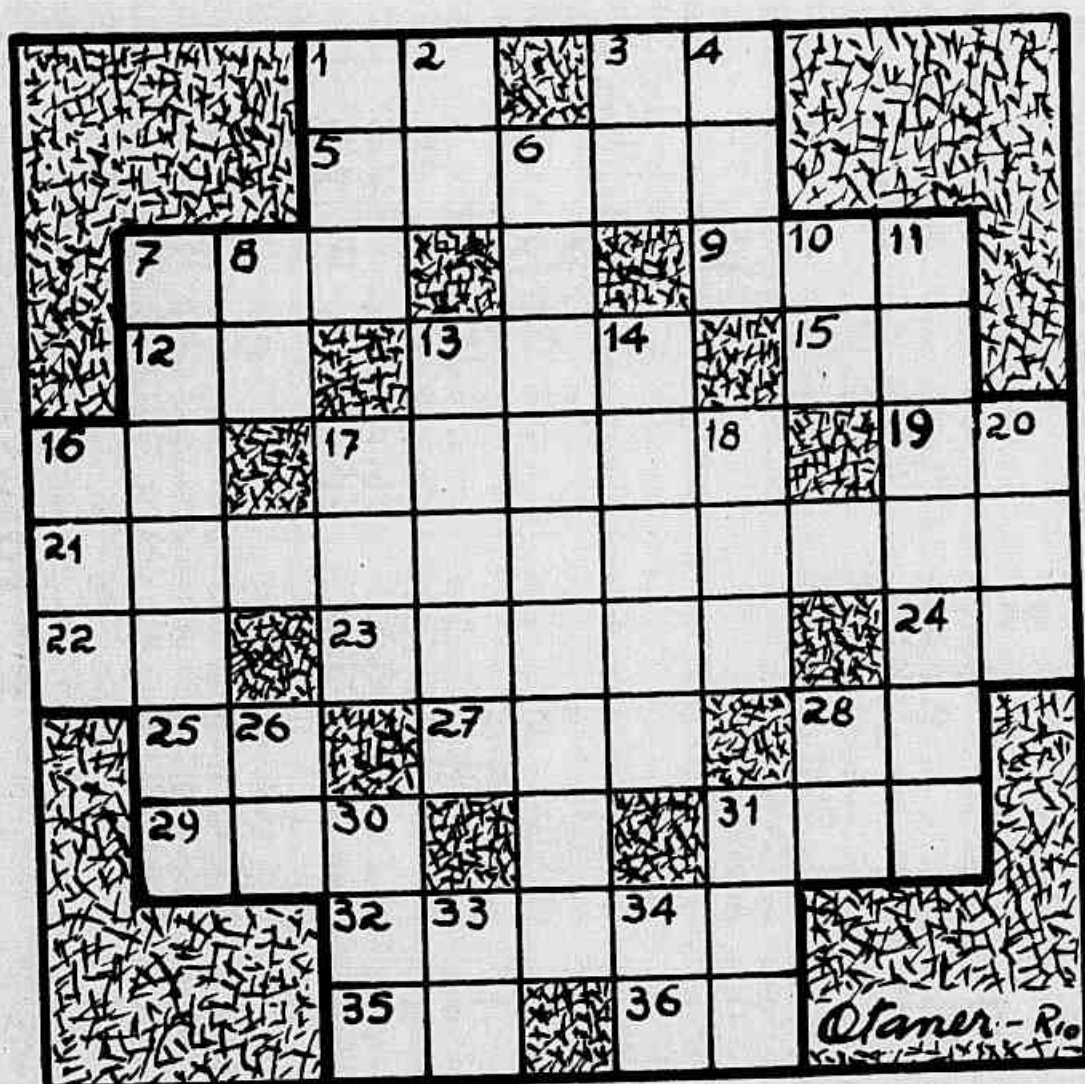
— Você no lugar do coração, tem uma máquina registradora. Você é um pobre diabo muito mais desgraçado do que Abel.

— É melhor você ir cozinhar êste porre em casa! Não estou aqui para aturar bêbedos.

Augusto levantou-se de um salto, “seu” Ferreira preparou-se. Os dois homens ficaram se olhando, pálidos e atentos. Em torno, criou-se uma atmosfera de grande tensão. Depois, Augusto, como se visse a inutilidade de qualquer gesto disse cansado:

— É verdade. Vou embora. Felizmente num mundo de abstêmios, como o de





PROBLEMA N.º 18 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Símbolo do elemento que tem de peso atômico 72,5 — 3. Pessoa muito importante — 5. Plebeu — 7. Canto de vitória — 9. Laguna — 12. Interjeição em resposta ao apelo do nome — 13. Língua nigeriano-camerônica falada na província de Fubani — 15. Mibemol; na notação alemã — 16. Terminação característica dos álcoois — 17. Ficar restrito — 19. Uma das quatro sílabas de que se serviam os gregos para solejar — 21. Que tem lindos cabelos (pl.) — 22. Nota musical — 23. Filha de Esculápio, deusa da Saúde — 24. A jarda inglesa na China — 25. Medida itinerária do Japão, equivalente a um quilômetro — 27. Cada uma das divisões do ano solar — 28. Espécie de flecha dos índios brasileiros — 29. Elemento tupi-guarani que significa «mel» — 31. Qualquer — 32. Luto — 35. Suspiro — 36. Cidade da Suécia.

VERTICAIS: — 1. Semente de uva — 2. Aprêço do que nos é pessoal — 3. Cidade da Birmânia — 4. Forma reduzida de senhor — 6. Nativo — 7. Corrompera — 8. Interjeição de chamamento — 10. Hospedaria oficial na China — 11. Ausência congênita da boca — 13. Pequeno — 14. Óleo extraído do arilo da noz-moscada — 16. Deusa da abundância, entre os romanos — 17. Planta, cujo nome científico é «Morinda tinctoria» — 18. Atormento — 20. Uma das partes da dobradiça — 26. Pai de Hupim e Supim — 28. Árvore comum em Damão — 30. Bebida nas Índias Orientais — 31. Palavra árabe que significa «curso de água» — 33. Manga — 34. Pilar.

PROBLEMA N.º 18 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Dá miados — 3. Pedra do altar — 6. Rezariam — 8. Caminho orlado de casas — 9. Corifeu — 11. Sufixo designativo de agente — 12. Forma arcaica do artigo «os» — 13. Antes de Cristo — 14. Aspecto — 16. Em partes iguais — 18. Pronome pessoal, terceira pessoa, feminino, singular — 20. Que teme — 23. Governanta — 24. Certa planta da Índia.

VERTICAIS: — 1. Reside — 2. Seguir — 2A. Rio da Suíça — 3. Camareira — 4. Símbolo químico do rádio — 5. Querer bem — 7. Aguardente proveniente da fermentação e destilação do melão — 10. Ente — 11. Vazia — 14. Dólmén — 15. Pronome pessoal, masculino, singular — 17. Pequena argola que se usa nos dedos — 18. Bebedeira — 19. Nome de mulher — 21. Preposição — 22. Basta!

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 17

PARA VETERANOS

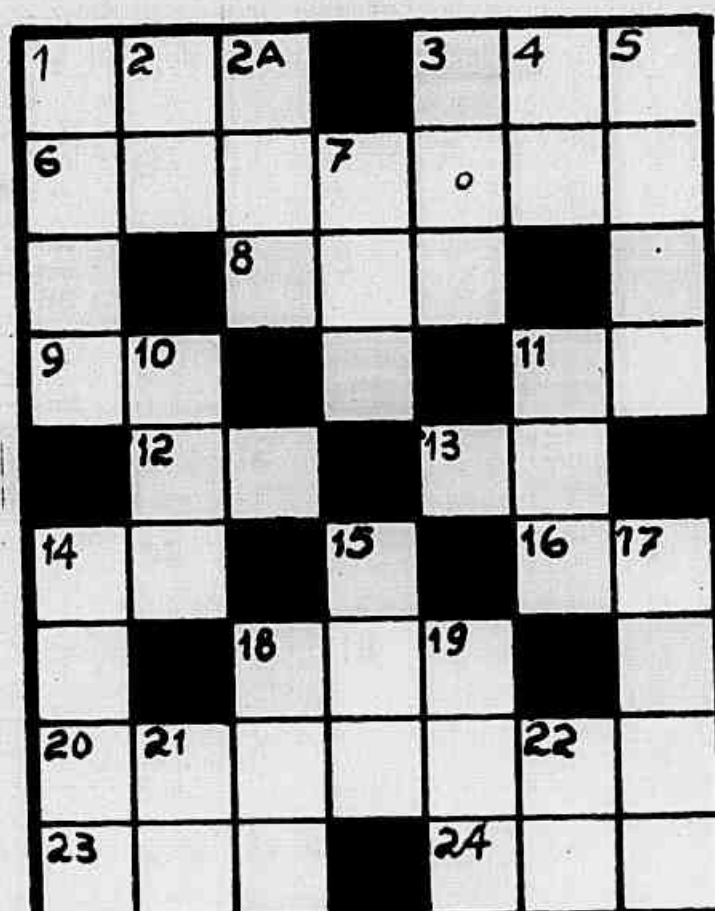
HORIZONTAIS: ati — pal — dai — Cap — cia — farrombeiro — Al — or — as — ir — exclusivo — si — le — nó — ce — aluminarism — ora — ita — aro — vou — mui.

VERTICAIS: al — id — par — aproximar — acessório — ill — cal — um — Ari — farsa — orcel — baúna — ordem — ilo — cca — ura — Na — itu — Om — vi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: abectar — ralaria — aratá — tata — ro — ité — Aar — cá — arte — atori — miramar — mirara.

VERTICAIS: araticum — barata — elate — cata — ara — ri — amo — reira — ratar — aroma — atar — Ari — im.



vocês, eu sou um bêbedo. Veja quanto eu devo nesta "tendinha".

"Seu" Ferreira, procurando disfarçar o tremor das mãos, apresentou-lhe a nota. Augusto pagou. Em seguida, entregando-lhe uma nota de quinhentos cruzeiros, falou irônicamente:

— Isso você dá ao padre para a caixa dos pobres da igreja. Sempre que eu saio de uma cidade, saldo minhas contas com tôdas as "tendinhas" do lugar. Sou um bêbedo muito correto.

— "Seu" Augusto, o senhor está blasfemando! — disse, aflita, dona Maria.

— Não, dona Maria. Eu, não. Quem blasfema é quem expulsa Abel da igreja. Quem blasfema é o tal presidente da Congregação. É o padre que permitiu essa violência, é quem ri de Abel, é quem tem medo dele. Esses são os que blasfemam não eu.

E Augusto foi empurrando as pessoas, abrindo caminho. Súbito, viu-se frente a frente com Ivan, que o olhava, maravilhado. Então, meteu as mãos no bolso, à procura de algo. Depois, mudando de idéia, tirou o seu relógio do braço e colocando-o no pulso do menino, disse:

— Já que você não aprende mesmo a ver as horas neste relógio da parede, fica com o meu, como lembrança.

Estendeu a mão, que Ivan apertou com força, e despediram-se em silêncio. Depois Augusto voltando-se saiu, atravessou a rua e ganhou a praça em ziguezague, com as pernas bambas, mas extraordinariamente lúcido.

Enfim, começou a tempestade que, desde o princípio da noite, ameaçava desabar. Um relâmpago cruzou o céu, logo em seguida, ouviu-se o trovão e, quase instantaneamente, caiu uma chuva torrencial. Augusto continuou a caminhar, e aos poucos foi sentindo uma estranha sensação de estar sendo observado. Desejava chegar em casa rápido e dormir. Esquecer tudo aquilo. Por isso, não quis se voltar. Mas aquela impressão estranha aumentava, dando-lhe um grande mal-estar. Irritado, decidiu-se. Parou e olhou para trás, mesmo no momento em que outro relâmpago cruzava o céu, iluminando a praça com uma luz muito intensa. E por segundos, tudo aquilo ficou claro como nos dias de festas em que acendiam os refletores do campo de basquete. Então, o pintor viu Abel olhando-o agoniado, tentando esconder-se das pessoas do bar, atrás do velho pinheiro de uma rua lateral. Sem conter-se, pela última vez, Augusto usando o seu velho truque de chamar o outro de amigo, a fim de receber a saudação de que tanto julgava necessitar, gritou com quanta força tinha:

— Fala, amigo Abel, velho de guerra.

A resposta veio logo, em seguida, numa voz aguda, atormentada, semelhante a um guincho, como se fôsse um animal ferido a ganhar:

— A paz seja convosco!

— Mas, apesar de tudo, soava como uma bênção.

NO BRASIL (MINAS GERAIS) A I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS



Lídio Lunardi, presidente da Conf. Nacional da Indústria.

MINAS GERAIS SERÁ teatro, em meados deste ano, de uma reunião de homens da indústria, das finanças e de governo da maioria das nações livres do mundo. Em Araxá ou Belo Horizonte acontecerá a I Conferência Internacional de Investimentos, cujo temário está sendo cuidadosamente organizado. Dos debates que serão travados e das resoluções a serem adotadas poderá despontar, para as nações de baixo nível de desenvolvimento, uma nova era de trabalho e de progresso, possibilitada pela afluência de capitais estrangeiros, daí decorrendo uma notória melhoria nos seus padrões de vida, o que determinará o tão necessário e desejado equilíbrio entre países pobres e ricos.

O certame, promovido pela Confederação Nacional da Indústria, terá, ainda, a finalidade de divulgar internacionalmente a extraordinária obra de harmonia social que vem sendo realizada, em nosso país, pelo Serviço Social da Indústria (SESI).

O encontro de representantes de povos abastados e menos prósperos foi convocado pelo sr. Lidio Lunardi, presidente da Confederação Nacional da Indústria e diretor do Departamento Nacional do SESI, visando a proporcionar uma leal e honesta permuta de pontos de vista sobre o complexo problema dos investimentos estrangeiros, em seus aspectos éticos, políticos e econômicos. A idéia da reunião ocorreu ao sr. Lidio Lunardi após constatar a urgência na eliminação das dificuldades que se deparam aos inversores de capital e aos países dele necessitados. O nacionalismo extremado, dominante nas nações subdesenvolvidas, e o receio de que suas empresas venham a ser inopinadamente nacionalizadas, fazem crescer nos inversores a desconfiança e o medo. Do lado dos países pobres, há o temor de que o capital estrangeiro as submeta política e economicamente. Dirimir tais dúvidas, receios e vacilações, será talvez o mais palpitante objetivo do projetado encontro.

Das resoluções adotadas surgirá, possivelmente, uma Carta de Princípios, que deverá conter normas para aplicação de investimentos particulares de um país em outro. O fornecimento de capitais, diretamente pelas nações mais poderosas às mais fracamente desenvolvidas, será também objeto de debates e resolução, fixando-se até que ponto os governos de umas e de outras deverão fornecer e aceitar tais investimentos.

Teve, ainda, o sr. Lidio Lunardi, convocando para o Brasil a reunião, o propósito de atrair as atenções gerais para o nosso país e suas imensas riquezas e possibilidades.

Já estão convidados os governos da Suíça, Itália, França, Inglaterra, Bélgica, Espanha, Portugal, Suécia e Alemanha Ocidental. Numerosos outros serão chamados a comparecer. Em palestra com o sr. Lidio Lunardi, homens da categoria de Nelson Rockefeller, Eugene Black, presidente do Banco Mundial, Henry Luce, das revistas Time, Life e Fortune, asseguraram-lhe todo o seu apoio. Está prevista a presença de algumas centenas de homens de negócios da Ásia, África, Europa e América. Em rápidos contatos que fez quando presente à Conferência para o Desenvolvimento Industrial, realizada em S. Francisco, Estados Unidos, em fins de 1957, o sr. Lidio Lunardi pôde atrair possíveis novos investimentos para o Brasil.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO SESI

Durante o certame será feita uma Exposição Internacional do SESI, na qual se mostrarão os magníficos resultados da obra de assistência social desenvolvida pelo SESI em todo o Brasil, no sentido do estabelecimento de efetiva política de paz social, idealizada por Roberto Simonsen.



O SALTO DO SAPATO DE DICK TRACY FOI INVENTADO NO BRASIL

MUITA GENTE JÁ ganhou dinheiro nos Estados Unidos inventando as coisas que mr. Chester Gould imagina nas historietas de Dick Tracy.

Mr. Gould nasceu em Pawnee, Oklahoma, Estados Unidos. Fêz um curso de desenho por correspondência e conseguiu o seu primeiro emprêgo no "Tulsa Democrat". Depois passou dois anos estudando desenho no Oklahoma A. and M. College e em 1921 já era um cartonista bastante conhecido, no Oklahoma City Daily, fazendo esportes. Daí foi para Chicago onde se graduou na Northwestern University em 1923, enquanto freqüentava cursos noturnos de desenho no Chicago Art Institute. Começou a trabalhar para o Chicago American antes de criar Dick Tracy.

Atualmente, vive dos direitos autorais numa fazenda perto de Woodstock, no Illinois. Suas horas vagas ele passa trabalhando junto da polícia de Chicago na solução de mistérios (alguns dos quais ele aproveita nas suas historietas), ou nos escritórios do FBI consultando os fichários, ou ainda no laboratório crimino-lógico da Northwestern, um dos mais bem aparelhados do mundo.

Tracy foi criado em 1931 e mr. Gould explica: "Eu tentei fazer um herói baseado em Sherlock Holmes. Imaginei o próprio Sherlock vivendo hoje em dia. Daí o nariz do meu herói" (criticado e satirizado por Al Capp — o criador do Ferdinando — como o Cometa).

Tracy foi criado quando os "inimigos públicos eram todos número um" (no dizer de mr. Gould) e quando o único meio eficiente que a polícia tinha para acabar com eles era matá-los.

Mr. Gould não concordava muito com o método. Tracy não foge de uma luta; é um perfeito conhecedor de armas de fogo (e, aliás, de tôdas as armas), mas raramente mata ou fere um criminoso que persegue.



Chester Gould fala com a Polícia pelo rádio transmissor e receptor (ondas curtas) do seu carro.

Há mesmo quem diga que Tracy serviu como padrão para o moderno detetive americano.

De mais a mais, Tracy não é apresentado como um super-homem. É até um cidadão um pouco teimoso, que muitas vezes escapa por milagre, depois de se deixar arrastar por pistas falsas. Por isso mesmo, anda sempre aparelhado com os mais modernos instrumentos de investigação criminal, que lhe dão vantagem sobre os bandidos.

Como dizíamos no começo, algumas das invenções de Tracy, aliás Gould, foram reinventadas pela polícia e outras foram inventadas e patenteadas por particulares, que ganharam com isso muito bom dinheiro, como é o caso de mr. James Kennedy, que patenteou o guarda-chuva que abre automaticamente.

Por isso, certos fabricantes já vivem de olho nas invenções dos personagens de mr. Gould. Daí, nossa observação:

Não adianta tentar patentear a última invenção ("O Globo" desta semana). Isto já foi inventado no Brasil e tem o nome de salto-giro.

* * *

COM UM DESMENTIDO enérgico, as "Fôlhas", de São Paulo, acabaram com a onda de boatos (de muito boas fontes) que apontavam o grupo Rockfeller como comprador dos três jornais, através do sr. Renato Costa Lima.

A campanha — que encontrou publicidade farta em quase todos os jornais — parece ter sido orientada de propósito, com o objetivo de fazer com que as "Fôlhas" sofressem com isso.

Não houve — nem há possibilidade de haver — transferência de ações no grupo que dirige a empresa. Mas houve uma tentativa, repudiada.

A MATÉRIA JA estava composta e paginada. Começava assim:

"Estão contados os dias de Marcos Perez Jimenez. A revolta dos oficiais da Aeronáutica da base de Maracay, simbolicamente ocorrida nas primeiras horas do primeiro dia deste ano, deu o sinal de alerta, indicando que algo muito mais grave, mais importante e de maiores proporções ocorrerá dentro em breve — muito mais breve do que se possa imaginar.

"O ditador venezuelano costuma dizer em seus discursos, e sua imprensa costuma repeti-lo freqüentemente, que se encontra na presidência da República "cumprindo a vontade das forças armadas". Todos davam-se conta de que estas palavras não passavam de um chavão, mas os primeiros a demonstrar isso publicamente — que Jimenez empregava a fórmula apenas para disfarçar a realidade — foram os oficiais que se levantaram em Maracay e lançaram seus manifestos sobre a Capital, enquanto alguns deles jogavam bombas sobre o palácio de Miraflores."

O fim da matéria dizia:

"Por mais alguns dias Perez Jimenez conseguiu refazer seu gabinete. Seu prestígio, porém, nunca mais será refeito. De agora em diante tudo será possível na Venezuela, menos a permanência do ditador no poder.

"É bem possível que dentro de algumas horas irrompa em Caracas uma greve geral organizada pela CGT, imediatamente apoiada pelos estudantes, que virão para as ruas em manifestações de protesto cuja importância ultrapassará as costumeiras manifestações políticas

"Então, um grupo de militares (talvez do próprio grupo de Jimenez) derrubará o ditador.

"Perez Jimenez poderá ganhar mais alguns dias no máximo. Mas no atual período deixará de governar para preparar as malas".

O autor da reportagem, entregue na redação 60 horas antes da queda do ditador venezuelano, é o nosso Editor Internacional, Stefan Baciú.

Ele estreou na imprensa em 1937, em Bucareste, trabalhando no setor policial do maior matutino da Romênia — "O Universo". Dois anos mais tarde assinava no mesmo jornal uma coluna internacional. Em 44 — após a derrota das tropas alemãs — era titular da seção de teatro e colunista político do órgão do Partido Socialista Romeno — "A Libertade".

De 1946 a 1948 foi Conselheiro de Imprensa junto à Legação da Romênia, em Berna, de onde exonerou-se quando os comunistas se apoderaram do governo.

No mesmo período e até 49, colaborou nos maiores jornais suíços, assinando crônicas literárias e reportagens sobre política internacional.

Em março de 1949 veio para o Brasil. Desde os primeiros meses de 53 trabalha na "Tribuna da Imprensa", onde é o redator internacional desde 54.

É brasileiro naturalizado. Tem 12 obras de poesia publicadas na Romênia (onde é Prêmio Nacional de Poesia, em 1935). No Brasil já publicou cinco livros de poesia e crítica literária.

É dele a reportagem "Roteiro dos últimos dias de Marcos Perez Jimenez". E ele também está preparando uma reportagem (para o próximo número) explicando como caiu Jimenez, quem derrubou, por que e o que espera a Venezuela.

ROTEIRO DOS ÚLTIMOS DIAS DE MARCOS PEREZ JIMENEZ



PEREZ JIMENEZ: a última foto como ditador da Venezuela.

13 DE JANEIRO: Obrigado pelo Exército, que se mostrou descontente com o plebiscito de 15 de dezembro, Jimenez anuncia a reforma do gabinete, incluindo, além de oficiais "neutros", vários oficiais da Marinha. A "Sociedade Inter-americana de Imprensa" envia protesto contra a censura e a tortura de jornalistas, anunciando que mobilizaria seus 300 sócios para denunciar o regime ditatorial.

14 DE JANEIRO: Jimenez assume pessoalmente a pasta da Defesa, para demonstrar que ainda mantém o controle das forças armadas. Ao mesmo tempo, o recém-nomeado titular da Defesa, general Rômulo Fernandez, é desterrado para Ciudad Trujillo, sob forte escolta. Os primeiros grupos de estudantes reúnem-se na Universidade de Caracas, manifestando-se contra o governo.

15 DE JANEIRO: As manifestações estudantis começam a inquietar o ditador, que ordena à Polícia dissolver, "por qualquer meio", as reuniões realizadas nos arredores da Universidade.

16 DE JANEIRO: Grupos de mulheres de todas as classes sociais reúnem-se no centro da Capital, exigindo a imediata libertação dos presos políticos detidos na Segurança Nacional. Os estudantes juntam-se às manifestações e a polícia dissolve a passeata a golpes de cassetete e bombas de gases lacrimogêneos. Nas cidades do interior, especialmente em Barquisimeto e Valência, grupos de cidadãos manifestam contra o governo. Ouve-se, com frequência, o grito: "Abaixo a ditadura".

17 DE JANEIRO: As manifestações continuam ampliando-se. Ao mesmo tempo, circula em Caracas um manifesto assinado por 400 representantes da vida intelectual, industrial, bancária e religiosa, onde se exige "a pacificação da família venezuelana" e a libertação dos presos políticos. Jimenez se recusa a tomar conhecimento do conteúdo do

documento, dando ordem à Segurança Nacional de vigiar todos os signatários. A medida dificilmente pode ser posta em prática: Pedro Estrada, especialista neste sistema de repressão, já se encontra exilado em Ciudad Trujillo.

18 DE JANEIRO: Durante 24 horas a calma parece voltar a Caracas. A imprensa controlada pelo governo faz apelos "ao patriotismo do povo". Enquanto isto, Jules Dubois, presidente da Comissão de Liberdades de Imprensa da SIP, anuncia que nos calabouços da Segurança Nacional está sendo torturado Miguel Angel Capriles, diretor do jornal "La Esfera", que durante muito tempo apoiou o regime de Jimenez, recusando-se, porém, a escrever um editorial condenando os rebeldes da base de Maracay.

19 DE JANEIRO: Jimenez ordena o fechamento, por tempo indeterminado, do maior colégio da Capital, o "Andrés Bello", cujos 600 alunos representavam "perigo para a segurança pública". Crise no gabinete: o ministro da Educação recusa-se a apoiar a medida. Na Colômbia e na Argentina, organizam-se gigantescas manifestações contra a ditadura de Jimenez. A Organização Regional Interamericana de Trabalho lança uma denúncia contra a ditadura, assinada pelo seu secretário geral, Luis Garcia Monge.

20 DE JANEIRO: Primeira grande batalha nas ruas de Caracas: a polícia abre fogo contra colunas de manifestantes que percorrem a cidade cantando o hino nacional. Nos primeiros choques, há mais de 30 mortos. O comunicado oficial divulgado pela TV e Rádio Nacional, dá o número de 24, além de centenas de feridos. Em Nova Iorque, o líder da "Ação Democrática", Rômulo Betancourt, afirma que Caracas está sendo transformada "em segunda Budapeste". Em sinal de protesto, inicia-se a greve geral. Por falta de jornais, que aderiram à parede, a ordem vai de boca em boca. Repicam os sinos das igrejas, anunciando o início da greve nacional.



Soldados patrulham as ruas de Caracas, já calma depois da queda de Jimenez.

21 DE JANEIRO: Nova rebelião nas fileiras da Fôrça Aérea, que ameaçava bombardear o palácio presidencial. Prossegue a greve geral, e, pelo segundo dia consecutivo, a polícia abre fogo contra o povo. Desta vez, o número de mortos sobe, oficialmente, a quarenta. Informações extra-oficiais falam em mais de 100.

22 DE JANEIRO: Jimenez proclama o estado de sítio, decretando, ao mesmo tempo, o toque de recolher, das 5 da tarde às 5 da manhã. Apesar das medidas de repressão, as lutas continuam nas ruas de Caracas, pelo terceiro dia consecutivo. Extra-oficialmente o número dos mortos calcula-se em duzentos.

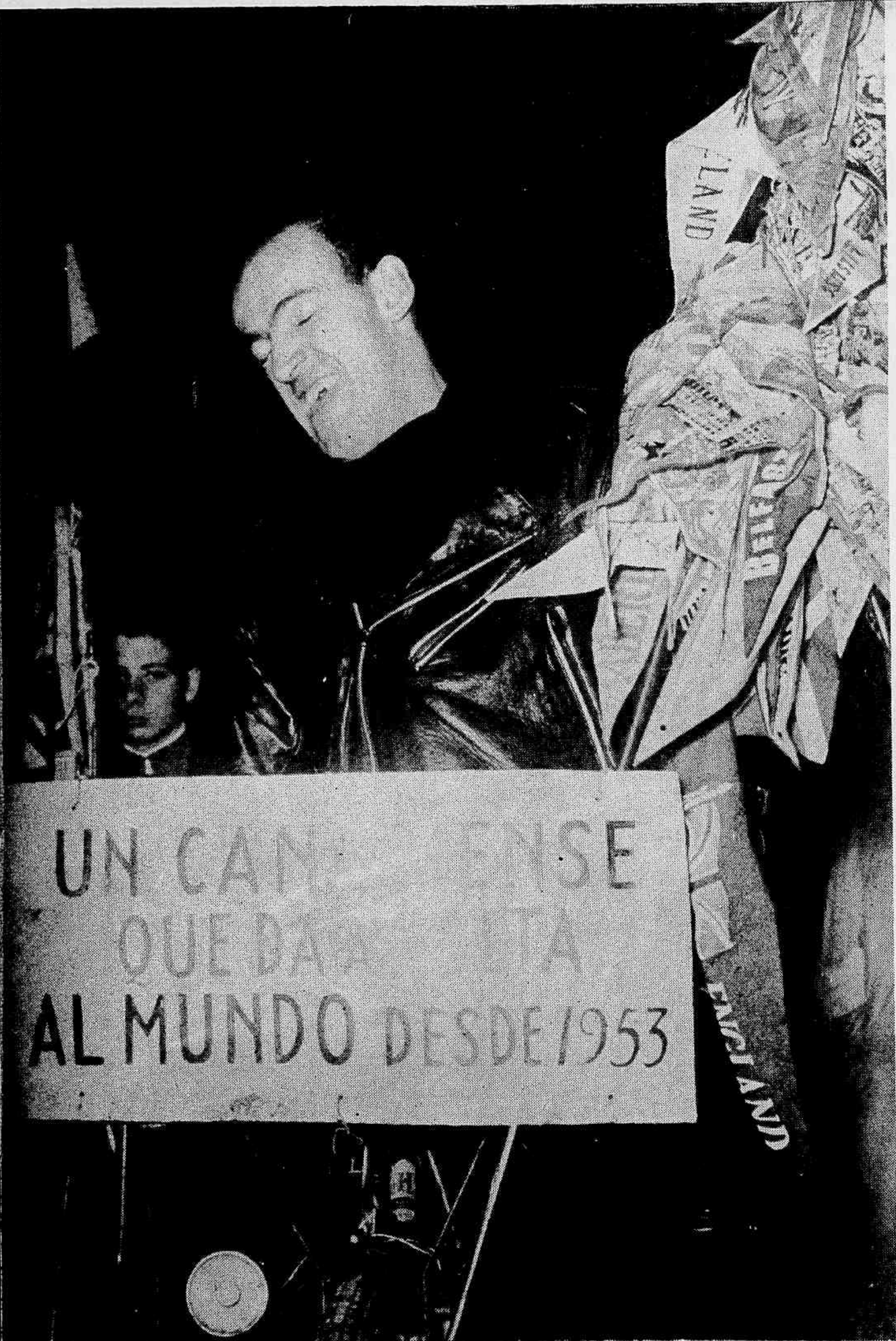
23 DE JANEIRO: Nas primeiras horas da madrugada, grande número de oficiais apresenta-se ao Palácio de Miraflores, exigindo a renúncia imediata de Jimenez. Após longos debates, a Rádio Nacional anuncia, às 2,30 da madrugada, que uma junta cívico-militar, presidida pelo contra-almirante Wolfgang Larrazábal assumiu o govêrno, pondo fim a dez anos de ditadura. Da junta fazem parte os coronéis Roberto Cassanova, Romero Villate, Pedro José Cevedo e Carlos Luis Araque. Enquanto isto, um avião preparado às pressas, levantava vôo, às 3,08 da madrugada, do aeroporto militar de La Carlota, sobrevoando a capital convulsionada e dirigindo-se para Ciudad Trujillo, onde Jimenez decidiu asilar-se. Sem mais respeitar o toque de recolher, o povo sai às ruas, manifestando seu entusiasmo pela queda da ditadura. Grupos de populares atacam a Segurança Nacional para libertar os presos políticos, sendo recebidos com fogo de metralhadora pelos policiais fiéis a Jimenez. Grande número de agentes da polícia foi trucidado nesta batalha. O Exército teve que intervir para proteger os policiais que se renderam.

24 DE JANEIRO: O país tem novo govêrno, composto exclusivamente de civis, exceto o ministro da Defesa. Dois

membros da junta renunciam, por terem colaborado com Jimenez. Os políticos exilados lançam proclamações (Betancourt, Gallegos, Caldera). O líder republicano Jovito Villalba anuncia seu regresso dos Estados Unidos, após cinco anos de destêrro. O povo enfurecido incendeia o jornal "El Heraldo", propriedade do ex-ministro do Interior Valenilla Lanz e a residência particular de Perez Jimenez. Vários bancos são ameaçados pela multidão. Regressam ao país os oficiais exilados na Colômbia, que participaram da revolta do primeiro de janeiro em Maracay. Perón procura asilo na embaixada dominicana em Caracas.

25 DE JANEIRO: O jornal "La Esfera", fechado durante vários dias pela polícia de Pedro Estrada, publica em sua primeira página as cópias fotostáticas de um relatório em que Perón dava conselhos a Jimenez indicando como devem ser sufocados os movimentos contra o govêrno. Enquanto isto, o ex-ditador argentino continua escondido na embaixada dominicana, informando que não pedia asilo, pois se considera apenas "visitante". Turbas enfurecidas saqueiam as residências de vários colaboradores do regime deposto e assassinam dois cidadãos italianos do movimento fascista, que apoiaram o plebiscito. A chefia do Estado-Maior convoca reservistas de 1957. Em Ciudad Trujillo Jimenez informa aos jornalistas que "é muito cedo para fazer declarações".

26 DE JANEIRO: Continua, em Caracas, a caça aos membros da polícia secreta. Partidários de Jimenez anunciam que brevemente darão um contra-golpe. Reunião extraordinária do gabinete sob a presidência do contra-almirante Sarrazabal, que lança um apêlo à paz e à ordem. A chancelaria informa que serão reiniciadas brevemente as relações com os países que romperam com a ditadura de Jimenez: Costa Rica, Uruguai, Chile, Argentina. Perón aguarda salvo-conduto para viajar a Ciudad Trujillo.



PARALÍTICO DÁ A VOLTA AO MUNDO DE BICICLETA

Edilberto Coutinho (nosso correspondente em Madri) diz: "êle ainda vai ao Brasil".

DE MADRID

CONRAD DUBÉ, canadense, 28 anos, noivo, com paralisia infantil na garganta, está dando a volta ao mundo em bicicleta, a 20 quilômetros por hora para provar que a poliomielite se cura com exercícios físicos.

Ele chegou a Madri dizendo que vinha do mundo pedalando, e tinha completado 90 mil quilômetros. Contou com exclusividade à **REVISTA DA SEMANA**:

1. Disputa um jogo com a própria vida: foi condenado pelos médicos de seu país aos 2 anos de idade, quando tinha vivo apenas o coração: o resto não funcionava.

2. Foi internado num hospital e aos 8 anos de idade a inteligência começou a aparecer nêle. Mas sua mãe não confiou nos médicos e resolveu tratar, ela mesma, do menino.

3. Em casa, êle passou 2 920 dias levando massagens de azeite, e 24 meses após o tratamento deu os seus primeiros passos. Dias depois fazia-se entender por meio de sinais.

4. A paralisia ficou na garganta, êle não falava, e hoje fala com muita dificuldade. Aos 18 anos aprendeu a andar de bicicleta para movimentar os músculos dos braços e das pernas. Resultado bom, surpreendendo os médicos de Quebec, onde morava.

5. Um dia (1953) Conrad Dubé disse à sua mãe que queria provar a todo mundo que andar de bicicleta cura poliomielite: e saiu de casa tomando o destino do mundo.

6. Conrad Dubé é recebido com festa em tôda parte. Diz êle que já fez muitas coisas boas: foi recebido pelo Papa, no Vaticano (no momento recebeu a notícia da morte de sua mãe), por Ike, na Casa Branca, príncipes e governantes europeus. E mais: falou com Grace Kelly em Paris e dançou com Ivone de Carlo em Hollywood, onde os artistas de cinema lhe ofereceram uma festinha.

7. Disse que, além de ciclista ("sou campeão mundial de ciclismo"), é repórter: toma nota de tudo o que faz na sua viagem pelo mundo e está fazendo um diário e colecionando fotografias de celebridades que conhece nos lugares por onde passa.

8. Não tem dinheiro. Viaja há quatro anos e já gastou todos os dólares que sua mãe lhe deu na hora da partida, em Quebec. Diz: "Minha fortuna é o mundo. Em tôda parte sou recebido com honras. Há maior fortuna?"

9. Vai escrever um livro: "A Volta ao Mundo em Bicicleta" e revela que para completar sua volta vai viajar, ainda, 3 anos. Próximas etapas: o resto da Espanha, Bélgica, norte da Europa, Austrália, Oriente. Não sabe se poderá ir à América do Sul.

10. Não sente frio, porque já se acostumou a tôdas as temperaturas. Em Madri (agora é inverno e o frio é intenso, todos vestem quilos de roupas) Conrad Dubé veste apenas um pulôver negro e um blusão de couro que os espanhóis chamam "canadense".

11. Conrad passa o dia inteiro conversando com moças e rapazes estudantes na porta do hotel onde está hospedado, na Gran Via (rua principal de Madri) e a sua bicicleta (já gastou cinco na viagem, mas não comprou nenhuma: ganha tôdas de presente) tôda enfeitada de flâmulas está exposta na calçada do hotel.

12. Aproveita o seu tempo em Madri para fazer exercícios com azeite (conforme lhe ensinou sua mãe) com um rapaz que tem a mesma doença: poliomielite.

13. Pedala 100 quilômetros por dia. Coisa que mais gostou na viagem: o rosto de Grace Kelly e o fox que dançou (bem apertadinho) com Ivone de Carlo. E também das colinas de Roma.

14. Espera ficar bom da poliomielite. Os médicos que, o examinaram recentemente disseram que êle vai ficar bom.

15. Mas para ficar bom mesmo é preciso correr (de bicicleta) o resto do mundo.

"MEMÓRIAS DO QUE EU VI"

Rafael Correia de Oliveira,
a partir do
PRÓXIMO NÚMERO,
estará escrevendo uma página
semanal
para a REVISTA DA SEMANA.
"Memórias do que eu vi"
serão crônicas
sem ordem cronológica
sobre episódios
que o jornalista
assistiu.

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

Nilza a cores no encarte



A qualquer barulhinho alagoano coça a cintura

O DEPUTADO OSÉAS Cardoso, que ofereceu a denúncia para o processo de "impeachment" contra o governador Muniz Falcão, sente-se ameaçado de morte e, por isso:

1. Mandou construir um alto muro atrás da sua casa e vai cercá-la de fios elétricos.

2. Não dirige mais automóvel porque não quer ter as duas mãos impedidas.

3. Prepara-se para escrever as suas memórias.

4. Não sai quase de casa.

Consta que as classes produtoras pretendem dar um crédito de confiança ao governador Muniz Falcão porque acreditam que ele não consiga chegar ao fim de seu mandato com mínima realização que seja para o desenvolvimento do Estado.

"Depois que ele sair, não poderá dizer que não contou com o nosso apoio", afirmam alguns de seus mais destacados líderes.

Já o sr. Homero Galvão, presidente da Associação Comercial, foi mais claro: "Minha entidade é apolítica e serve sempre de colaboradora dos governos".

O ex-governador Arnon de Melo, que esteve em Maceio para assistir ao casamento de uma sobrinha e vai voltar em fevereiro próximo "para aguardar as ordens dos vinte e dois deputados opositoristas", afirmou que até agora não foi tratada a questão do lançamento da sua candidatura para senador por Alagoas, mas todos os seus correligionários asseguram que ele será eleito e por grande maioria.

É quase certa a aposentadoria do desembargador Meroveu Mendonça, presidente do Tribunal de Justiça. O próprio desembargador, já prevendo o ato do governador, diz que "a hora é essa para descansar" e se prepara para criar galinhas, plantar côco e milho num sítio que tem ao sul do Estado.

Só a Petrobrás está trabalhando, na perfuração de cinco poços. Dizem seus diretores e operários: "A luta em Alagoas não nos atinge. Nossos problemas não têm raízes aqui".

Três novos bancos abriram filiais em Maceió, mas tanto os bancos como a indústria e o comércio estão com suas atividades bastante reduzidas.

Em Alagoas não se ouve mais um só tiro, a não ser o estampido seco de revólveres de brinquedo manejados por garotos brincando na rua de bandido e mocinho. Essa é uma das cenas mais constantes das ruas de Maceió, cidade onde o barulho de escape de um automóvel provoca olhares silenciosos entre seus moradores e impele aqueles que gostam de atirar a movimentar as mãos

na direção de sua arma, quase sempre levada nua na cintura (encoberta pela camisa) ou no bolso do paletó.

O mais grave, para muitos, é o fato de os deputados retirarem adiantadamente seus honorários na Assembléia Legislativa. Um deles chegou a comentar: "É estarrecedor a gente ver na lista de pagamentos que um colega já pediu seus vencimentos adiantados um ou dois meses, inclusive".

Os partidários do sr. Muniz Falcão estão certos de que o governador conseguirá maioria parlamentar depois das eleições de outubro próximo e comentam como "slogan": "Muniz venceu porque é do povo. E o povo nunca é derrotado".

Muito cansado da luta política, principalmente durante o ano último, o sr. Muniz Falcão confessa a amigos mais íntimos que deixará o governo para se recolher ao emprego que tem no Ministério do Trabalho.

Mas, enquanto isto, vai montar um escritório de notícias e relações públicas no Rio e nomear um amigo para coordenador de prefeitos dos municípios e cidades do interior de Alagoas.

A Oposição, apesar de desejar que o governador encerre seu mandato sem cometer arbitrariedades, não acredita que os elementos que cercam o sr. Muniz Falcão deixem passar em branco o período final de seu governo sem cometer violências. Um dos elementos ligados ao sr. Muniz Falcão mais temido pela Oposição: Walter Mendes, filho do deputado Humberto Mendes, sogro do governador, a quem é atribuída fama de pistoleiro valente.

LUIZÃO

LUIZÃO NÃO ENTROU no "ranking" mundial, como dizem os jornais. Ele depende de duas coisas para entrar: vencer Dogomor Martinez — o campeão sul-americano — ou Archie Moore aceitar nova luta com ele, valendo o título depois que Luizão tenha vencido dois *challengers* do campeão.

IMPRENSA

COM O SR. Juscelino Kubitschek servindo de intermediário, "O Globo" e a "Última Hora" teriam feito um acordo de cavalheiros: cada um deixará de atacar e de envolver-se nos negócios do outro.

Em compensação:

1 — "O Globo" importará sua TV

(canal 4) a dólar de 45 cruzeiros, sem que a "Última Hora" faça campanha contra. Para isso o sr. Roberto Marinho vai requerer extensão, à sua empresa, de privilégio concedido pelo Governo a industriais paulistas.

2 — "Última Hora" tentará uma nova composição com o Banco do Brasil, segundo a qual o Banco devolverá a Érica e emprestará mais 30 milhões de cruzeiros. "O Globo" silenciará sobre o negócio.

RONDON

VAI SER TENTADA novamente a candidatura do marechal Rondon ao Prêmio Nobel da Paz. Preocupação do Itamarati: pode o prêmio ser concedido *post-mortem*? Pode.

ROMANCISTA

JANIO QUADROS vai entrar para a literatura com um romance que está escrevendo nas horas vagas. O título ainda não foi escolhido e o tema é segredo, mas se sabe que em 8 meses de trabalho Janio só conseguiu escrever 15 páginas.

Quem viu o romance (que está todo estruturado) diz que o governador paulista vai ser muito discutido como escritor (ele já é muito discutido como político) por causa do estilo, especialmente da pontuação.

INTERNACIONAL

MELHORAM as possibilidades de uma reunião de cúpula entre o Ocidente e o Oriente: Eisenhower afirma estar disposto a entrevistar-se com Krushev, se a Rússia anunciar seus planos para o encontro.

NASSER anuncia em discurso político que a união sírio-egípcia será brevemente transformada em realidade. Ao mesmo tempo, o chanceler sírio chega ao Cairo.

A CÂMARA guatemalteca não consegue eleger o presidente da República, pois o presidente provisório, Flores Avendaño, deseja que seja eleito seu amigo Ydigoras Fuentes, que, sem obter maioria absoluta, reuniu o maior número de votos. A Câmara, porém, quer o segundo colocado, coronel Cruz Salazar.

ANUNCIA-SE de Lima e La Paz que as autoridades descobriram dois complôs visando assassinar os dois presidentes.



Oito colunistas sociais, em dez, garantem que Linda não casa com Pygnatari.

Mas ele está gastando uma fortuna com ela.

LINDA CHRISTIAN NÃO VAI CASAR COM "BABY"





Em 1949, quando Linda ainda achava que Tyrone era o seu grande e único amor.



Ainda não fez um ano que

LINDA CHRISTIAN (ex-mulher de Tyrone Power) e Francisco "Baby" Pygnatari — milionário brasileiro — estão fazendo uma volta ao mundo que classificaram como "de experiência, para ver se a vida em comum é possível".

Isto quer dizer que eles estão vivendo uma "experiência pré-nupcial", o que — segundo Linda — "é importantíssimo".

Em Paris ela declarou aos jornalistas, numa entrevista coletiva, que Pygnatari é "extremamente simpático, agradável e cavalheiresco", enquanto ele dizia que Linda é "uma das mulheres mais interessantes" que já conheceu.

Ambos admitem que a viagem acabe em casamento e fizeram um acordo: interromper a viagem no dia 10 de fevereiro, quando "Baby" virá para o Brasil (onde passará o Carnaval). Durante duas semanas os dois — longe um do outro — pensarão se "o casamento é o melhor caminho a seguir".

Se Pygnatari quiser mesmo casar, vai voltar à Europa para encontrar Linda em Paris. E se ela também quiser casar estará lá, depois de passar os dez dias de meditação em Veneza.

Os colunistas sociais de todo o mundo têm dado grande cobertura ao romance dos dois e muitos deles têm lembrado que:

1. Pygnatari é casado no Brasil;

2. sua mulher (de quem está desquitado) é muito ciumenta (vide Lady Maxwell, p. 10);

3. Tyrone (pronuncia-se Tirone mesmo) Power divorciou-se de Linda porque ela posou nua para um escultor;

4. Há menos de um ano Linda chorou muito a morte de seu noivo, o marquês de Portago;

5. O marquês acabara de se divorciar da marquesa Carol (uma belíssima americana da Carolina do Norte), de quem tinha um filho, para se casar com Linda quando seu carro explodiu, no maior acidente automobilístico de todos os tempos, durante as "Mil Milhas Italianas", matando várias pessoas e morrendo;

6. na época, Linda disse que "Alfonso (28 anos, forte, moreno alto) era o seu tipo ideal de homem" e que "difícilmente poderia viver sem ele".

Também não faltam afirmações de que o casamento não sairá, de parte a parte, muito embora o sr. "Baby" Pygnatari esteja comprando um verdadeiro enxoval de noiva para Linda.

Se chegar a haver o casamento (e os colunistas, 3 a 2, dizem que não vai haver), Linda deixará de receber uma pensão de 50 mil dólares, que lhe dá Tyrone Power. Ty deve ter ficado muito satisfeito com a notícia de que "Baby" deu à sua ex-mulher um anel "de noivado" no valor de 50 mil dólares.



ela desceu do avião sorridente, foi ao encontro do repórter e ouviu a notícia do acidente que o marquês sofrera.



Quando Linda conheceu o marquês espanhol Alfonso De Portago, disse que "sempre admirava os latinos" e que "por seu tipo de latino" é que Tyrone a impressionara um dia.

A OIC nasceu com o pé esquerdo

CONTRARIANDO O princípio de que oferta e procura é que fazem o mercado, a Conferência Internacional do Café, convocada depois de prolongadas demarches para aprovar a constituição de uma organização internacional, contou apenas com a colaboração efetiva dos produtores. Os países consumidores a ela compareceram como simples observadores, sem direito a voto. Neste particular o café se distanciou de seu associado natural, o açúcar, cujo acôrdo internacional é fruto dos entendimentos e interesses de produtores e consumidores.

É possível, no entanto, que a decisão inicial de excluir os consumidores dos entendimentos tenha sido uma coisa calculada, conhecido como era, desde muito, o ponto de vista do principal mercado consumidor, os Estados Unidos, contrários por princípio a qualquer ajuste que leve ao estabelecimento de uma política de preços ou de contróle de produção. No caso do açúcar, de cujo acôrdo participam, os Estados Unidos estão a cômodo, pois dentro do acôrdo têm um mercado preferencial, que funciona à margem do chamado mercado livre mundial.

PREÇO E CONTRÔLE

Conquanto o projeto de resolução constitutiva da esperada Organização não contivesse qualquer disposição expressa a respeito de preço ou de contróle de produção, o seu artigo 4.º dispunha originalmente que, em qualquer tempo e em face da possibilidade de uma crise originada pelo desequilíbrio entre a produção e o consumo do café, poderia a OIC recomendar aos governos competentes medidas para solucionar essas crises. Um guarda-chuva muito amplo, como se vê.

Foi contra tal amplitude que se fez sentir a primeira emenda-bomba, da Bélgica e da França, países que constituíram o grupo mais ativo do complexo euro-africano, ao invés de recomendar aos governos medidas não especificadas, êsses países propunham o recurso à ONU.

Tudo indica, pelos antecêdentes, que êste seria um dos pontos de luta no

projeto de resolução, mas os organizadores da Conferência, Brasil e Colômbia, não esperavam que essas resistências viessem da Europa ou da África, cujas delegações eram tidas, de antemão, como pacíficas, aceitantes daquilo que se ia propor. A reação esperada era a dos países consumidores, dos Estados Unidos sobretudo.

Já na quase coincidente convenção de Boca Ratton, que reuniu os industriais e comerciantes de café nos Estados Unidos e à qual o governo brasileiro não se dignou de mandar um único observador, sequer, o sr. Roy Rubottom, do Departamento de Estado, aludira à posição tradicional do seu país quanto a acordos como aquele que iria ser objeto de exame poucos dias depois no Rio de Janeiro.

Chegando ao Rio como observador de Washington, no próprio dia em que se inaugurava a Conferência, o sr. Harold M. Randall, em conversações tidas como reservadas, deixava claro que Washington via com bons olhos a estruturação de uma entidade dos países produtores, desde que objetivando o incentivo do consumo e os estudos estatísticos. Mas, adiantava, Washington considera inconveniente o artigo 4.º do anteprojeto do acôrdo.

Era quase causa comum com os delegados africanos, que defenderam, desde o primeiro momento, a idéia de que não é a propaganda capaz de ampliar o consumo, mas sim uma redução substancial nos preços. Logo depois, escorados pela França, os produtores africanos apresentaram uma emenda estabelecendo diferença de contribuição entre Arábica e Robusta. Enquanto o projeto original do Acôrdo propugna a extensão a todos os países produtores da taxa de 25 cents de dólar por saca, para a propaganda, aqueles delegados propunham que, para o Robusta, a taxa fôsse de apenas 15 cents.

ACÔRDO PARA O CAFÉ

Houve o acôrdo, aprovando-se o texto final do projeto que cria a Organização Internacional do Café. A OIC já existe, o Rio de Janeiro será a sua sede. Trabalhou-se muito, porém, para se chegar a um ajuste final. Foi preciso convencer a uns de retirar emendas apresentadas, a outros de abrandar os termos de suas manifestações. O mais sério, porém, aconteceu mesmo com respeito ao parágrafo 4.º (Estudos Econômicos) do artigo II (Atividades), cuja redação foi substancialmente alterada.

No anteprojeto-base da Conferência dizia-se que: "Se, em resultado dessa constante análise da economia cafeeira, a Organização se convencer, em qualquer ocasião, da possibilidade de crise ocasionada por grave desequilíbrio entre a produção e o consumo do produto, poderá formular e recomendar aos governos dos países-membros, a outros governos ou aos organismos internacionais

interessados, as medidas que considere convenientes à proteção dos produtores e consumidores do café."

Na redação finalmente aprovada, temos: "Tanto no interesse dos produtores como no dos consumidores, a Organização estudará continuamente as medidas capazes de assegurar uma expansão progressiva do consumo, uma estabilidade razoável do mercado mundial do café e o desenvolvimento econômico dos países produtores."

"Tais medidas deverão reconhecer o direito de cada país determinar sua política com respeito à produção e à venda do café. Se a Organização chegar à conclusão de que é necessária uma ação conjunta dos países membros, as recomendações que adote sobre o particular com aprovação da maioria dos votos básicos, serão transmitidas aos países membros e, se assim se decidir, aos organismos competentes."

Comentando o parágrafo 4.º, o delegado dos Estados Unidos considerou substanciais as modificações introduzidas, que lhe parecem destinadas a tornar o parágrafo mais aceitável aos países consumidores. Uma porta aberta, aos consumidores, num acôrdo de produtores. E, também, a congregação dos franco-atiradores, quando considera que cada um, produtor ou consumidor, pode determinar sua própria política, de venda e de compra. Tudo indica que houve uma redução no guarda-chuva.

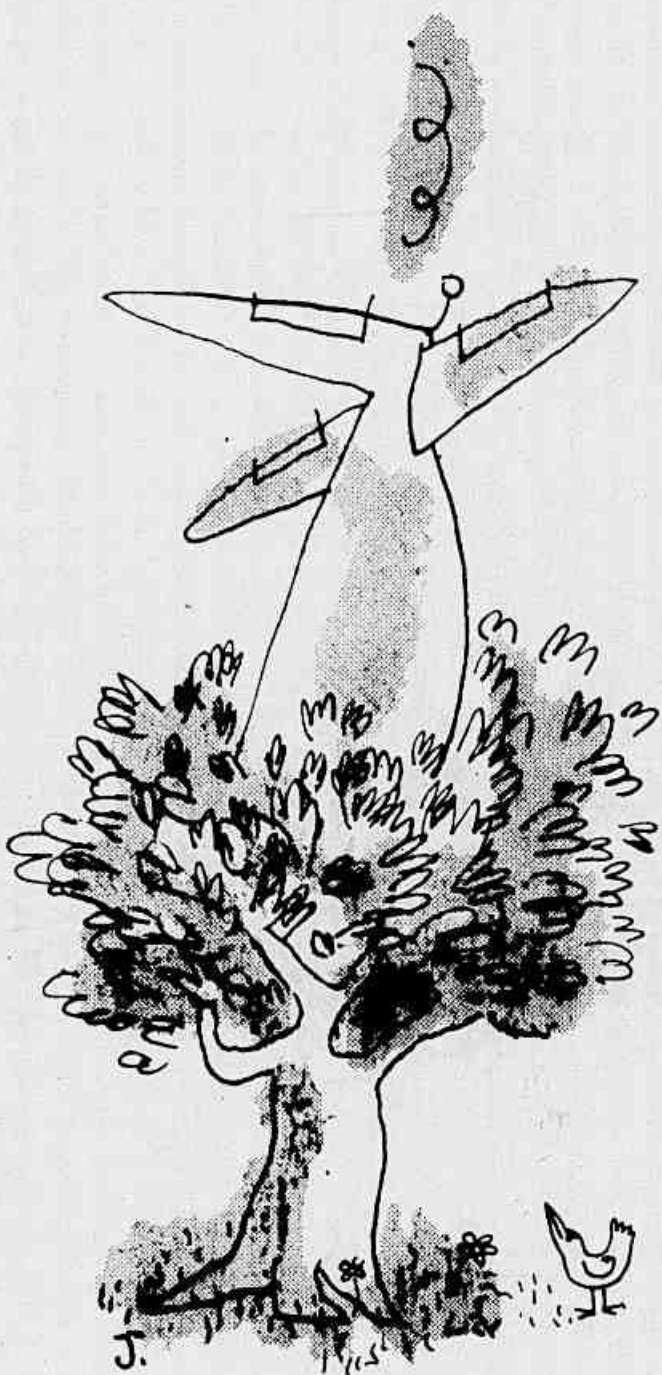
ARABICA E ROBUSTA: NOVAS FRONTEIRAS

Arábica e Robusta passaram assim a constituir novas fronteiras na geografia do café, para os efeitos da Conferência e da Organização. Sabe-se muito bem que Robusta é o principal adversário do Arábica na luta pelos mercados consumidores. Sua participação cresce, rápida, no abastecimento dos Estados Unidos, onde sua penetração é facilitada pela indústria do café solúvel, ao passo que predominante, já, na Europa.

Uma outra surpresa viria, porém, numa emenda patrocinada por Portugal, segundo a qual a predominância do Brasil e da Colômbia, nas decisões da Conferência e na constituição da Organização, seria muito reduzida. Enquanto nos termos do projeto original os dois maiores produtores teriam votos suficientes para as decisões, pela emenda de Portugal êles precisariam de mais alguma colaboração.

Mas, à margem de tudo, não faltou sequer uma pequena convenção da FEDECAME e, segundo se diz, o Acôrdo do México estêve a pique de ser modificado (pequenos produtores latino-americanos queriam a liberação de suas retenções). Discutiu-se, inclusive, sobre se tal acôrdo deve ou não ser renovado.

A Conferência expirou teoricamente segunda-feira, dia 27. Num encontro dêsses, a unanimidade é impraticável. Convenhamos, porém, que a Organização Internacional do Café nasce raquítica, às vésperas de pesadas provas.



CÂMERA LENTA

SE O PRESIDENTE Juscelino tivesse morrido no acidente que quase houve com o seu "Viscount", muita coisa aconteceria. Uma delas: seus colegas telegrafistas receberiam cem mil cruzeiros, do seguro no grupo dos telegrafistas que JK deixa para a Caixa da classe.

A IMAGEM DE São Sebastião que caiu durante a procissão deve ser a mesma que havia no prédio da velha Prefeitura e que foi transferida depois para o Conselho Municipal. Esta imagem era administrada por um grupo de funcionários municipais e tinha economia própria. Dizia-se que até um desfalque ela sofreu, em determinada ocasião.

A CANTORA MAYSA (casada Matarazzo), é neta do simpático senador pelo Espírito Santo, Monjardim. Outro dia, no "36", ela atendeu a um pedido da veteraníssima Aracy de Almeida e cantou com ela em cânto.

POR FALAR em Aracy: Noel Rosa, cujas parcerias deram tanto assunto ao sr. Flávio Cavalcanti, teve um jornal de modinhas para divulgar a sua pro-

dução. O diretor do jornal, Medeiros Rosa, era o próprio Noel.

POR FALAR em Flávio e Noel: Almirante pensou que ia morrer desta vez. Seria cedo de mais.

VOLTA E MEIA lembraremos aqui o velho café Lamas do tempo do Sarmento, que aturava na caixa com paciência infinita os "espetos" de toda uma geração. Um dos sofrimentos do Sarmento era o outro Sarmento, Moraes Sarmento, que até um jumento levou ao Lamas para comer o pão-de-ló que morava em cima das mesas. Moraes Sarmento morreu numa corrida de automóveis, em São Paulo. O outro — pai do dinâmico Sarmento da Maccan-Erickson — assustou-se quando o viu no Hotel Vista Alegre, onde morava, pela primeira vez à luz do dia. Pálido, depois de tantos anos sem frequentar a luz do sol, parecia um fantasma.

VI NA SEMANA passada nos jornais o nome do meu amigo Camillo Cuquejo como vítima de um malandro. Cuquejo era — e acho que ainda é — proprietário do café Colombo, um dos poucos abertos a noite toda. Ele foi pro-

prietário do restaurante Balalaika, onde foi patrão do ministro Gama Filho (do Supremo Tribunal), pai do líder do prefeito na Câmara Municipal.

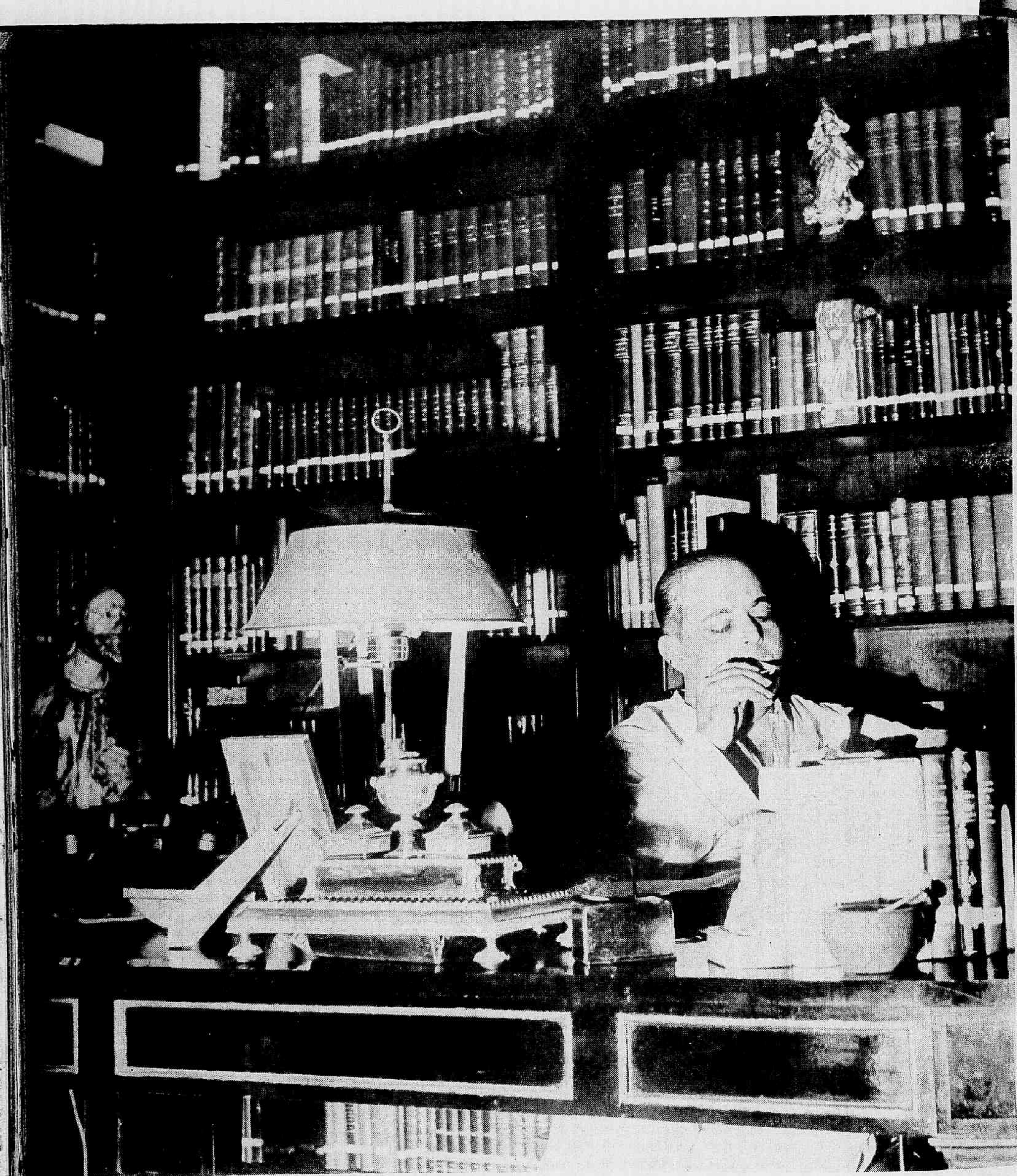
GOSTARIA DE SABER do meu amigo Camillo onde foi parar o busto do barão do Rio Branco que existia na Brahma — também de sua propriedade — e que desapareceu agora com a derrubada da Galeria Cruzeiro pelo Don Camillo. Como se vê, o Don Camillo não tem nada a ver com o nome do livro de Guareschi.

O MARECHAL RONDON, morto a semana passada, no tempo do presidente Arthur Bernardes foi encarregado de perseguir a coluna Prestes.

A QUELA MARIA Thereza Rezende Teixeira, dona do assunto Puccini no "O Céu é o Limite" da Varig, é filha do Miguel Teixeira, que presidiu o célebre inquérito do Banco do Brasil cuja leitura, feita na Câmara pelo deputado José Bonifácio, provocou tanta celeuma. Aquê inquérito terminou noutro, para saber como o documento chegara às mãos do deputado. Miguel Teixeira foi encarregado da devassa no Banco do Brasil pelo sr. Getúlio Vargas, ainda no automóvel em que ambos voltavam da posse do último como presidente.

QUANDO O MARECHAL Rondon fez 60 anos disse a todos que estava pronto para morrer. Comprou sua sepultura no cemitério São João Batista e mandou fazer o jazigo. Na pedra, mandou gravar seu lema: "O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim", frase que, resumida, figura na bandeira do Brasil. 33 anos depois, no dia do aniversário de Augusto Comte — o filósofo positivista autor da frase — o marechal saiu da tenda de oxigênio, chamou seu genro e médico de cabeceira e disse, inflamado: "Viva a República!" Repetiu a frase e morreu.





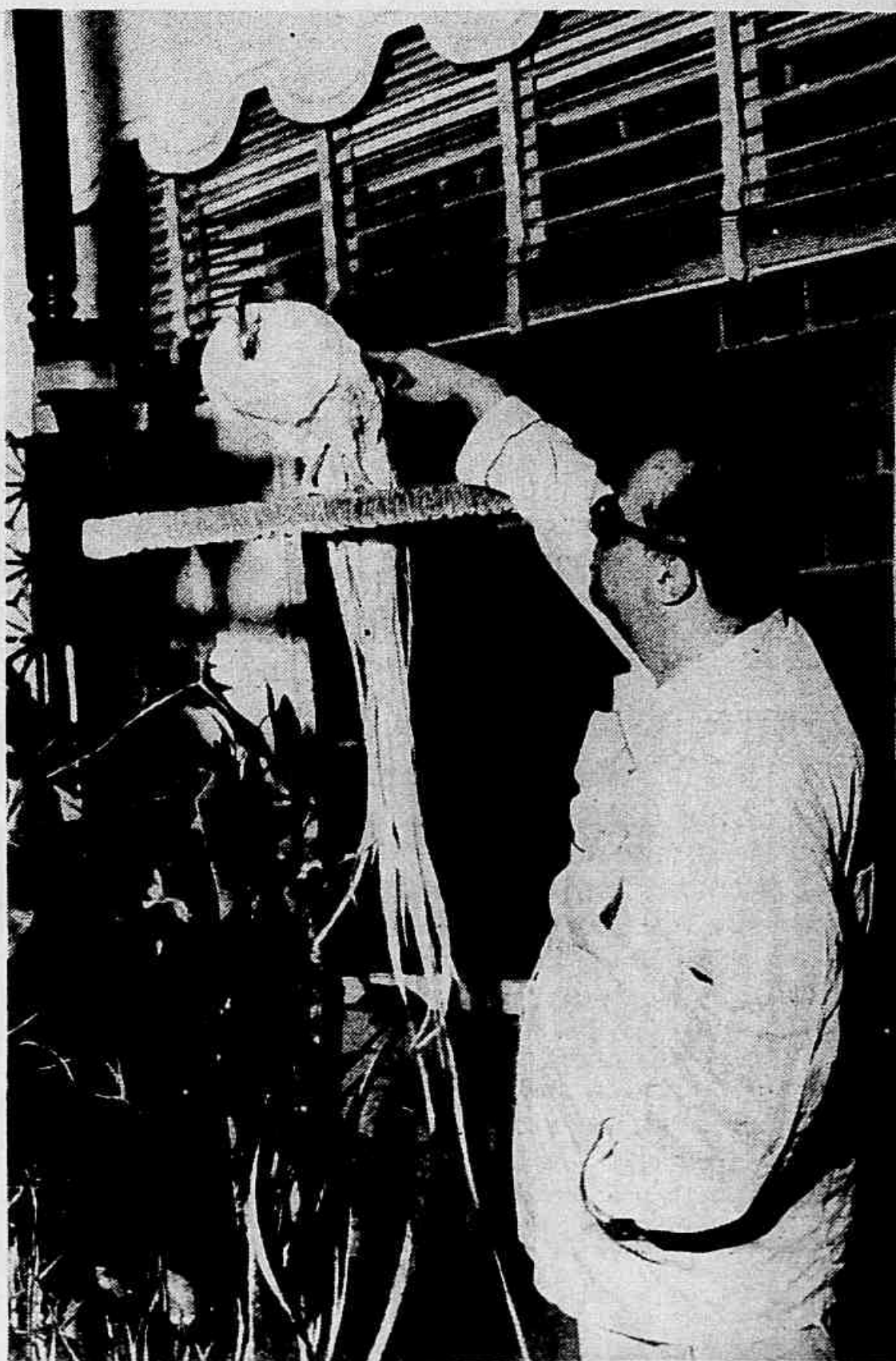
Anunciaram que AFS ia abandonar a política, por nojo. Ele diz que não. Fumando espera uma oportunidade.

SCHMIDT DIZ ADEUS A POESIA

Schmidt e o galo branco da Mandchúria.

EM SEU APARTAMENTO de Copacabana, rodeado de livros e de quadros — quadros de Pancetti sobretudo, inclusive dois recém-adquiridos, e muitos livros de autores clássicos, como Ovídio e Vergílio —, Augusto Frederico Schmidt, em pijamas, assistido por uma secretária, prepara com indisfarçável satisfação aquele que, segundo suas próprias palavras, será seu livro de despedidas. A uma distância de alguns metros, na luxuosa varanda, pode ser apreciado o Galo Branco que, por uma pequena fortuna, o poeta mandou buscar na longínqua Mandchúria. O ambiente é de paz e tranqüilidade. E "Babilônia", o livro que Schmidt começou a escrever há alguns meses em New York, vai tomando corpo, pouco a pouco. Será uma série de sonetos compondo um só poema, que narrará a luta do Profeta Ezequiel com suas próprias fraquezas, sobretudo contra a sedução das mulheres. Mas não será apenas isso: representará também, em termos de Poesia, o conflito entre a Necessidade de Deus, que habitava a alma do Profeta, e a Ausência Divina "que caracteriza nossa era". Afirma Schmidt:

— É uma obra barroca, com muita abundância, mas ao mesmo tempo contida numa forma que, posso dizer, é a mais disciplinada e clássica que obtive até hoje. Pode tratar-se de uma coisa fracassada, de uma espécie de carro-chefe de préstito carnavalesco da Poesia, mas é algo de extremamente pretencioso, embora involuntariamente pretencioso. Asseguro que nunca desejei fazer esse poema, mormente agora, quando ando empenhado em uma série de lutas e trabalhos.



O livro será composto exclusivamente de sonetos: mais de cem já foram escritos, cinquenta e oito dos quais em New York, durante o período de 3 meses em que o poeta ali esteve, como membro da representação do Brasil junto à ONU. Um foi escrito cinco minutos antes de seu autor pronunciar um discurso na Comissão Econômica para a África.

— Escolhi o soneto porque correspondia melhor ao que tinha a dizer, e também porque com o soneto aumentam minhas possibilidades de escapar à poesia moderna, o que para mim é imperativo, pois tenho a convicção profunda de que só me salvarei, como poeta, se conseguir evadir-me à confusão e ao pecado de desobediência às leis da estrutura poética.

O poeta conta como nasceu em seu espírito a idéia de escrever "Babilônia":

— "Babilônia" foi, a princípio, a lembrança de uma confidência a mim feita por Jaime Ovalle, quando caminhávamos por uma das ruas de New York, de que se julgava uma espécie de continuador, discípulo ou reencarnação — não sei ao certo — do profeta Ezequiel. Isso se passou há uns 8 anos. Daí, tornando eu agora a New York, o poema me nasceu. Um amigo, com quem eu caminhava pela Cidade Baixa, mostrando-me o enorme conjunto de edifícios, disse:

— Babel.

— A imagem de Ovalle, o nome de Ezequiel e o de Babel se envolveram no meu ser. E o poema começou a nascer. E a crescer. E a tomar forma de uma epopéia, que não sei verdadeiramente no que vai dar.

Alguns personagens de "Babilônia": o próprio Jaime Ovalle (citado nominalmente apenas uma vez), o profeta Ezequiel (também denominado "Escravo em Babilônia"), o Demônio (no poema, "Elfrangor"), um misterioso Bicho Infernal (Bonizeu), Nebíola, a Dançarina, Simoneta, a Noiva do Profeta, etc. "Babilônia" será uma epopéia judaico-cristã, e sua elaboração é feita desordenadamente, sem plano concebido, tal como — e é o próprio Schmidt quem o afirma — aconteceu com o "Don Quijote" de Cervantes. Mas o poeta acrescenta que sempre, em seu espírito, desde a adolescência, existiu a idéia de um dia compor poema semelhante:

— Sempre, na minha poesia, houve um olhar procurando esse momento em que hoje estou. "Babilônia" é o fruto amadurecido de que foram escassas flores ou anúncios meus primeiros poemas de adolescência, como "A Voz do Pastor", que está no livro "Pássaro Cego" (de 1930). Regresso aos primeiros vãos com uma capacidade de inspiração que me faltava. Afastei-me de meu tom poético legítimo pela necessidade de cantar o imediato, de consolar-me, de isolar-me e de exaltar as coisas que me aconteciam. "Babilônia", contudo, é um livro que vem de fora para dentro de mim, ao contrário de minha poesia anterior, que vinha do íntimo para o exterior.

Haverá alguma identificação entre o Profeta e a figura do poeta? Schmidt é categórico:

— As vezes, não gosto do Profeta. E as dores do Profeta não são as minhas dores.

Augusto Frederico Schmidt pouco se interessa pela maneira como a crítica receberá "Babilônia":

— Não sei, e bem pouco me interessa saber, como há de a crítica receber meu livro de despedida. Uma das poucas coisas que me servem, de há muito, de estímulo, é a incompreensão que me acompanha. Aos cinquenta e dois anos, compondo meu último livro, sinto-me muito mais moço do que, por exemplo, todos os poetas concretos do Brasil, os quais me parecem mais e mais acadêmicos.

(Schmidt mostra-se particularmente magoado com uma frase de um poeta concreto — "abstracionista", em sua linguagem —, segundo a qual o pior verso escrito no Brasil era a obra inteira do autor de "Fonte Invisível").

Tem sido dito que a volta de Schmidt à atividade poética representa uma formal despedida às atividades políticas e econômicas que ele vem desempenhando, de alguns anos a essa parte. Engano:

— Tenho dentro de meu peito o drama de meu país, e por mais que jure que vou me retirar e descansar, não mais me preocupando com o Brasil, sinto-me solidário com suas infelicidades. Repito que nesse momento atravessamos uma das maiores tempestades de burrice que já soprou sobre qualquer país. Uma nação em que se encontram indivíduos tão inteligentes, como a nossa, acha-se presa, pela ausência de suas elites, a uma inacreditável burrice.

Em "Babilônia", aliás, existe todo um libelo contra o Brasil atual — de que estes versos são uma idéia:

"E a lembrança trazia ao triste escravo
A imagem da confusa e pobre pátria
Que crescera demais, alma não tendo
Senão para nação pequena e simples".

O poeta dá como exemplo da burrice que se abate presentemente sobre o Brasil o projeto de lei apresentado por Humberto Teixeira na Câmara e que, se aprovado, obrigará os concertistas a dedicarem metade de seus recitais a composições de autores nacionais:

— Foi Rubem Braga, numa de suas crônicas, quem me revelou o fato. Nosso país está perdido. Isso é o fim do fim. Um ato emanado do mais grosseiro primarismo. Se há língua universal, essa é a música. Considero profundamente triste e humilhante que a mocidade brasileira não tenha ainda reagido e se levantado contra esse atentado imenso à cultura. Como querem que me retire da Poesia, se ainda se cometem tais atentados em minha terra?

E volta a "Babilônia":

— Não sei quando irei acabá-lo. Talvez hoje, talvez amanhã, ou daqui a um ano. Os versos despencam sobre o papel sem que eu os force; hoje mesmo compus dois sonetos, que minha secretária logo datilografará — eu os escrevo a tinta, e os emendo muito.

O PRIMEIRO SONETO DE "BABILÔNIA"

OS PRIMEIROS VERSOS de Augusto Frederico Schmidt para seu poema "Babilônia" são hoje as duas primeiras linhas do soneto 18:

"De Bisu as gardêneas fenecidas
Abrem-se ao tempo em temporal de novo"

O soneto que abre a longa coletânea é mais recente:

I

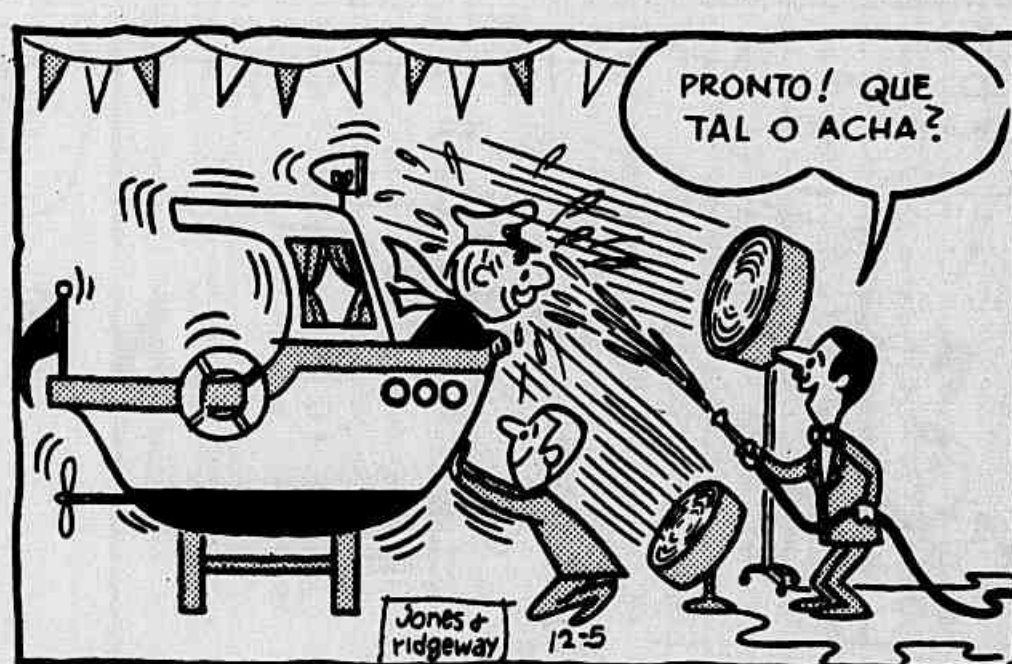
Babilônia — Babil — Profeta
Babilônio, filho de estranhos Juror,
Filho das trevas interiores —
Saúde e Paternidade.

O Doido fuma olhando
A tarde que cai triste
Como um caixão mortuário
Que se fecha devagar.

Quem ruge de dor no espaço?
Quem brinca no elevador,
As asas escondidas no capote?

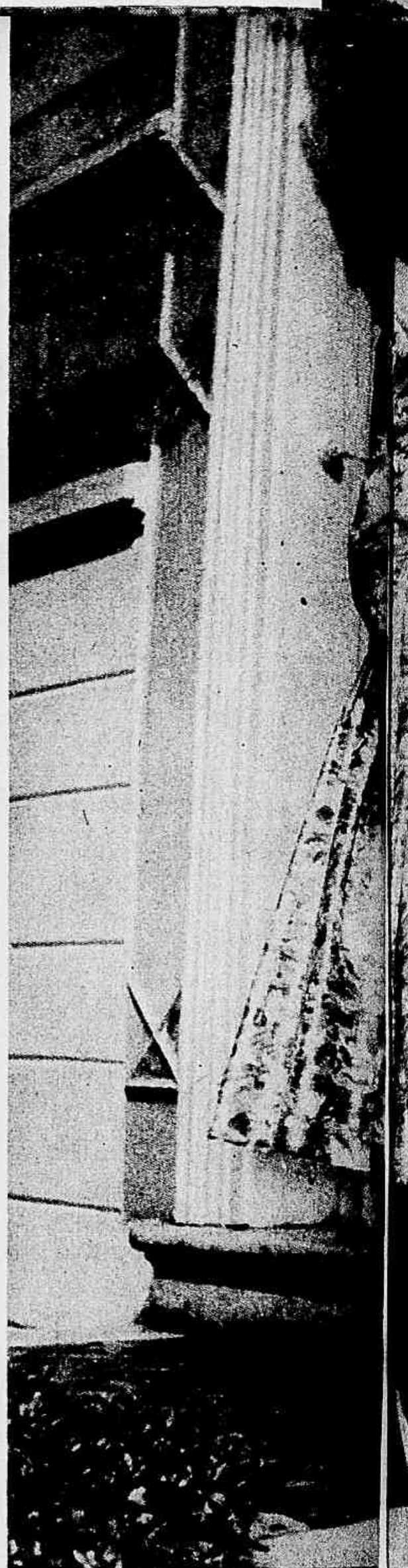
É Morinata, a espartejada,
Ou a lúrida Simoneta,
Noiva incauta do Profeta?

MR. ABERNATHY



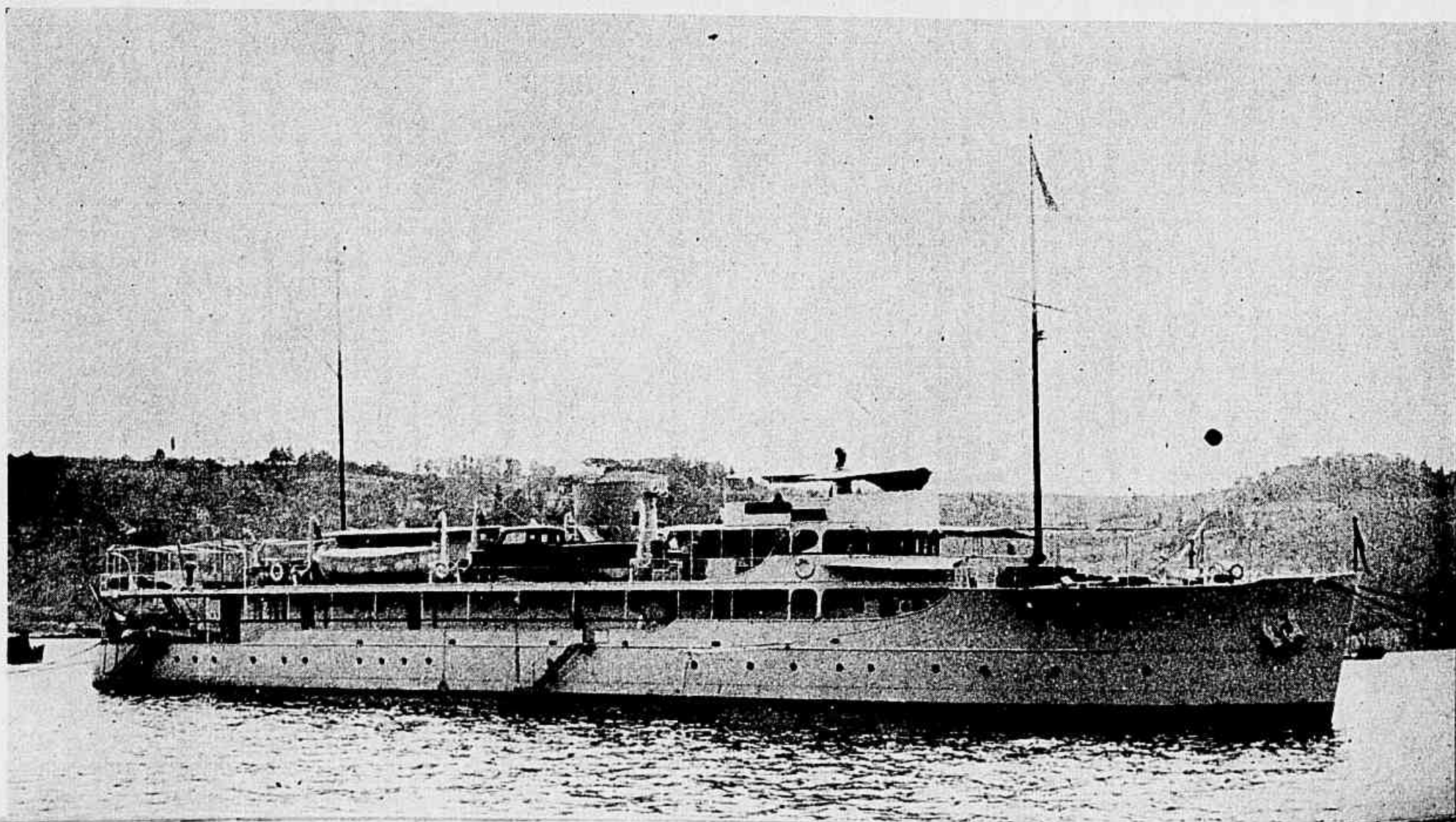


Nos jardins de sua vila, em Istambul, Fazilet espera o dia 15 de junho.



Fazy é filha da princesa

No "Queen Alia" — o late real — os noivos vão fazer a viagem de lua-de-mel





sa Hanzade, uma das mulheres mais bonitas do mundo.

ESPECIAL

UM BROTINHO DE 17 ANOS vai ser a rainha do Iraque, quando se casar — em junho — com o rei Feisal.

O brotinho é Fazilet, loura de olhos (amendoados) azuis, com sangue de antigos senhores do Império Otomano.

O rei Feisal é considerado "um dos melhores partidos do mundo". Solteiro, tem 22 anos, é muitíssimo milionário (petróleo) e — ainda por cima — é do tipo atlético.

Conheceram-se em Istambul, quando estavam de férias. Ela estuda em Paris (e fala árabe, francês, espanhol e inglês). Ele estuda em Harrow, na Inglaterra (e fala árabe, francês e inglês).

Local do encontro: no Bósforo. Ela estava andando de esqui-aquático e ele mandou que ela se afastasse do "Queen Alia" — o seu iate.

Ficaram noivos no dia 15 de setembro e agora marcaram casamento para o dia 15 de junho.

O casamento vai ser "o acontecimento do ano" e "qualquer coisa semelhante a uma página das Mil e Uma Noites" — segundo Elza Maxwell.

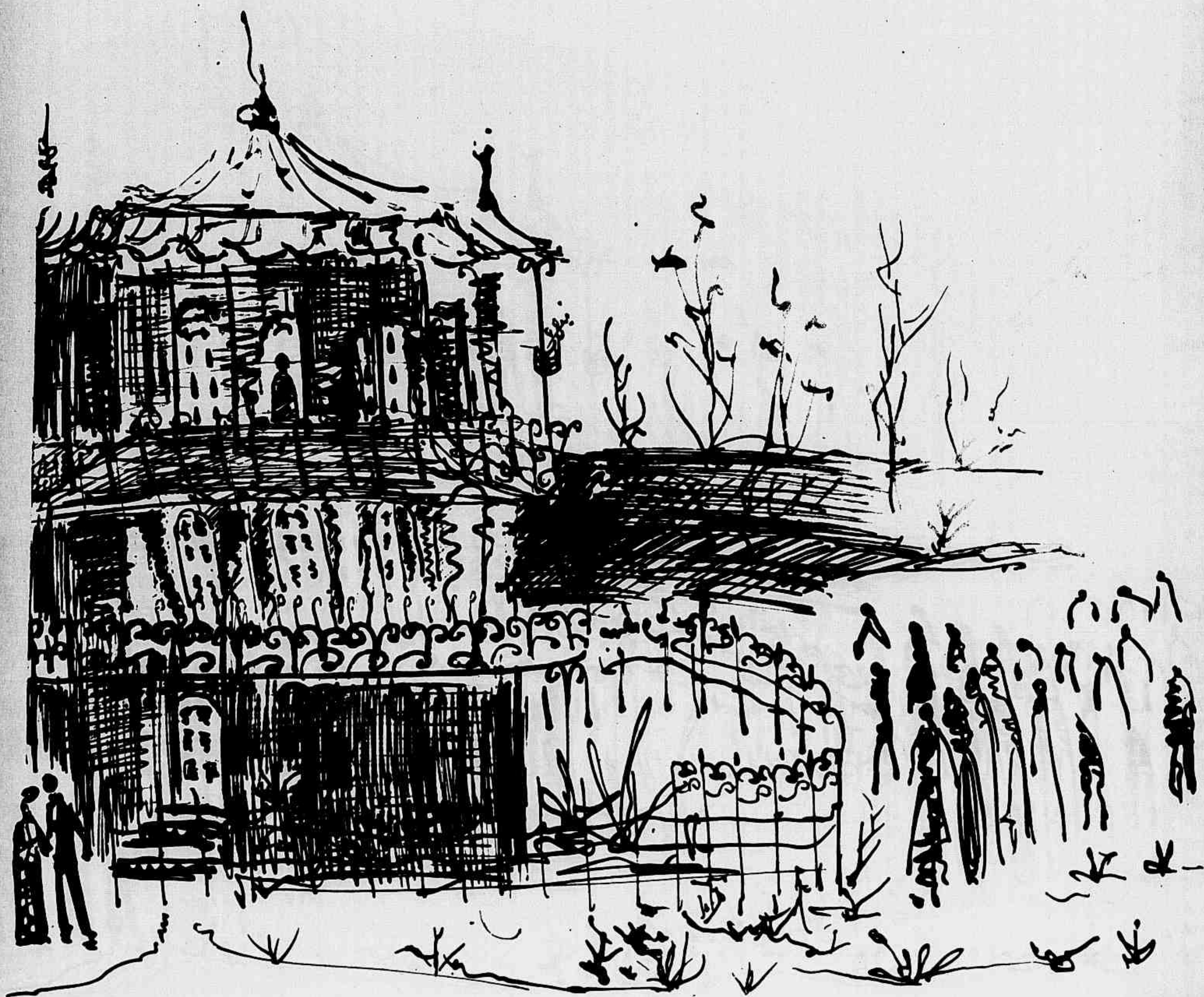
Fazilet tem 1,70 de altura, nunca usou pintura ("nem vou usar"). É campeã de natação e ótima jogadora de "bandmington" e tênis, além de ser uma das estrelas do esqui-aquático e uma das melhores amazonas do mundo.

Feisal tem 1,75. Não fuma nem bebe. Nada muito bem: e forma boa dupla em todos os esportes com Fazilet. É um grande navegador.

O casamento — informa-se — será por amor. E, no "society" internacional o casal já tem um apelido: "As alegres crianças do Bósforo".

UM BROTINHO VAI SER RAINHA DO IRAQUE

A SENHORA FROLA E O SENHOR PONZA, SEU GENRO



O QUE É QUE JULGAM? Era verdadeiramente de enlouquecer o não poder saber-se qual dos dois era o louco; se a senhora Frola ou o senhor Ponza, seu genro. E isto não se pensava apenas em Valdana, cidade desgraçada, cheia de forasteiros excêntricos:

Ou ela ou ele eram loucos; não há meio termo: um deles deve ser louco por força. Porque se trata nada menos que disto... Mas não, é melhor explicar a coisa pelo princípio.

Estou, posso jurá-lo, seriamente consternado pela angústia em que vivem há três meses os habitantes de Valdana, apesar de pouco me importar com a senhora Frola e com o senhor Ponza, seu genro. Porque se é verdade que lhes caiu em cima uma grave desgraça, não o é menos que um dos dois, senão ambos, tiveram a sorte de enlouquecer e o outro contribuiu para isso, de tal modo, que, repito, não se consegue averiguar qual dos dois está verdadeiramente louco; com certeza que consôlo maior do que este não se pode dar. Aham que é pouco encontrar-se uma cidade inteira debaixo dum pesadelo desta ordem? Ter faltado todo o apoio ao senso comum, de modo a ninguém poder distinguir já entre realidade e fantasia? Que angústia, que perpétuo espanto! Toda a gente vê, todos os dias, diante de si, aquelas duas pessoas; olha-lhes para a cara; sabe que uma delas está louca; estuda-a, analisa-a, observa-a e nada! Não se pode descobrir qual é dos dois; aonde está a fantasia, aonde está a realidade? Naturalmente, nasce em cada um a suspeita perigosa de que tanto vale, neste caso, a realidade como a fantasia, e que toda a realidade pode muito bem ser uma fantasia ou vice-versa. Aham pouco? No lugar do senhor governador, eu, sem mais averiguações, resolveria extraditar a senhora Frola e o senhor Ponza, seu genro, para bem da alma dos habitantes de Valdana.

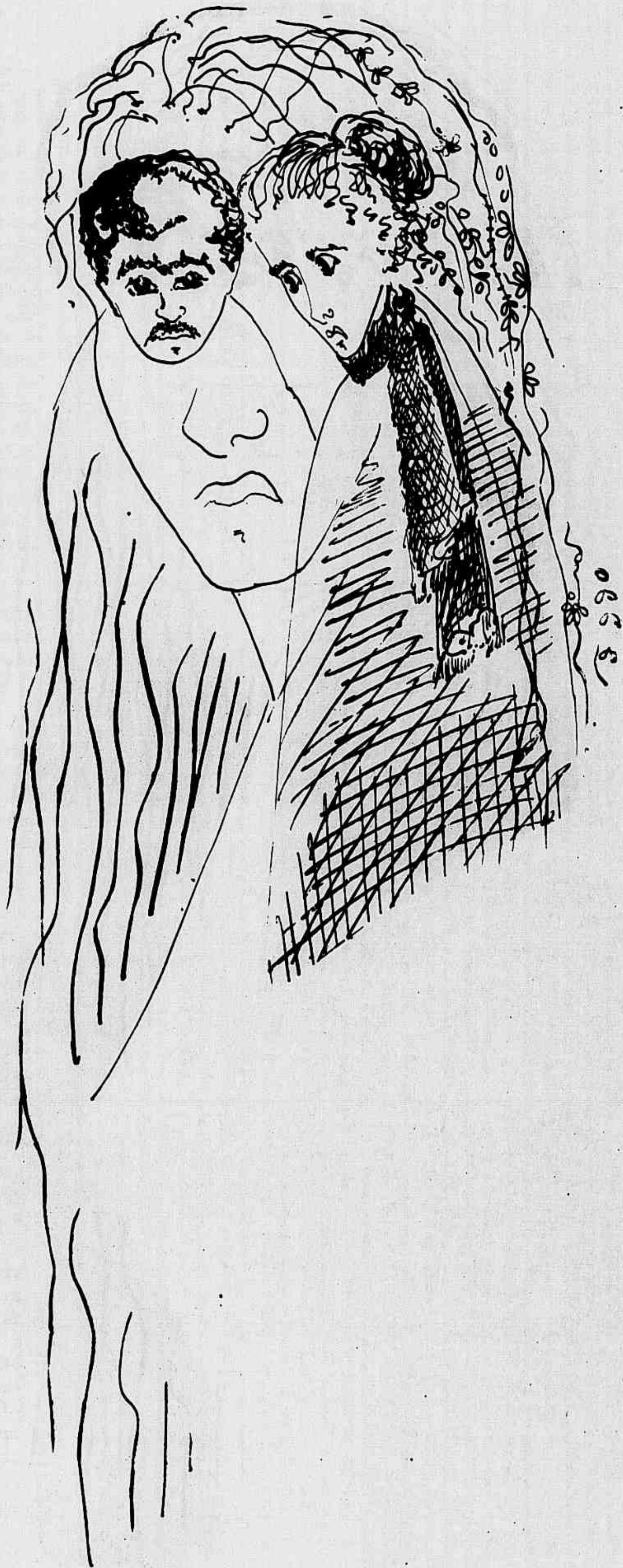
Mas procedamos com ordem.

Este senhor Ponza chegou a Valdana, há de haver três meses, como secretário do governo. Instalou-se no casarão novo a que chamamos "o painel" e que fica à saída da cidade. Ai alugou um apartamento no último andar. Tinha três janelas que davam para o campo, altas e tristes — porque a frente, essa, apesar de nova, era virada para o norte e dava sobre todas aquelas hortas de cor acinzentada, e talvez por isso resultasse tão triste — e três janelas interiores dando sobre um pátio rodeado por uma varanda em forma de galeria e dividida por tabiques de telha. Dependurados nesta varanda encontravam-se, aqui e acolá, uma porção de cestinhos que se podiam baixar por meio de cordas, se houvesse necessidade.

AO MESMO TEMPO, porém, com assombro de toda a gente, o senhor Ponza alugou no centro da cidade, precisamente na rua dos Santos, uma outra casa, com três divisões e cozinha. Disse que era para a sua sogra, a senhora Frola, habitar. E com efeito essa senhora chegou, cinco ou seis dias depois, e o senhor Ponza foi esperá-la, sozinho, à estação e conduziu-a à referida casa, aonde a deixou só.

Ora bem; compreende-se que uma filha, ao casar, deixe a casa de sua mãe para ir viver com o marido em outra cidade; mas que depois esta mãe, não podendo suportar estar longe da filha, deixe a terra em que vive, e sua casa, e a siga para uma outra terra onde tanto ela como a filha são estranhas e vá habitar uma casa à parte isto já não se compreende facilmente; a não ser que se tivesse de admitir — entre sogra e genro — uma incompatibilidade de tal ordem que tornasse impossível, nestas condições, toda a convivência.

Naturalmente, em Valdana, pensou-se assim a princípio. E por certo quem perdeu com isso na opinião de todos foi o senhor Ponza. Pois sobre a senhora Frola, se alguém admitia que talvez tivesse no caso alguma culpa, quer fosse por falta de indulgência ou por qualquer teima ou intolerância, todos consideraram e reconheciam aquele amor materno que a trazia para perto da filha, apesar de se ver condenada a não poder viver a seu lado.



Luigi Pirandello

Contribuiu em grande parte, também, ainda que seja duro e cruel dizê-lo, para esta consideração com a senhora Frola e para o conceito que depressa se formou no ânimo de todos acerca do senhor Ponza, o seu aspecto raro de homem, quase sem pescoço, negro como um africano, de cabelos espessos e eriçados sobre a fronte estreita, de sobranceiras densas e ásperas unidas entre si, de grandes bigodes reluzentes, e uns olhos profundos, fixos, quase em alvo, onde transparecia uma intensidade violenta, desesperada, não se sabe se de tético enfado, se de ódio, e que dificilmente sabia conter na presença de outros. De fato o senhor Ponza não tinha um aspecto de modo a poder conciliar simpatia ou confiança. Pelo contrário, a senhora Frola, com o seu ar de velhinha suave, de linhas finas, cheias de nobreza, tinha um ar melancólico e uma timidez sem gravidade, vaga e gentil, que não excluía a afabilidade com toda a gente.

Pois bem; a senhora Frola tinha dado imediatamente provas em toda a cidade desta afabilidade, tão natural nela e depressa cresceu no ânimo de todos os vizinhos a aversão para com o senhor Ponza, uma vez que transparecia claramente a todos a índole dela, não só doce, afável e tolerante, mas também cheia de indulgências e resignação para com o tormento que o genro lhe infligia e também porque veio a saber-se que o senhor Ponza não se contentando em relegar para uma casa à parte aquela pobre mãe, levava ainda a sua crueldade ao ponto de a privar de visitar a filha.

AINDA QUE "CRUELDADE, não; crueldade, não"; protestava imediatamente nas suas visitas aos habitantes de Valdana, a senhora Frola, colocando as suas pequenas mãos na fronte, verdadeiramente aflita que se pudesse pensar isso do seu genro... E apressava-se a enumerar todas as virtudes dele; dizendo todo o bem que podia; que amor, quantos cuidados e que atenções ele tinha, não só para a filha, não, mas também para ela, sim, sim, para ela mesma, diligente, desinteressado!... Ah! cruel não, não, por favor! É apenas isto: quer toda, toda para ele, a sua mulherzinha, e a tal ponto que o senhor Ponza deseja mesmo que o amor que aquela filha deve ter (e ele bem o consente, por que não?) a sua mãe, lhe chegue não diretamente, mas por intermédio dele, através dele, é isso apenas. Poderá parecer crueldade essa mania mas não é; e outra coisa, outra coisa que ela, a senhora Frola, compreende muito bem e lamenta não saber exprimir. Uma questão de temperamento, sim, pode ser... mas não; talvez uma espécie de doença... Como dizer? Meu Deus, basta olhar para os seus olhos! Produzem à primeira vista uma impressão horrível, aqueles olhos, é possível, mas dizem toda a verdade a quem como ela sabe ler neles; a plenitude que eles encerram descobre todo um mundo de amor, no qual a mulher deve viver sem dele sair, por pouco que seja, e no qual ninguém mais deve entrar, nem mesmo a sua mãe. Ciúmes? Sim, talvez; mas isso é uma definição vulgar desta totalidade exclusiva de amor. Egoísmo? Mas um egoísmo que se dá inteiramente, como um mundo, à própria mulher. Egoísmo no fundo seria por ventura se ela quisesse forçar esse mundo fechado de amor e introduzir-se nele violentamente, sabendo ela que a sua filha é feliz, adorada desse modo. Isso deve bastar a uma mãe. Além disso, não é de modo algum verdade que ela não possa ver a filha. Vê-a duas ou três vezes por dia: entra no pátio da casa, toca a campainha, e imediatamente a filha aparece lá em cima:

— Como estás, Tildinha?

— Bem, mamãe. E tu?

— Como Deus quer, minha filha. Desce, desce o cestinho!

E no cestinho vem uma carta com duas palavras trazendo as notícias do dia. E basta-lhe isto. Esta vida dura há quatro anos e a senhora Frola já está habituada a ela. Está resignada e é como se já não sofresse.

Como é fácil de compreender, esta versão da senhora Frola, este hábito em que ela diz ter transformado o seu martírio,

redunda em desprestígio do senhor Ponza, tanto mais que ela pretende desculpá-lo com as suas ilusórias razões.

Com verdadeira indignação, portanto e (porque não dizê-lo?) com medo os senhores de Valdana, que receberam a primeira visita da senhora Frola, acolheram um dia depois o aviso duma visita inesperada do senhor Ponza, que lhes pediu para lhe concederem dois minutos apenas de audiência para uma "iniludível declaração", no caso de não incomodar.

Com a cara sufocada, quase congestionada, os olhos mais duros e mais téticos do que nunca, um lenço na mão, que cega pela sua brancura, exatamente como os punhos e o colarinho, sobre o negro da pele, da calva e do traje, o senhor Ponza enxugando continuamente o suor que lhe escorre da fronte estreita e das faces violáceas, não em virtude do calor mas pela violência evidente do esforço que exerce sobre si mesmo e que lhe faz também tremer as grandes mãos de unhas crescidas, por estar naquela sala diante daquelas senhoras que o olham quase com terror. Pergunta-lhes, em primeiro lugar se a sua sogra, a senhora Frola, as foi visitar no dia anterior; dolorosamente, com esforço e numa agitação cada vez maior, procura saber se falou da filha e se dissera que ele impedia absolutamente que ela visse a mãe e que saísse de casa.

AS SENHORAS, AO vê-lo tão agitado, como é fácil de imaginar, apressaram-se a afirmar-lhe que a senhora Frola lhes tinha na verdade falado daquela proibição em ver a filha mas também lhes tinha falado o melhor possível, até ao ponto de não só o desculpar, mas até de não lhe atribuir qualquer sombra de culpa naquela proibição.

Mas, em lugar de se tranquilizar com aquela resposta das senhoras, o senhor Ponza agita-se mais, os olhos tornam-se-lhe mais duros e mais téticos; as gotas de suor mais espessas e, por fim, fazendo um esforço mais violento ainda sobre si mesmo, acaba por fazer a sua "iniludível declaração".

E essa declaração é simplesmente esta: a senhora Frola coitada, não parece, mas está doida.

Está doida há quatro anos, é verdade; e a sua loucura consiste precisamente em supor que ele não permite que ela veja a filha. Que filha? Já morreu; morreu há quatro anos também, a sua filha; e a senhora Frola ficou louca precisamente com a dor que essa morte lhe produziu; felizmente ficou doida, já que a loucura foi para ela o consolo para a sua dor desesperada. Naturalmente, não podia consolar-se a não ser assim, isto é, julgando que não é verdade a filha ter morrido e, pelo contrário, que é ele, genro, que não quer que ela a veja.

Por puro dever de caridade para com a infeliz o senhor Ponza alimenta há quatro anos, à custa de muitos e graves sacrifícios, essa piedosa loucura; tem, com despesas superiores às suas posses, duas casas: uma para si e outra para ela e obriga a sua segunda mulher, que por fortuna caridosamente se presta voluntariamente a isso, a alimentar também essa loucura. Mas, enfim, por caridade e dever até certo ponto pois na sua qualidade de funcionário público, ele, senhor Ponza, não pode permitir que se pense a seu respeito, em toda a cidade, essa coisa cruel e inverossímil: que por ciúme ou por qualquer outra razão, ele proíba uma pobre mãe de ver a sua filha.

Declarado isto, o senhor Ponza inclina-se ante a admiração das senhoras e retira-se. Mas, mal as senhoras tinham tido tempo de se refazer dessa admiração, aparece de novo a senhora Frola, com o seu ar doce de vaga melancolia, a pedir mil perdões se, por culpa sua, as senhoras sofreram qualquer susto com a visita do senhor Ponza, seu genro.

E a senhora Frola, com o ar mais simples e natural do mundo, declara, por sua vez, mas com a maior reserva (por caridade!) visto o senhor Ponza ser um funcionário público e precisamente por isso, ela da primeira vez abster-se de o dizer, pois poderia prejudicá-lo seriamente na sua carreira.

o senhor Ponza, coitado — um esplêndido, inatacável secretário do governo, cumpridor, exato em todos os seus atos, em todos os seus pensamentos, adornado das mais belas qualidades — o senhor Ponza, coitado, neste único ponto não... não raciocina, vá lá; ele é louco, louco exatamente nisto: em julgar que a sua mulher morreu há quatro anos e andar a dizer que a louca é ela, a senhora Frola, que crê contudo viva a sua filha. Não, não o faz para reabilitar, até certo ponto, diante de toda a gente, os seus ciúmes quase maníacos e aquela cruel proibição sua de que ela veja a filha, não; ele pensa seriamente, coitadinho, que a sua mulher morreu e que esta que agora vive consigo é a sua segunda mulher. É um caso muito lamentável! Porque é bem verdade que, em virtude do seu amor exagerado, este homem esteve em perigo, em tempos de destruir, de matar a sua jovem e dedicada mulher; tanto assim que foi necessário tirá-la às escondidas e encerrá-la, sem que ele o soubesse, numa casa de saúde. Pois bem, o pobre homem que tinha já por causa daquele frenesi de amor o cérebro um pouco alterado, ficou doido: julgou que a mulher tinha morrido de fato; e esta idéia fixou-se-lhe de tal modo no cérebro, que não nos foi possível fazer com que a abandonasse, nem mesmo quando, ao voltar, um ano mais tarde, lhe apresentamos de novo a mulher, tão bela como dantes. Julgou que era outra; e deste modo teve-se, com a ajuda de todos, parentes e amigos, que simular um segundo casamento, que lhe restituiu pleramente o equilíbrio das suas faculdades mentais. Ao chegar a este ponto a senhora Frola manifesta ter certa razão para supor que o genro voltou ao seu completo juízo, e que finge, contudo, acreditar que a sua mulher é uma segunda mulher, com o fim de a conservar deste modo toda para ele, sem contato com ninguém, e isto talvez porque o ataque, de quando em quando, o medo de que lhe possam tirar de novo.

É CLARO QUE É ASSIM. Senão como explicar todos os cuidados, todas as atenções que tem com ela, sua sogra, se julgasse verdadeiramente que é sua segunda mulher, aquela que vive agora consigo? Não deveria sentir-se obrigado a guardar tal respeito por quem de fato, não seria já sua sogra, não é verdade? Compreende-se que a senhora Frola diz isto, não para demonstrar ainda melhor que o doido é ele, mas para provar a si mesma que a sua suspeita é bem fundada. E, entretanto — conclui com um suspiro — que se converte sobre os lábios num doce e triste sorriso — a minha pobre filha tem de fingir que não é ela, mas a outra; e eu vejo-me também obrigada a fingir-me doida por acreditar que a minha filha continua viva. Custa-me pouco, graças a Deus, porque a minha filha está aí, e cheia de vida; vejo-a, falo-lhe; mas estou condenada a não poder viver junto dela, e também a vê-la e a falar-lhe de longe, porque ele assim pode crer ou fingir que a minha filha, Deus nos livre! está morta e que aquela que tem consigo é uma segunda mulher. Mas repito, que importa se com esse fato conseguimos devolver a paz a ambos? Sei que a minha filha é adorada e vive contente; vejo-a, falo-lhe e resigno-me por amor dela e dele a viver assim e a passar também por doida. Paciência, minha senhora...

E agora, não vos parece que somos obrigados em Valdana a permanecer de boca aberta e a olharmo-nos nos olhos uns aos outros, como insensatos? Em qual dos dois acreditar? Aonde está a realidade? Aonde está a fantasia?

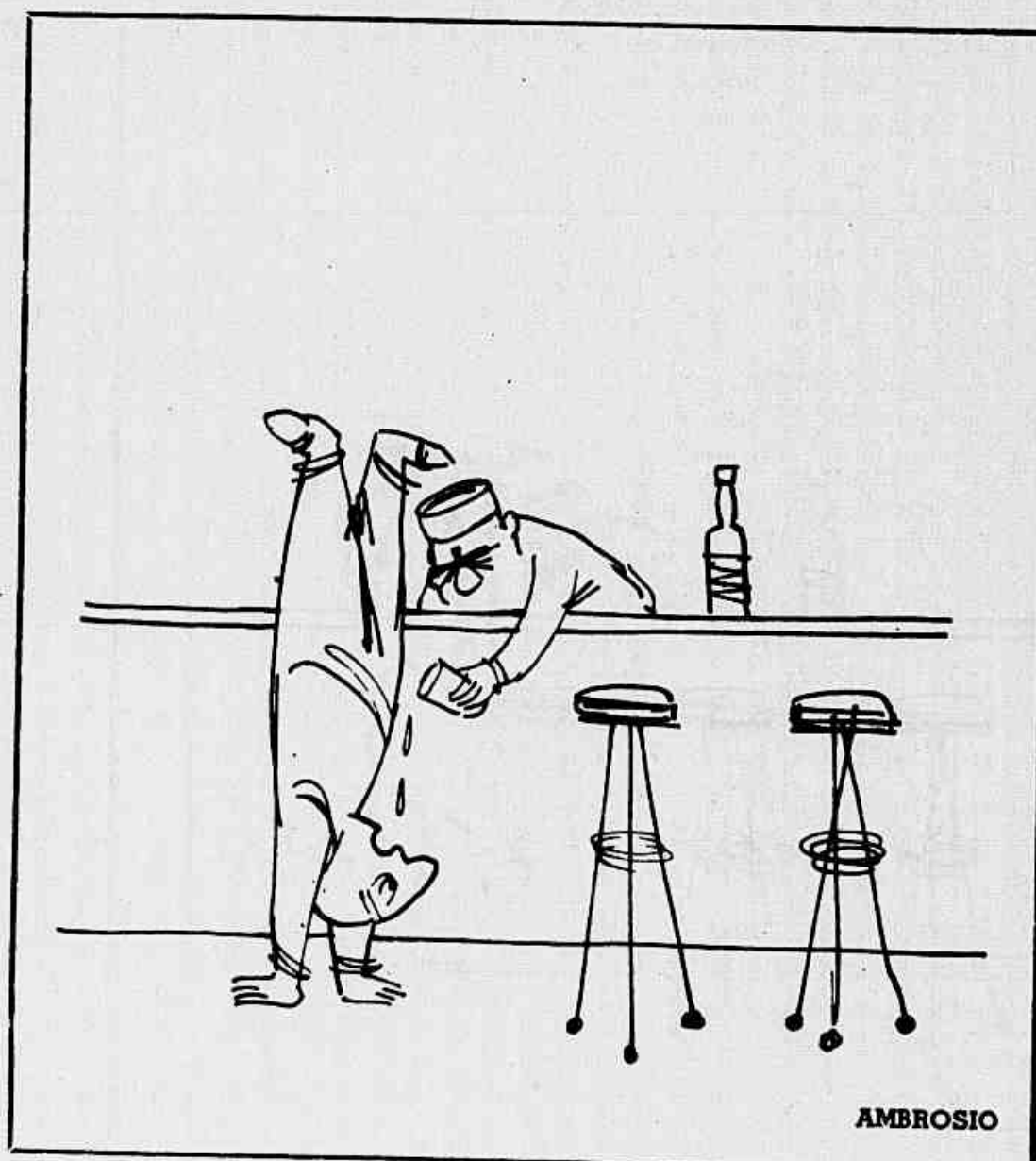
A mulher do senhor Ponza poderia dizê-lo. Mas não nos podemos fiar se ela, diante dele, afirmar que é a sua segunda mulher, nem tão pouco se, diante da senhora Frola, confirmar que é a sua verdadeira filha. O senhor Ponza — seja ou não doido — é realmente muito ciumento e não permite que ninguém veja a mulher. Tem-na lá em cima, como numa prisão, fechada a chave; e este fato fala, sem dúvida, a favor da senhora Frola; mas o senhor Ponza diz que se vê obrigado a proceder assim, e que a sua segunda mulher lhe impõe isso mesmo, com medo que a senhora Frola se meta de improviso lá em casa. Pode ser uma desculpa. E, além disso, um indício, que o senhor Ponza não tenha ao menos uma criada

em casa. Diz que o faz por economia, forçado, como está, a pagar o aluguel de duas casas, e sujeita-se por isso a fazer ele próprio as compras diárias; entretanto, a sua mulher, que não é, segundo ele afirma, filha da senhora Frola, sujeita-se por seu lado, por piedade para com esta, quer dizer, para com uma pobre velha que foi sogra do marido, a fazer as voltas da casa, mesmo as mais humildes, privando-se da ajuda duma criada. Isso parece demasiado. Mas também é verdade que este estado de coisas pode explicar-se, senão por piedade, pelos ciúmes dele.

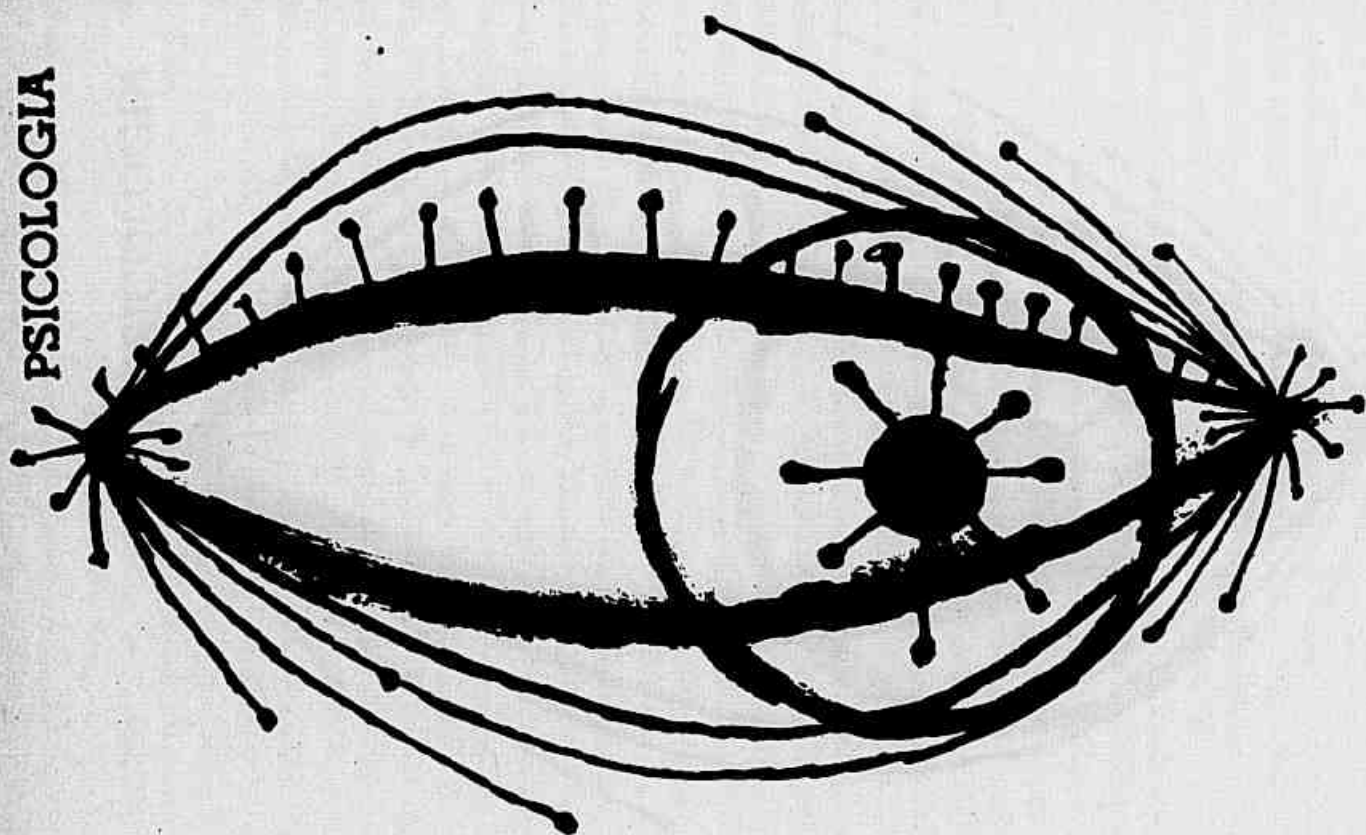
ENTRETANTO, O SENHOR governador de Valdana declarou-se satisfeito com a declaração do senhor Ponza; mas certamente o aspecto e, em grande parte, a conduta deste, depõem a seu favor, pelo menos no conceito das senhoras de Valdana, mais propensas, todas elas, a dar fé à senhora Frola. Esta, com efeito, vem pressurosa mostrar-lhes as cartinhas afetuosas que a filha deita abaixo, no cestinho, e também muitos outros documentos particulares, aos quais contudo o senhor Ponza nega todo o crédito, afirmando que são falsificados e lhe são enviados para confirmar o piedoso engano.

Uma coisa é certa, de qualquer maneira: que ambos demonstram um para o outro um maravilhoso espírito de sacrifício, muito comovedor, e que cada um deles tem para a suposta loucura do outro a consideração mais piedosa e estranha. Ambos raciocinam às mil maravilhas; tanto assim que em Valdana ninguém se lembraria de afirmar que um deles fôsse doido se não fossem eles próprios a dizê-lo: o senhor Ponza da senhora Frola e a senhora Frola do senhor Ponza.

A senhora Frola vai a miúdo procurar o genro ao escritório para lhe pedir qualquer conselho, cu espera-o à saída para que ele a acompanhe a fazer qualquer compra e, por seu lado, o senhor Ponza, muito mais a miúdo, todas as tardes, durante as horas livres, vai buscar a senhora Frola em casa; e quando por acaso tropeçam um com o outro na rua, imediatamente, com a maior cordialidade, se juntam; ele da-lhe a direita e, se se cansa, oferece-lhe o braço e vão assim juntos, entre a irritação, a admiração e a consternação das pessoas que os estudam, que os analisam, que os espreitam, e nada!, não conseguem de modo nenhum compreender qual dos dois é doido, onde está a fantasia e onde está a realidade.



Assim não sobe à cabeça...



O QUE QUEREM OS ADOLESCENTES?

E POR FALAR DE ADOLESCENTES — QUE QUEREM ELES, AFINAL?

HELLINGWORTH RESPONDE BEM à pergunta acima. Para ele os princípios fundamentais da adolescência são:

- 1) ver-se livre da vigilância familiar;
- 2) contato e conhecimento com indivíduos de outro sexo;
- 3) capacidade para ganhar a vida;
- 4) uma visão do mundo unificada e que possua sentido.

Washburne fez um inquérito entre adolescentes norte-americanos para saber o que mais desejam eles na vida. O resultado foi o seguinte:

- 1) riqueza;
- 2) automóveis;
- 3) vestidos;
- 4) facilidade nos estudos;
- 5) felicidade;
- 6) saúde;
- 7) vida larga;
- 8) ser educado;
- 9) habilidade atlética;
- 10) bem-estar da família;
- 11) possuir um lar;
- 12) ser virtuoso;
- 13) ter um emprego;
- 14) ser belo;
- 15) possuir animais queridos;
- 16) viajar, ter êxito, tocar um instrumento, divertir-se, ter uma amante, ser adulto, casar-se.

A mim me parece que os nossos adolescentes são mais maduros ou respondem com mais adiantamento que os americanos. Aos nossos, objeto também de um inquérito que realizei, parece interessar em primeiro lugar a felicidade — indefinindo o que seja ela.

HA, REALMENTE, UMA CRISE DA ADOLESCÊNCIA?

NATURALMENTE, NOS PRIMEIROS albos da adolescência, quando o organismo em "estirão", crescendo rapidamente,

pede demais do indivíduo, há motivo para uma certa instabilidade nervosa, alguma irritabilidade da parte do adolescente.

Mas à proporção que ele avança pelo período, (que vai dos 12 aos 18 anos, segundo Claparède) não há motivo para se pensar em crise. É um estágio da vida como outro qualquer. Infelizmente o que acontece freqüentemente é que ao atingir o menino a adolescência, coincide que sua mãe esteja entrando na menopausa. Está com 40 anos, preocupada, com medo da velhice, temerosa de que o marido agora a troque por duas de 20... e sua paciência está em deficit, sua capacidade de tolerar os rompantes dos adolescentes em franca decadência...

Fala-se, então, em crise da adolescência — mas não haverá, mais comumente, uma crise de paciência nos adultos que lidam com adolescentes? E, em resposta, o comportamento inadequado dos filhos?

QUE É NARCISISMO?

É, SEGUNDO CLAPARÈDE, o traço mental predominante na adolescência. Consiste na auto-contemplação permanente. Qualquer espelho diverte um adolescente. Ele quer analisar-se, saber quantos quilos tem, cuidar ciosamente dos primeiros fios que lhe aparecem no rosto como balizas de barba futura...

Qualquer adolescente é capaz de dizer exatamente quanto tem de pêso, de busto, de cintura e de coxa... E todo rapaz, à esta altura da vida, já tomou as dimensões de seus ombros numa tentativa de saber a diferença que existe em relação ao Herói.

Tenho notado, entretanto, que por volta dos 17 anos o narcisismo pode deixar o plano do interesse físico para passar ao plano mental. E quem leciona psicologia sabe o poder mágico que tem um teste para despertar a curiosidade de qualquer menina de 17 anos... Também é comum nos lares o adolescente perguntar:

— Mamãe, você me acha muito ruim?"

São auto-analistas, têm preocupações rorais muito adiantadas. Não julgemos o adolescente como menino. Ele é quase um adulto. E queria, somente, que os outros sentissem e lhe demonstrassem que reconhecem isto.



MARIUS

A FAVOR



Luiz Coutinho

CONTRA



Haroldo Loureiro



Mário Guimarães



Edson Lima



Teotônio Vilela

DEPUTADOS



Mário Guimarães



Miguel Archanjo



Edgard Valente

DESEMBARGADORES

Um voto salvou Muniz Falcão em Alagoás mas



Osório Gato



Xisto G. de Melo

**BOM
MESMO
É
REVÓLVER**

E as armas voltaram aos cintos dos turistas

HÉLIO POLITO passou dez dias em Maceió, onde assistiu ao sorteio do Tribunal Misto e (uma semana depois) ao julgamento do "impeachment" do governador. O resultado do julgamento fôra decidido no sorteio, quando saiu da urna o nome do deputado Luís Coutinho. Foi em tôrno dêsse nome que se travara a batalha: se a Oposição perdesse um dos cinco deputados, perderia o quorum, pois já se sabia que três desembargadores (Miguel Arcanjo Batista, Edgard Valente de Lima e Mário Guimarães) votariam com o governador. Foi principalmente em tôrno dêle que choveram as ameaças e as propostas de subôrno. Na hora do julgamento a defesa de Muniz já sabia que as ameaças e as propostas não haviam surtido efeito e estava tranqüila: chegou a dispensar depoimentos. Tudo aconteceu como era esperado. E a impressão do repórter é que, também de agora por diante, tudo vai continuar acontecendo como os alagoanos esperam: com tiros, sangue, conforme a tradição política de Alagoas — tanto mais que êste será um ano de renovação da Assembléia Legislativa, um ano em que nenhum dos dois lados medirá esforços (esforços, no caso, quer dizer balas) para vencer.

POUCOS DIAS APÓS a decisão do Tribunal Misto, as companhias de seguros com sede em Maceió davam a melhor definição da verdadeira situação alagoana: recusaram-se a segurar a vida dos deputados oposicionistas. E essa atitude de comercintês que se negam a fazer um negócio aparentemente vantajoso, porque temem um prejuízo total em futuro próximo, baseia-se na análise objetiva da realidade local — que leva todos os observadores imparciais à mesma conclusão: 1958 pode ser um ano de sangue em Alagoas.

O 13 de setembro (tiroteio na Assembléia) será, por muito tempo, a bandeira dos munizistas e da Oposição, que se acusam mutuamente de uma dezena de crimes — todos de natureza política e com mortes no final. Os partidários do

sr. Muniz Falcão tentam fazer do deputado Humberto Mendes (sogra do governador morto na Assembléia) um mártir, vítima das balas oposicionistas. E acrescentam um dado muito importante: êle morreu com um tiro nas costas (ainda não esclarecido). Os oposicionistas apontam seus feridos, entre os quais o deputado Carlos Gomes de Barros, que levou um tiro na carótida e quase morre — e dizem que o Tribunal Misto, por 6x4, reconheceu a culpa do governador no assassinato do deputado Marques da Silva. O sr. Carlos Gomes, exibindo a marca de bala no pescoço (que êle diz ser principalmente "uma cicatriz moral"), repete com seus colegas que o sr. Humberto Mendes foi morto pelos próprios companheiros.

É preciso compreender — para ter uma boa noção do problema — que ambos os lados jogam uma cartada decisiva, da qual poderá depender sua própria sobrevivência política. Os círculos oposicionistas no Rio consideram que a situação do sr. Muniz Falcão é muito precária, "do ponto-de-vista político-moral": êle volta condenado por um tribunal legal, constituído de deputados e desembargadores, como responsável por um (pelo menos) crime traiçoeiro em Arapiraca — e essa condenação (que não teve conseqüências práticas por falta de quorum, mas que é moral) "tira-lhe tôda a autoridade para governar". Êle volta como o representante de um "grupo façanhudo" para "esmagar o outro grupo".

Mas os círculos que apóiam o governador consideram que êle volta vitorioso contra uma "trama sinistra" e afirmam que a Oposição, esta sim, perdeu a autoridade moral. Inclusive porque, embora dispondo de sólida maioria na Assembléia, não conseguiu condená-lo e mais: contando com influência no govêrno Sizenando e com muito dinheiro, não conseguiu modificar a opinião de pelo menos um membro do Tribunal Misto. Acrescentam: o grande derrotado em tudo isso é o sr. Arnon de Melo, cuja carreira política provavelmente está comprometida.

O que há de concreto, porém, em relação a isso, é que o sr. Muniz Falcão volta com o apoio ostensivo do Govêrno Federal — com a bênção do general Teixeira Lott — e isso, para sua consolidação no Palácio dos Martírios, é o mais importante.

De fato, foi no plano federal que se decidiu a sorte do governador. No início êle fôra praticamente abandonado (sabe-se que o general Teixeira Lott lamentou o fato de se ter deixado a Oposição "por conta da bola" tanto tempo) e êsse abandono chegou ao ponto de poder instalar-se o Tribunal Misto sorteado "em família" pelos oposicionistas. Houve, logo após, no entanto, a reviravolta. O Supremo Tribunal anulou o primeiro Tribunal Misto, determinando o sorteio de outro, no qual havia quatro munizistas (um deputado e três desembargadores). E êstes quatro tiveram a necessária cobertura para resistir ao assédio da Oposição, que se diz em Maceió ter ido desde as ameaças até as propostas de subôrno (diz-se que só o deputado Luís Coutinho recebeu a proposta de sete mil contos pelo seu voto). O resto ficou por conta do general Moraes Âncora, que garantiu as vidas de todos.

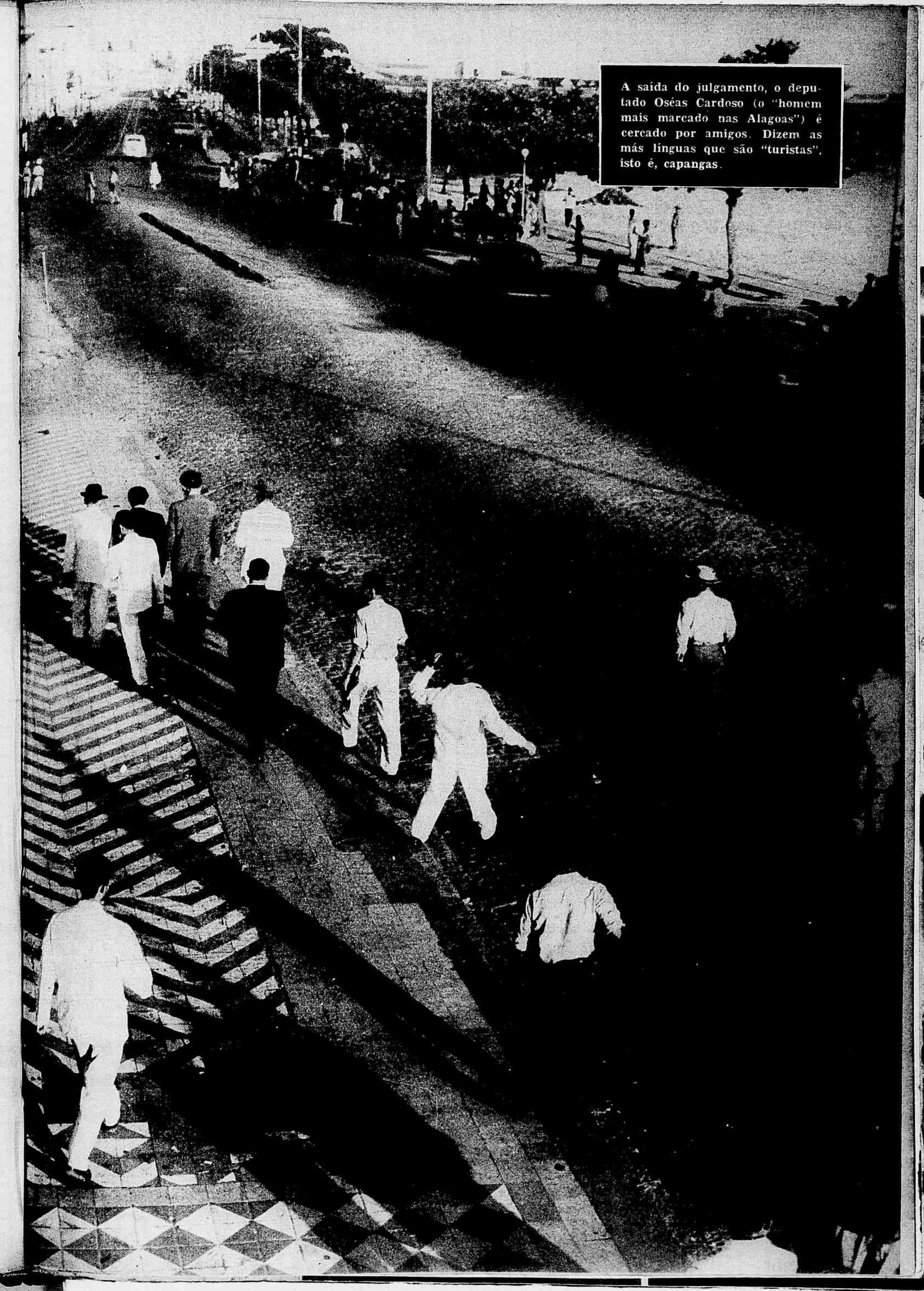
Os líderes oposicionistas dizem que a luta "não parou" e só vai parar quando "morrer o último homem da Oposição". O deputado Oséas Cardoso tem pronta uma outra denúncia, para outro processo de "impeachment". Mas o fato é que até agora não a apresentou; a Oposição ainda não adotou oficialmente o rumo a seguir — está aguardando os acontecimentos, assinalando-se um certo desamoramento em sua conduta.

Todos, porém, estão com o dedo no gatilho, Maceió está cheia de "turistas" (capangas) e o que pode acontecer é imprevisível. O certo é que ambos os lados entraram num plano inclinado que só pode terminar com o virtual esmagamento do adversário. E — segundo a lógica alagoana — para cada lado o caminho da "salvação" é um caminho de sangue.



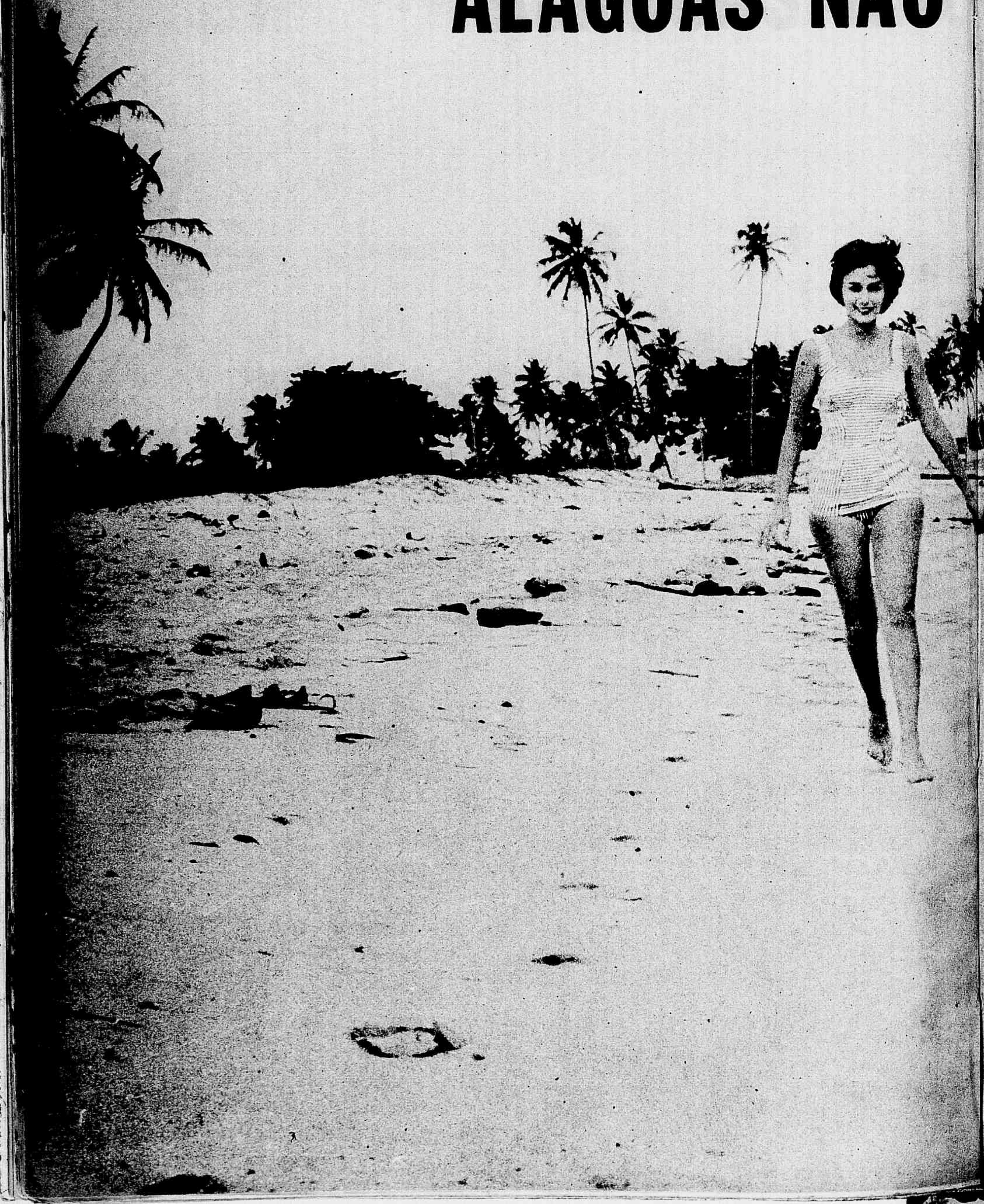
O REPÓRTER

Não escapou à revista.

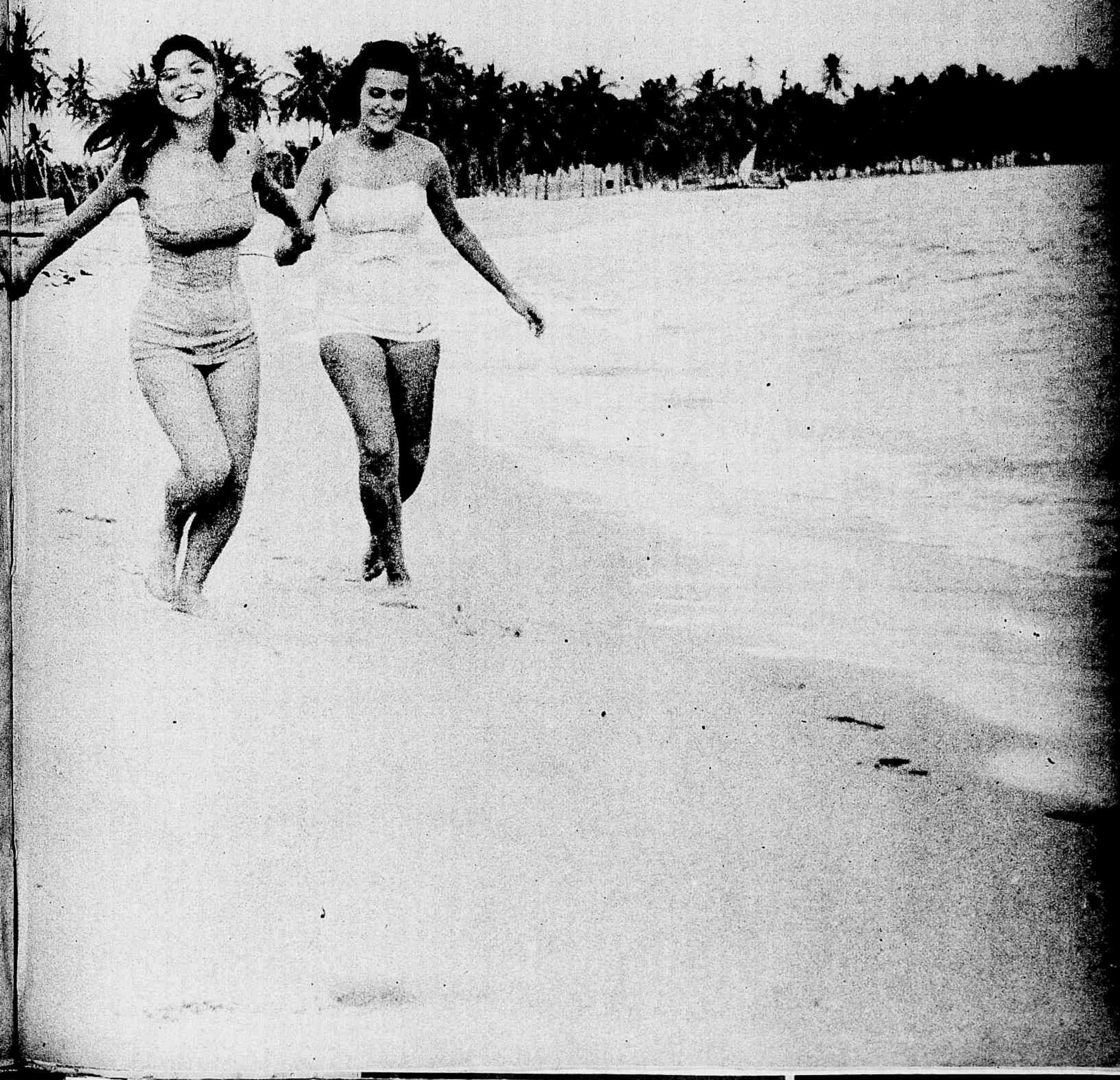


A saída do julgamento, o deputado Oséas Cardoso (o "homem mais marcado nas Alagoas") é cercado por amigos. Dizem as más línguas que são "turistas", isto é, capangas.

ALAGOAS NÃO



TEM SÓ “BANG-BANG”



AS DUAS ATRAÇÕES turísticas de Alagoas eram o "bang-bang" e o Gogó da Ema. O Gogó caiu e morreu. O "bang-bang" ficou sendo a única atração.

Agora, nosso Departamento Especializado descobriu em Maceió as moças das praias de Pajussara e Avenida.

Na praia de Pajussara encontramos Edy:

— Como é o seu nome?

— Edy.

— De quê?

— Eu sou filha do brabo!

Edy é uma morena de cabelos compridos, filha do deputado Mendonça Braga, ex-secretário do Interior de Alagoas. Ele dizia que "por bem ou por mal consertava as Alagoas", mas o resultado do julgamento do sr. Muniz Falcão fez cair o secretariado e ele não teve tempo de fazer o que prometeu.

Teresa é farmacêutica por profissão e elegante por vocação. Sobrenome: Ramos. ("Graças a Deus não tenho parentesco com o Nereu").

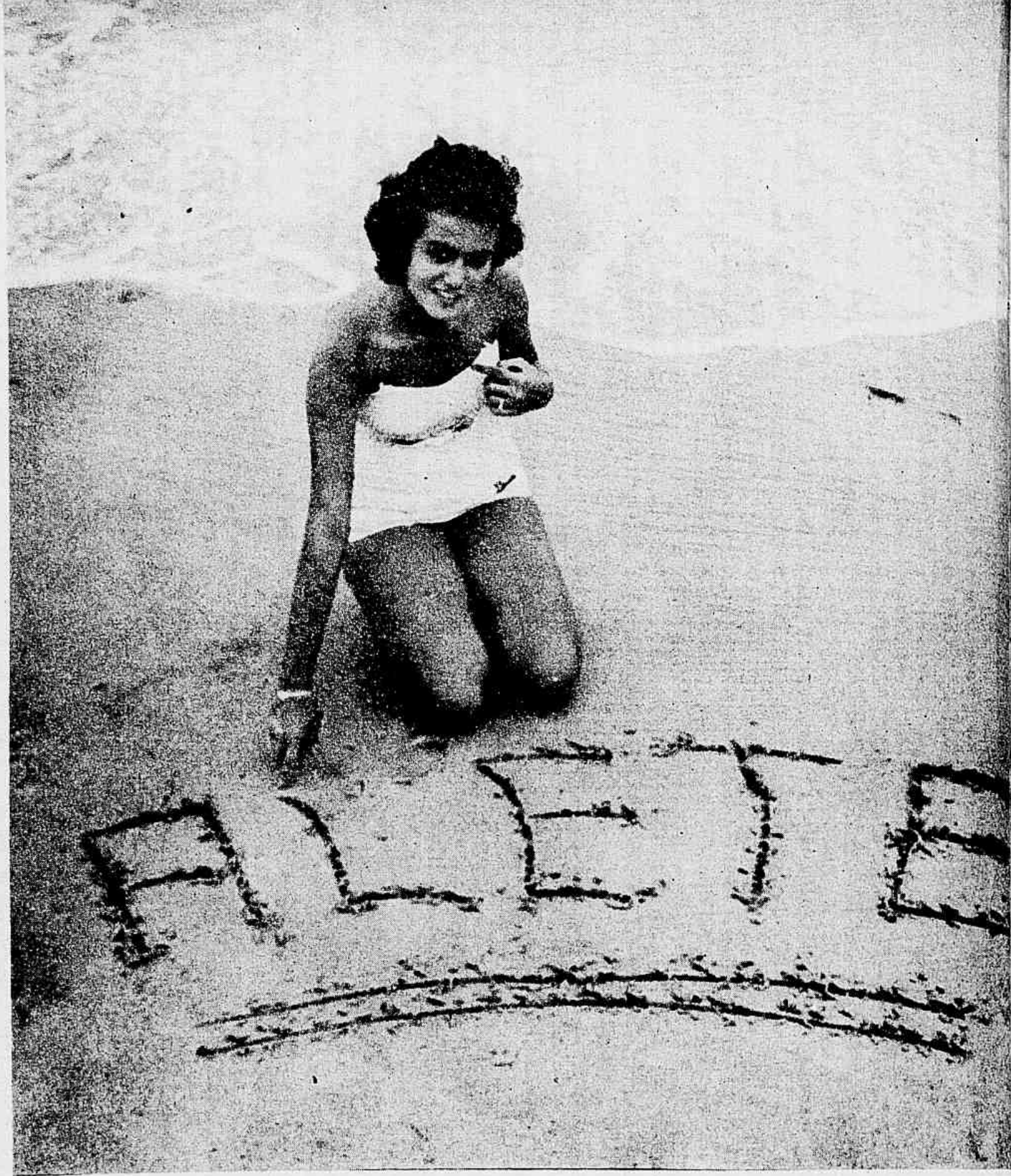
Tem dezenas de apaixonados e um deles já disse que bebe veneno, desde que seja preparado por ela.

Alete (sem o r mesmo) é irmã de Teresa e estudante. Tem um namôro crônico no período de férias (ele estuda no Rio), imediatamente desfeito na época de aulas.

Nosso Departamento Especializado tem nova ficha:

Alagoas — Maceió.

Edy, Teresa e Alete.



ELAS

DON FLOWER

GLAMOR GIRLS



"Está bem, está bem — 200 mil pelo carro. O que eu quero saber é se ela vai junto e até onde".



"Ela disse-nos coisas que não nos tinham acontecido ainda".



"É o meu pai! Depressa, fale sobre o tempo!"

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON n.º 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»
N.º
NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

RECEITA PARA SER

ACUSANDO NILTON SANTOS de ter deixado passar entre as pernas cinco bolas do ponteiro Stanley Mathews porque estava com saudade da mulher e de ser, por isso, o responsável pela nossa derrota (4x2) na Inglaterra, a CBD não quer incluir o médio esquerdo botafoguense na seleção brasileira à Copa do Mundo.

O critério de escolher os jogadores para a seleção de acordo com seu estado emocional é aconselhado em parecer do sr. Paulo de Carvalho (supervisor) e de Flávio Costa (até agora técnico). Com base nêle, Flávio e alguns homens do Conselho Técnico já começaram a elaborar a lista dos que irão à Suécia.

Os que defendem a posição de Nilton Santos no novo selecionado brasileiro dizem que o zagueiro botafoguense não deixou passar cinco bolas entre as pernas, nem foi culpado pela derrota do Brasil frente a Inglaterra. Mathews não costuma ir à linha de fundo para passar a bola ou centrar sobre o gol. Se naquele dia Mathews cruzou a bola de fora da área foi porque Santos o estava marcando muito de perto, coladinho a êle.

Raciocinam os que defendem Santos: se a bola é cruzada sobre o gol, cabe ao goleiro ou ao zagueiro central ou ainda aos homens que defendem a área rebater a bola. Pelo mesmo motivo (em 54) Castilho levou a culpa, êle e Pinheiro, pela derrota frente aos húngaros. Naquela época ninguém se lembrou de acusar Djalma Santos.

Para os que não concórdam com o parecer do sr. Paulo Carvalho, a culpa da nostalgia dos nossos jogadores cabe aos dirigentes do selecionado, que devem primeiramente corrigir seus erros antes de tentar corrigir os dos jogadores. De outro modo, não se pode esperar (agora ou nunca) uma vitória do Brasil na Copa do Mundo. Os 15 ou 30 dias na Suécia não são suficientes para ambientar o jogador, fazendo-o esquecer seu país e sua família.

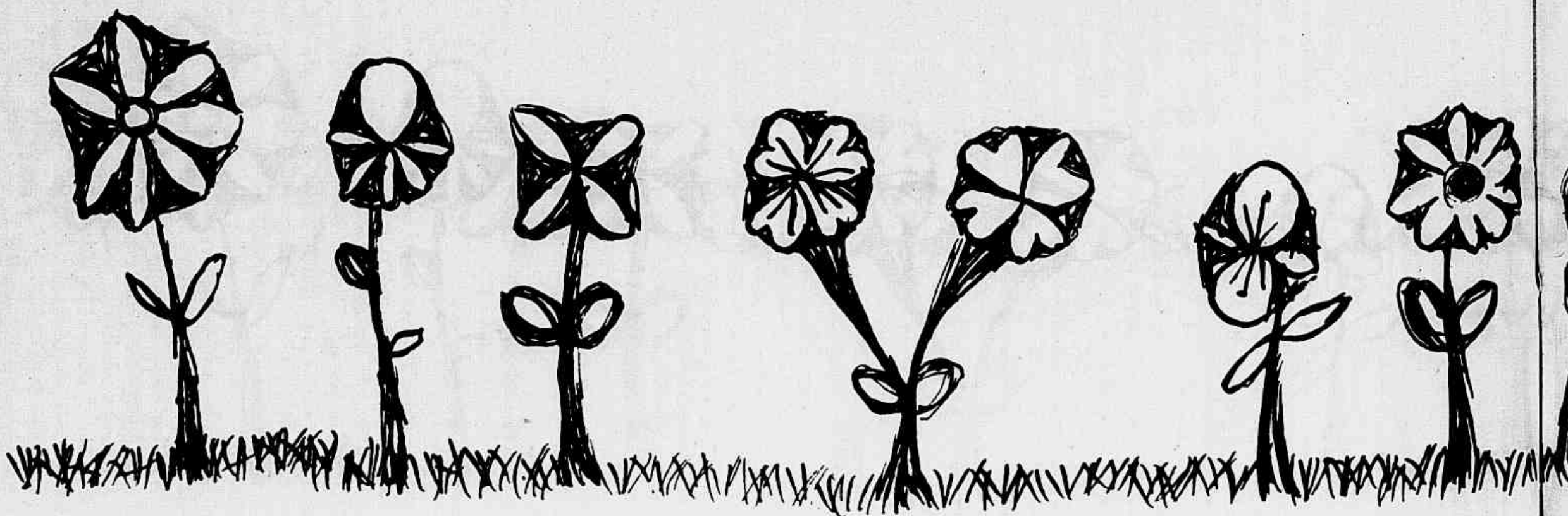
Um jornalista soviético que esteve aqui com o Dinamo de Moscou deu uma risadinha quando foi perguntado sobre o problema da nostalgia dos jogadores brasileiros na Europa. Depois da risadinha disse o seguinte: todo mundo sente saudade, todos têm nostalgia de sua terra e de sua gente: até mesmo os soviéticos. E os chilenos, uruguaios, alemães, ingleses, etc. Por isso os nossos jogadores não fazem excursões muito longas. Não deixam o país por mais de 30 dias, e assim mesmo os dirigentes procuram proporcionar-lhes o máximo de diversões para êles se esquecerem de que estão longe de casa. De modo contrário, os dirigentes não podem contar com os jogadores quando é necessário.

Acontece que os soviéticos (como os outros povos, em geral) estudam o assunto, debatem os problemas, e por isso chegam às conclusões exatas. A nossa CBD, ao que parece, tenta justificar o insucesso do nosso selecionado alegando a nostalgia, afastando os antigos culpados e procurando preparar caminho para apontar os próximos. E o motivo é sempre o mesmo: saudade da mulher, da noiva, da namorada, da mamãezinha. Daí se conclui: os nossos dirigentes são imaturos, não podem arcar com a responsabilidade de direção de uma equipe de 22 jogadores de futebol de categoria na disputa de um título mundial. E o nosso futebol é ruim? Os resultados das excursões dos clubes na Europa provam justamente o contrário.

O problema da nostalgia no jogador brasileiro tem sido estudado (na prática) pela observação dos técnicos que conseguiram os 5 últimos campeonatos: Solich (3 campeonatos), Martim Francisco e João Saldanha. A explicação: Solich impôs ao Flamengo um regime que vem sendo cumprido à risca até hoje. Êle faz um exercício de conjunto na quarta-feira com os jogadores. Nesse dia o treino começa na hora em que o jogo oficial deve começar, para o jogador sentir pelo menos a mesma temperatura. O jogador treina e deixa a Gávea às 18 horas. Jantam na concentração onde passam a noite. No dia seguinte, às 7,30 horas a camioneta volta ao estádio com os jogadores e tem início o treino individual, leve, às 8 horas. Às 9,30 horas não tem mais ninguém no estádio. Os jogadores do Flamengo só voltam ao campo na sexta-feira, à tarde, para novo (e último da semana) treino de conjunto. Jantam e dormem na concentração. No sábado deixam a concentração às 9 horas (e não 7,30 horas) treinam individual no estádio e às 11 horas regressam à concentração. Almoçam, duas horas de repouso, às 15 horas a camioneta leva-os para dar uma voltinha na Barra da Tijuca (lembra-se quando os jogadores passaram mal por causa de uma espiga de milho?) e voltam para o jantar. Domingo: logo de manhã fazem um ligeiro individual, lá mesmo na casa grande da concentração e almoçam logo depois. E mais: quando o jogo é com times grandes, considerado difícil, Solich ainda faz uma pelada momentos antes de seguir para o estádio. Êle participa da pelada, chutando de vez em quando, rindo bem alto. Agora Solich pergunta: os jogadores do Flamengo têm tempo, para sentir nostalgia?

Martim Francisco (em 56) levava os seus comandados para passeios pela Guanabara, visitando os recantos pitorescos da cidade. Nos sábados organizava sessões de cinema, "shows", etc.

João Saldanha, campeão do ano, não é um curioso em



CAMPEÃO DO MUNDO (I)

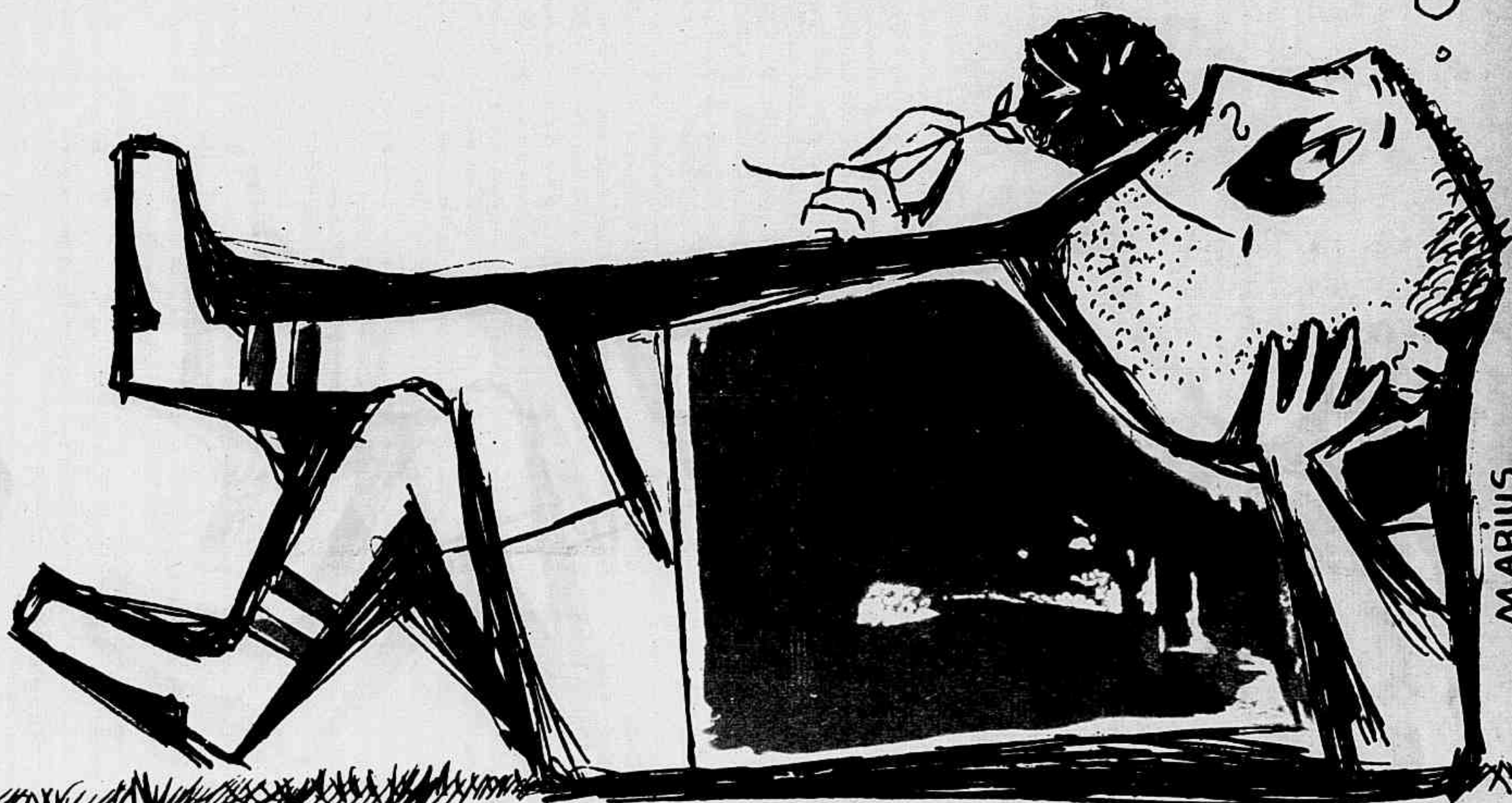
materia de futebol, como muitos poderão pensar: ele é um estudioso do nosso futebol e conhece o futebol de todas as partes do mundo. Leu tudo sobre futebol, concentrou durante todo o ano os jogadores do Botafogo só ao meio-dia, um dia antes do jogo. E levava todas as tardes os jogadores ao cinema e no domingo pela manhã realizava bons passeios. Ele pergunta: o tempo dos jogadores do Botafogo não é preenchido? Eles têm tempo para sentir saudades de casa?

Os dirigentes do Fluminense lastimam até hoje que se tenha falado tanto em decisão do título. Lastimam que não tinham seguido à risca o programa traçado para o Rio — São Paulo. Por esse programa o técnico tricolor levava os jogadores a passeios, com exceção de Cacá, que ficou em Água Branca, estudando.

O Fluminense compreendeu o erro, mas já era tarde.

Mas os homens da CBD ainda não entenderam isto. E os que se rebelam contra o parecer do sr. Paulo de Carvalho dizem:

1. é melhor levar Santos com nostalgia e tudo;
2. se não podem curar a nostalgia, dêem diversões a Santos e aos outros jogadores. É melhor que levar para a Europa jogadores sem técnica e sem categoria;
3. levar filmes com legendas em português;
4. não permitir baralho nas concentrações, porque o jogo de carta faz com que o atleta fume mais;
5. não se deve deixar o jogador com tempo vazio, para que ele fique pensando na família ou no adversário que terá pela frente;
6. húngaros e alemães eram vistos assim na última Copa do Mundo, andando e passeando pela cidade na véspera dos jogos: um foi campeão, outro, vice;
7. a seleção brasileira vai ficar na Suécia em local distante da cidade 35 quilômetros;
8. é bom mandar a seleção antes (não muito) para ir se acostumando, fazer pelo menos 2 jogos para aclimatar-se.





PERÓN PROCURA ASILO

INTERNACIONAL

TELEGRAMAS DE CIUDAD Trujillo, capital da República Dominicana, dizem que o ex-ditador argentino Juan Domingo Perón se encontra naquele país como hóspede de Trujillo. De outro lado, viajantes chegados de Ciudad Trujillo a Havana, Nova Iorque e Miami, relatam que assistiram ao desembarque de Perón, e que este deixou o avião, trajando uniforme do exército venezuelano. Alguns viajantes chegaram até a insistir sobre os detalhes do uniforme, o que, afinal de contas, ainda não significa grande coisa, pois é bastante fácil descrever a farda trajada por milhares de oficiais de um país americano.

Enquanto a imprensa divulgava estas informações, porta-voz do governo dominicano assegurava que Perón não chegara a Ciudad Trujillo, acrescentando que nenhum consulado dominicano lhe havia concedido o "visto" de entrada no país. Este fato também nada quer dizer, pois, até agora, poucas vezes os funcionários e porta-vozes de Trujillo disseram a verdade, na hora em que era preciso dizê-la.

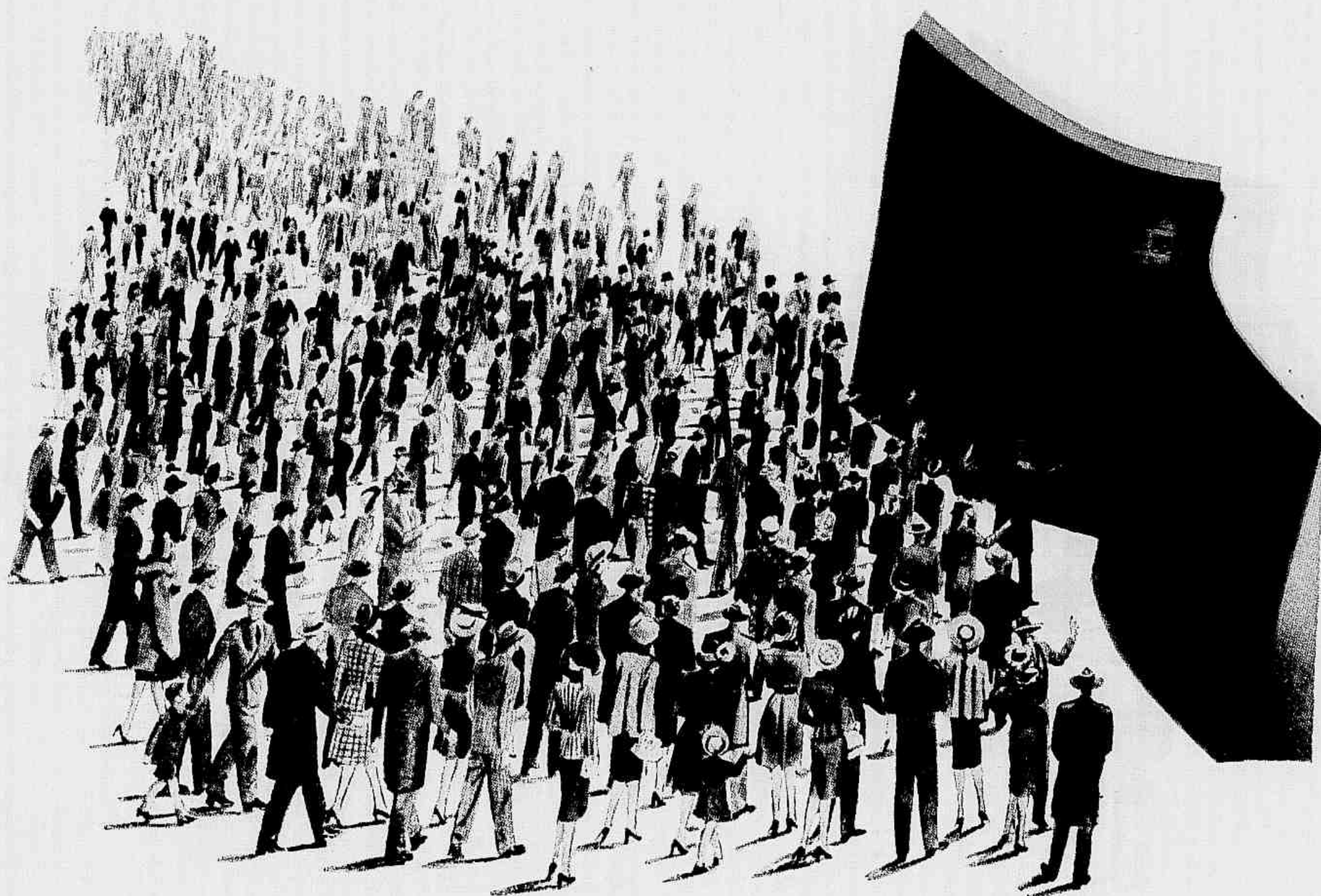
A realidade é a seguinte: Perón desapareceu de Caracas, onde sua presença não mais foi notada, nem no seu apartamento, nem no escritório alugado no centro da capital pelo movimento peronista, nem nas firmas comerciais onde o ex-

FALTAM

PAGS_62 A 66

MILHÕES DE LEITORES

vão consultar o



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1958

MAIS DE 300 PÁGINAS DE LEITURA ÚTIL PARA TODOS — PREÇO Cr\$ 50,00

O ANO: Católico, Evangélico, Israelita, Espírita, Médico, Teatral, Cinematográfico, Artístico, Ex-Librístico, Científico, Automobilístico, Aeronáutico, Bancário. — Informações variadas sobre os Calendários. — Contos e Narrativas Históricas. — Ciência — Economia Doméstica. — Testes. — Cinema. — Política. — Literatura. — etc.

REDAÇÃO: RUA VISC. MARANGUAPE N. 15 — LAPA

AS DONAS DE CASA PREFERIMOS

A nova escovadora EPEL



3 escovas raspa
encara
lustra

Modelo 58

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

R. PIRELLA — Rua da Consolação, 55 — Telas 24-2221 e 24-2224

Em São Paulo e Filial em Salvador

NO 24-222222 — São Paulo, SP — 9 andar — sala 207 — Fone 24-2221

